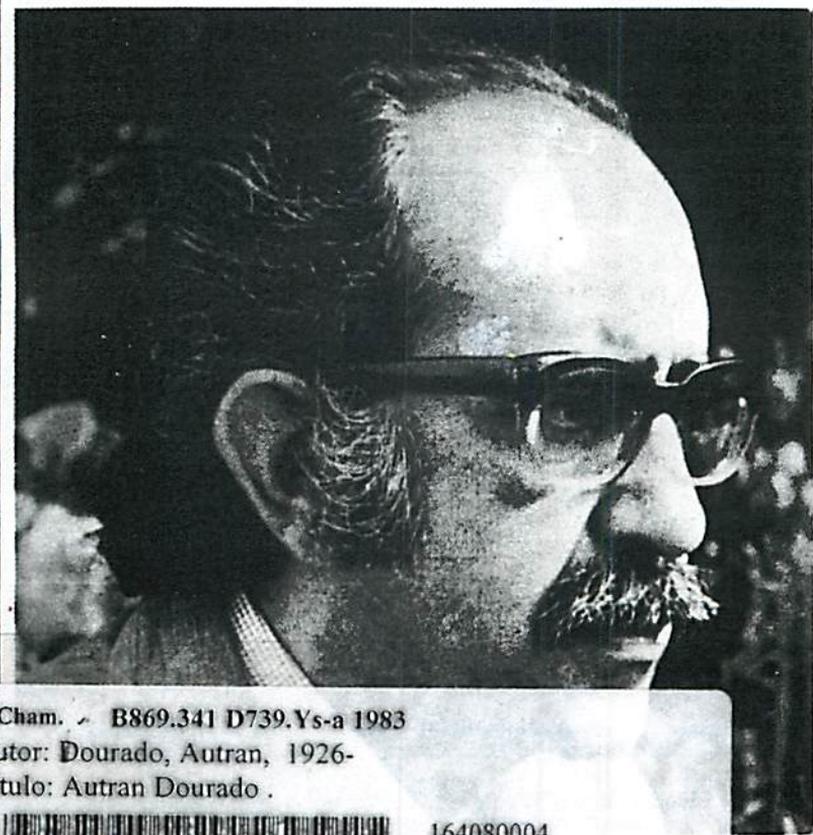


LITERATURA COMENTADA



AUTRAN DOURADO



N.Cham. / B869.341 D739.Ys-a 1983

Autor: Dourado, Autran, 1926-

Título: Autran Dourado .



164080004

13151

E CRIAÇÃO

0063.371

D739.Y/2-0

1983

AUTRAN DOURADO

Seleção de textos, notas,
estudos biográfico, histórico e
crítico e exercícios por:
ANGELA MARIA DE FREITAS SENRA

1983/03 1985
U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



164882004

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

LITERATURA COMENTADA

Sumário

Depoimento biográfico _____	3
Cronologia biográfica _____	14
Obras do autor _____	16
Textos selecionados _____	17
Panorama da época _____	99
Cronologia histórico-cultural _____	102
Características do autor _____	104
Exercícios de fixação _____	107
Atividades de criação _____	109
Bibliografia consultada _____	111
Índice _____	112

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA

25 / 10 / 2000

1640800-04

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Proseando com Autran Dourado

Conversamos na casa de Autran, em Botafogo, no Rio de Janeiro, em julho de 1982. As perguntas e respostas se diluíram e, às vezes, até se calaram no entusiasmo, na emoção, na angústia...

Os leitores não terão uma entrevista, perguntas e respostas ordenadas — como, quando, onde, para quê... Precisarão seguir o risco torto de um bordado feito com voz falha e mão trêmula. Reclamarão, quem sabe, do fato curioso que escapou, da gargalhada que ficou guardada, das explicações para o, quem sabe, inexplicável. Participarão da conversa solta que pede linha e agulha, costureiras das nossas falas e emoções.

Chovia no Rio e não tínhamos guarda-chuva para proteger, prosaicamente, gravador e fita.

Se escapou alguma gota d'água, é lágrima que caiu do céu ou subiu do mar, como diria, com certeza, uma personagem de Autran Dourado.

É Autran agora que falará.

Infância pelo resto da vida

A gente carrega a infância pelo res-

to da vida e ela vai, de uma certa maneira, nos orientando ou nos cegando.

Nasci em Patos de Minas. Meu pai, juiz de Direito, foi transferido para Monte Santo de Minas quando eu tinha um mês de vida — não conheço a cidade onde nasci. Considero-me de Monte Santo, onde passei a minha infância até aos treze anos de idade. Monte Santo é a cidade que, de uma certa maneira, mais se aproxima da minha cidade mítica de Duas Pontes, cenário de muitas de minhas histórias, com exceção de *Os Sinos da Agonia* e *A Barca dos Homens* — que são, vamos dizer assim, um outro tipo de temática. Monte Santo é uma cidade muito importante na minha formação, sobretudo na formação emocional, porque a gente não muda muito a partir da infância, não é?

Cortador de pauzinhos e guerrilheiro

Tive uma infância muito boa para o meu padrão de vida brasileiro, porque meu pai era a primeira autoridade judiciária em Monte Santo.

Meu avô materno, Osório de Freitas, era um daqueles cortadores de

pauzinhos do interior de Minas; meu avô paterno, Ângelo Dourado, era coronel do Exército Libertador, na Revolução Federalista, contra a ditadura de Floriano Peixoto. Exilado no Uruguai, Ângelo Dourado (personagem de um conto de Augusto Meyere autor do livro da Campanha Libertadora, *Voluntários do Martirio*) aderiu à guerrilha, na "bandeira" de Gomerindo Saraiva, lutando ao lado de Aparício Saraiva ou "Saravia", que é como Jorge Luís Borges grafa o nome do caudilho em "La Otra Muerte".

Não conheci meu avô paterno, cuja memória, sombra poderosa, contrasta com a figura do meu pai, Telêmaco Autran Dourado, homem da lei e da ordem, apesar de impulsivo. E meu pai, por sua vez, nunca me contou essa história de ter nascido no Uruguai: mesmo velho e aposentado, contava que vinha do Rio Grande do Sul, com aquele pavor com que as nossas ditaduras militares modelam as crianças.

Meu avô materno, o coronel Osório, trabalhava com café, quando carecia de dinheiro; teve uma fazenda, um armazém beneficiador. E sobretudo "trabalhava" com coisa nenhuma. Foi o homem mais livre que conheci: seu jeito de ser era uma lição de vida. O coronel era uma figura muito curiosa, daqueles cortadores de pauzinhos que ficavam no sem o que fazer, no interior de Minas, cujos detalhes, pitorescos, aproveitei para criar o avô do meu conto "A Glória do Ofício", de *Solidão Solitude*. Não é ele propriamente; você sabe que a gente transmuda, transfunde, recria, mas, de uma certa maneira, ele serviu de ponto de partida para a criação do avô Euclides.

O carinho que cessou

Minha infância foi muito antipedagógica. Nunca fiz grupo escolar; ti-

ve sempre uma professora particular, com mais dois ou três alunos. No quarto ano, dona Avelina Martins Cunha, minha professora, me deu pra ler, não sei se para me experimentar ou me martirizar, o romance *Eurico, o Presbítero*, do português Alexandre Herculano.

Meus irmãos estudavam em São Sebastião do Paraíso e, quando chegou a minha vez, precisei de esperar um pouco; ficava muito pesado para o meu pai pagar colégio pra todos os filhos.

Fiquei mais um ano estudando com professora particular — a rigidez e o nível de meus estudos primários me permitiram fazer o ginásio sem estudar.

"Mais que as lágrimas, o internato me deforma as coisas", escreveu, um dia, meu amigo Wilson Figueiredo.

O internato me marcou muito. Você vê que eu saí de uma cidade pequena, abrigado no seio familiar, e fui para o internato. Deixei uma professora particular, que me dava muita atenção e um carinho muito especial, e fui solto num meio que a mim me pareceu selvagem — o internato. Foram experiências muito dolorosas para mim; algumas eram amargas, porque eu não entendia aquele mundo — eu era o menor da turma.

Era um internato de leigos em São Sebastião do Paraíso; se fosse de religiosos, teria sido pior ainda. Vivi uma experiência de educação concentrada, convivendo com pessoas mais livres e broncas — isso representou para mim uma certa violência (o que, aliás, é o que caracteriza a vida concentracionária).

Aproveitei a vivência do internato em "Três Histórias do Internato", que fazem parte de *Solidão Solitude*, embora não seja eu personagem.

O internato me deu uma experiência muito amarga, muito dolorosa. Não é que o ginásio fosse ruim, o

ginásio era bom. O problema era pessoal, meu: foi o carinho que cessou, de repente, num pavilhão de alunos.

Encontros marcados

Depois do internato, meu pai foi transferido como juiz para Belo Horizonte. Em Belo Horizonte, estudei no colégio Afonso Arinos e fiz o curso científico no colégio Marconi, onde tive professores muito bons.

Um deles, professor de Filosofia, Arthur Versiani Veloso, me ajudou muito. Ficou meu amigo, me deu livros pra ler, me indicava programas culturais. Em 1944, se não me enganar, me sugeriu ouvir uma série de conferências na Biblioteca Municipal de Belo Horizonte, com autores como Sérgio Milliet e Oswald de Andrade. Ouvi o Oswald fazer uma conferência muito curiosa, muito agitada. Me impressionou muito a atitude dele, o tipo de agitação que fazia: atacou Alceu Amoroso Lima e Otto Maria Carpeaux, considerados na época conservadores, de direita até.

Da janela da Biblioteca Municipal, via passar Mário de Andrade, cercado de piás.

Godofredo Rangel foi decisivo na minha formação de escritor. Aos dezessete anos eu tinha pronto um livro de contos e levei até ele meus escritos. O velho escritor leu os originais e me disse: "Felizmente você não é precoce. Guarde o livro e continue lendo, atualizando-se". Me aconselhou a ler Stendhal, Flaubert, Tchecov. E, em caixa alta, MACHADO DE ASSIS. Me disse também que "só a língua portuguesa é insuficiente para uma boa formação literária"

Sábato Magaldi, já na Casa de Afonso Pena (Faculdade de Direito), onde me matriculei em 1945, me introduziu no grupo de jovens escritores mineiros: Wilson Figueiredo, Jacques do

Prado Brandão, Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Murilo Rubião. Fiquei conhecendo também Hélio Pelegrino e Francisco Iglésias. Foi um período muito importante, de trocas de leituras e impressões, além de muita agitação — estávamos inebriados com a política, que a ditadura nos sonegava

Através do Sábato conheci escritos de Cornélio Pena (no meu primeiro livro há sinais de Cornélio Pena). Me apresentou também ao poeta Emílio Moura, que ficou meu amigo

O Sábato foi uma ponte entre a minha solidão, o meu isolamento e esse pessoal que fazia literatura ao mesmo tempo que eu. Nos nossos encontros diários, deixávamos a Casa de Afonso Pena, íamos até a leiteria Celeste, ao lado do *Estado de Minas*, onde comecei a trabalhar levado pelo Carlos Castello Branco, secretário do jornal.

(Pausa para o café com rosquinhas que a Lúcia, esposa de Autran, traz gentil e discretamente. Lembro ao Autran que no seu tempo, no meu tempo, no tempo de hoje, os estudantes de Direito de Belo Horizonte seguem a mesma picada: Casa de Afonso Pena, bar da esquina da rua da Bahia, e, alguns, a redação do *Estado de Minas*. O prédio da Faculdade foi modernizado, o papel do *Estado de Minas* piorou...)

Escritor e taquígrafo

Aprendi taquigrafia ainda no tempo do ginásio e comecei a trabalhar como taquígrafo quando estava na Faculdade de Direito. Foi a minha profissão, de uma certa maneira. Fui taquígrafo da Câmara Municipal de Belo Horizonte e da Assembléia Legislativa do Estado. Quando o Juscelino foi eleito governador de Minas, o

escritor Cristiano Martins me procurou dizendo que o Juscelino precisava de um taquígrafo que fosse, ao mesmo tempo, escritor. Só tinha eu em Minas Gerais. Embora meu pai conhecesse e fosse amigo do Juscelino, eu não o conhecia, não tinha contato com ele. Estabeleceu-se uma relação de amizade e de trabalho que durou nove anos. Fui oficial de gabinete no governo Juscelino em Minas Gerais, e depois secretário de imprensa na presidência da República.

O interregno da presidência da República alterou meu método de trabalho. Trabalhei para os outros imensamente nos tempos de Juscelino, perdendo noites de sono, dormindo em horas extravagantes, lidando com políticos, com pessoas que nada tinham a ver com as minhas cogitações. Meu trabalho de escritor ficou tumultuado; minha disciplina foi alterada: não conseguia manter meu programa de trabalho. Nessa época, escrevi alguns contos e continuei um pouco *A Barca dos Homens*, que já tinha sido começada.

Encerrei minha experiência política (minha "militância política", porque continuo a me interessar por política) há mais de vinte anos.

Um trato diferente com a palavra

O meu processo de trabalho é bem diferente. Não que a taquigrafia me faça escrever mais rápido — consigo produzir geralmente, depois de quatro, cinco horas, no máximo duas páginas. Não há velocidade; o que existe é um trato diferente com a palavra. Tenho dificuldade ortográfica, vou permanentemente ao dicionário. Na taquigrafia, a palavra só tem sentido dentro da frase. Não existe pontuação; só o ponto, não há vírgula.

Depois do texto taquigrafado, pronto, vou pra máquina, onde traduzo: boto vírgula, vou acertando o ritmo, reescrevendo, retrabalhando. É nesse espaço de tradução do taquigrama que apreendo a palavra na sua totalidade, e não como desenho, não só foneticamente — visualizo e sinto-a de outra maneira. É nessa fase que eu trabalho mais intimamente a palavra (altero, mudo); é quando se dá uma outra elaboração, uma segunda visão, uma outra percepção.

Conversando uma vez com o João Cabral, quando lhe disse que escrevia à taquigrafia, ele me falou: "Puxa, você deve escrever então muito mais depressa". Ao que respondi: "Você sabe, João, e melhor do que eu, que o problema não está em escrever depressa e sim em achar a palavra. O problema é a luta com a palavra".

Idéias súbitas e perguntas estapafúrdias

Não gosto da palavra inspiração, embora eu gostasse de ter o que chamam de inspiração. Quando me aparece uma idéia súbita, que é como gosto de chamar o ato inicial criador, minha tendência é imediatamente ir escrever, como qualquer pessoa. Mas eu me refreio e vou deixando aquilo germinar dentro de mim por uns seis meses — vejo palavras, nomes simbólicos de personagens e lugares, isso, aquilo. Leio muito, faço pesquisas, estudo bastante. Para isso, preciso de ter o ambiente que Lúcia me dá. Sou bem casado com ela há muitos anos. Temos quatro filhos e duas netas, Manuela e Joana.

Minha mulher Lúcia (Maria Lúcia Christo Autran Dourado) é de uma família mineira muito antiga. Conhecia-a quando ela fazia o curso de Letras na Faculdade de Filosofia,

freqüentávamos juntos, o ateliê de Guignard, na escolinha de arte no Parque Municipal. Quando estou escrevendo, Lúcia me auxilia, e quanto! Me diz, por exemplo, como mulher sente, toda hora rompo a minha solidão escrevinhadora para lhe perguntar qualquer dúvida que tenho em francês, por exemplo. Lúcia, apesar do seu feitio calado e discreto, é muito lida e participante de minha vida intelectual. Vivemos uma solidão a dois, que dói. Quero ver se agora mudo de vida, não é possível fazer uma mulher como ela sofrer com a minha solitária vida de escrevinhador.

Quem me dá informações práticas são minhas velhas tias Ângela e Maria. Preciso de saber coisas, de gente que sabe coisas e não de gente que tem idéias. Faço a elas várias perguntas sobre coisas reais, de que careço para criar o meu mundo imaginário e sofrido. Nome de vestuário feminino, tintura de cabelo, essas coisas objetivas, essenciais para um escritor que usa a realidade para recriá-la miticamente, fazer uma nova realidade, a artística. Saber como era isso e aquilo num tempo assim e assado.

Gente que sabe do real e das coisas me auxilia, não intelectuais. A minha amiga Maria Amélia do Prado Brandão, quando estou escrevendó, sofre diariamente comigo. Faço-lhes várias perguntas, às vezes as mais estapafúrdias, e elas me respondem sempre. Minha mulher Lúcia é que é a minha primeira leitora, trocamos idéias, discutimos pra burro. Respeito a sua inteligência, as suas leituras, a sua sensibilidade, o seu recato.

Quanto a meus filhos, eles revelam, pela escolha de suas profissões, um certo lado meu. Tenho uma psicóloga (Inês), dois arquitetos (Ofélia e Lúcio) e um músico (Henrique), que acaba de se formar no Conservatório de Música de Boston e está trabalhando em Campinas.

Sou feliz. Não! Acho **feliz** uma palavra horrível. Considero-me só em parte realizado, embora em constante conflito comigo mesmo

"A escrita é o sustentáculo"

Ganhei o prêmio Goethe pelo meu último livro publicado, *As Imaginações Pecaminosas*. A perspectiva de ir para a Alemanha, sem falar alemão, me dá uma certa angústia. Sou um homem de vida rotineira. Admito que haja escritores que sejam homens de ação, como Malraux, por exemplo, um grande escritor e homem de ação. sou mais um homem de elaboração, de pensar. De uma certa maneira, a gente vai ficando muito sozinho, vai limitando o ato de viver, a vida, para escrever. Se há para mim alguma aventura, é a aventura da escrita. A escrita é o sustentáculo da minha solidão. Mas confesso a você, Ângela, que não tenho o menor prazer de escrever. Escrevo porque me sinto frustrado quando não escrevo.

"A Europa nunca se curvou"

Tenho vários livros traduzidos no exterior, mas não acredito em excessiva repercussão. Lá fora, a Europa nunca se curvou ante mim ou o Brasil. Os livros, a cultura costumam ter a importância que o país tem. Temos uma grande dificuldade para a tradução brasileira: nossa língua é falada por muito poucas pessoas que circulam na formação da cultura. E a dificuldade já começa no editor estrangeiro, que não tem leitor crítico para selecionar os livros brasileiros a serem traduzidos: em geral, quem faz a seleção são portugueses ou espanhóis, que têm falares parecidos com o nosso.

Não me preocupo demais com isso. Preocupo-me com linguagem, com a obra no Brasil. O resto mais, que me vem de fora, me é dado por acréscimo, como diz a Bíblia.

Caminho para o vazio

Escrevo regularmente, apesar de estar "em recesso" no momento, germinando e trabalhando uma idéia súbita que tive há oito meses.

No Brasil, o importante para o escritor é ter as manhãs ou as noites livres...

Trabalho na Justiça, na parte da tarde, o que me garante o sustento, e me permite escrever até a hora do almoço. Não sou um escritor profissional, embora tenha livros em várias edições. Não vivo de escrever. Vivo quase que para escrever.

Terminei meu último livro, *O Meu Mestre Imaginário*, que acaba de sair pela Record. O meu mestre imaginário, que aparece já na minha *Poética*, foi inventado para dizer as coisas que eu não tenho coragem de dizer. Tem uma formação cultural semelhante à minha; formação dos cronistas portugueses, como Fernão Lopes e João de Barros. De clássicos como Vieira, que sempre gostei de ler.

O Meu Mestre Imaginário é um livro de ensaios fantasia. O mestre tem até nome — Erasmo Rangel. Ele diz coisas incríveis, cita errado, inventa nomes, mistura autores existentes com autores nunca existidos; é um personagem que diz coisas extravagantes, alucinadas, atrevidas, que eu, tímido, recluso e introvertido, não tenho coragem de dizer...

Quando você começa a escrever, você tem de aprender e ir desaprendendo. Você tem de esquecer. Ou o que você leu entrou no seu sangue ou não entrou. Se não entrou, se está sol-

to, isso é matéria que deve sair na urina. Enquanto você escreve, não tem de se preocupar com ninguém nem com nenhuma teoria. Você desaprende para criar, digamos assim. Todo dia recomeço da estaca zero, só a minha mão sabe das coisas. Minha mente é a ordenadora, senão não faria arte e sim confissão, como agora me abrindo.

Todo problema se resume no aprendido e no desaprendizado. Quando comecei a escrever, escrevia com muito mais facilidade. Hoje escrevo com mais dificuldade — a impressão que tenho é que chegarei até a tortura máxima do silêncio. Cada vez que se escreve — e isso é que nos prende à escrita —, o que há pela frente é o vazio, o abismo.

Depois de cada livro que acabo de escrever, acho que não sei mais nada, que desaprendi de escrever, que, para o próximo livro, tenho de recomeçar do nada, só com a minha mão, a minha memória, o meu coração.

As mil e uma Minas

Minha cidade de adoção, Monte Santo, foi destruída, a casa de meu avô e a igreja velha postas abaixo. E Belo Horizonte, importante na minha formação, mudou. Aparentemente. Por debaixo, a problemática continua a mesma. A mesma Minas contraditória. Minas subversiva. Minas conservadora. O mineiro lida com essa dicotomia de uma maneira muito particular, com uma certa sabedoria, embora sofra demais por isso.

Essa idéia estereotipada de uma só Minas conservadora não prevalece — há várias Minas. Se assim não fosse, nosso Estado não estaria no plural — Minas Gerais.

“O que eu procuro é entender Minas”

Considero que estou ficando mais sozinho, mais solitário, me distanciando cronologicamente de Minas, mas cada vez mais temporalmente mineiro. Continuo cada vez mais de Minas, cada vez mais voltado para o passado e para as Minas que me pesam. O dia em que eu entender aquela Minas barroca e pós-Concílio de Trento (o nosso Concílio continua sendo o de Trento e não o Vaticano II), o dia em que eu entender Minas Gerais, acho que paro de escrever. São essas as inquietações que traduzem a ligação que sinto com Minas, minha carne, espinho e unha. Prometo a você mudar, gostaria muito de parar de escrever, de entender Minas. Quero sair emocionalmente de Minas, é duro de doer. Amor mal contrariado...

Não faço regionalismo, que, para mim, é coisa encastoadada no tempo. A minha região me interessa por outro tipo de problema, pelo que trago dentro de mim e ela me revela o que sou. Veja esse baú do meu bisavô, o coronel José de Almeida Freitas, com as iniciais gravadas: J. A. F. É esse baú de emoções que venho carregando comigo vida afora. É ele o meu passado e o passado das minhas Minas...

Um batedor de carteiras...

Não sou, também, um contador de “causos”, um regionalista, como costumam me rotular alguns críticos. A história é o elemento que o escritor usa para prender a atenção do leitor, para entretê-lo, enquanto lhe bate a carteira. E essa carteira é a emoção

Fotos: Arquivo de Austrian Dourado



Francisca Autran Dourado, à esquerda acima, e Ângelo Cardoso Dourado, ao lado, avós paternos de Autran Dourado. Em Patos de Minas nasceu, em 1926, Autran Dourado, mas passou a infância em Monte Santo de Minas. Acima, nesta cidade: Telêmaco, o pai, Alice, a mãe, e os irmãos Telêmaco, Aluizio, Waldomiro (Autran), Vinício e Francisca.



Até os treze anos de idade, quando foi feita esta foto, Autran Dourado a cavalo, o futuro escritor morou em Monte Santo... Em 1940, foi estudar em São Sebastião do Paraíso.



Em 1942, com dezesseis anos, acima, Autran Dourado formou-se no ginásio, em São Sebastião do Paraíso, quando começou a escrever os primeiros contos. Acima à direita, em 1947, com farda, prestando o serviço militar. Ao lado, com a esposa, Lúcia, e seu filho mais novo, Lúcio, em 1947. Abaixo, recordação dos tempos da Faculdade de Direito: a cédula de identidade do 5º ano do curso.

FACULDADE DE DIREITO
DA
UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS
Ano letivo de 1949

O Sr. Valdomiro Autran Dourado

matrícula nº 49, sob o nº 12, na 1ª turma do Curso de Bacharelado.

Paulo de Castro
Diretor da Faculdade de Direito da UFMG







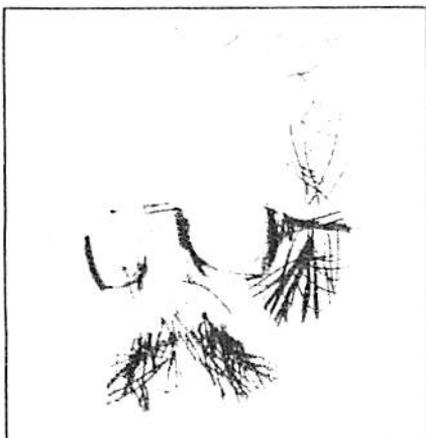
Autran Dourado entrou no jornalismo em 1945, no jornal Estado de Minas. Na redação, acima, com o escritor Wilson Figueiredo, colega de trabalho. Por duas vezes Autran trabalhou com Juscelino Kubitschek: em 1950/54, como seu oficial de gabinete no governo de Minas Gerais; em 1955/60, como secretário de imprensa de JK, na presidência do país — foto ao lado.



Como secretário de imprensa de Juscelino, Autran Dourado acompanhou diversos atos do presidente. Na foto, JK empossa Israel Pinheiro na presidência da Novacap, em 1956, companhia que seria responsável pela construção de Brasília.



O escritor e alguns momentos de convivência literária: ao alto, a partir da esquerda, Autran Dourado, Ciro dos Anjos e Alphonsus de Guimaraens Filho, 1956, no lançamento do romance *Montanha*, de Ciro; acima à esquerda, em 1957, Autran autografando o livro *Nove Histórias em Grupos de Três*, no lançamento, acompanhado pelos escritores Eliseo Condé, a seu lado, Valdemar Cavalcanti e Eduardo Portela, em pé, tendo sido este, posteriormente, ministro da Educação; acima à direita, em 1959, em companhia do escritor Ferreira de Castro.



Autran Dourado hoje, aplaudido escritor: numa caricatura de Poty e foto recente.

CRONOLOGIA BIOGRÁFICA

1926	Nasce, no dia 18 de janeiro, em Patos de Minas, Minas Gerais, Waldomiro Freitas Autran Dourado, filho de Telêmaco Autran Dourado e Alice Freitas Autran Dourado. Faz seus estudos primários em Monte Santo de Minas e o curso ginasial em São Sebastião do Paraíso.
1930	Aos quatro anos de idade, impressiona-o muito a prisão do pai, juiz de Direito, pela Revolução de 30.
1932	A Revolução de 1932 marca-o também pela proximidade de Monte Santo de Minas, cidade onde morava desde o primeiro mês de vida, com São Paulo.
1943	Escreve seu primeiro livro de contos, guardando-o a conselho do escritor Godofredo Rangel. Matricula-se na Faculdade de Direito de Minas Gerais, onde convive com os escritores estudantes mineiros de sua geração.
1945	Participa da revista literária <i>Edifício</i> , de curta duração. Convive com os artistas plásticos do grupo Guignard, de quem era amigo. Convive também com Franz Weissmann, Amílcar e Milton Dacosta.
1949	Bacharel em Direito, inicia-se no jornalismo no <i>Estado de Minas</i> . Casa-se com Maria Lúcia Christo. Do casamento nascem: Inês, Ofélia, Henrique e Lúcio.
1950	Deste ano até 1954, trabalha no Palácio da Liberdade como oficial de gabinete no governo Juscelino Kubitschek.
1954	Muda-se para o Rio de Janeiro.
1955	Deste ano até 1960, secretário de imprensa da presidência da República no governo Kubitschek.
1961	A partir de <i>A Barca dos Homens</i> , traduzido para o alemão, o francês e o espanhol, torna-se mais conhecido e começa a ser estudado nos colégios e universidades. Há várias teses, prontas ou em andamento, sobre sua obra, no Brasil e no exterior.
1973	Seu livro <i>O Risco do Bordado</i> é indicado para o vestibular das universidades do Rio de Janeiro, na companhia de Machado de Assis, Drummond, Bandeira e Aluísio de Azevedo.
1974	Como escritor visitante, ministra na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro um curso sobre os problemas da ficção e seus próprios livros, de que resulta a segunda parte de <i>Uma Poética de Romance: Matéria de Carpintaria</i> .
1976	<i>Os Sinos da Agonia</i> é escolhido para os exames de agregação das universidades francesas.

1977	Participa da obra coletiva <i>Missa do Galo</i> , variações sobre o tema de Machado de Assis
1979	Em março, presta depoimento na Biblioteca Mário de Andrade, durante a Semana do Escritor Brasileiro, promoção da Secretaria de Cultura do Município de São Paulo, sobre os seus anos de aprendizado
1982	Com seu livro <i>As Imaginações Pecaminosas</i> (1981), ganha o prêmio Goethe de literatura, juntamente com Antônio Callado (pelo seu livro <i>Sempreviva</i>)

OBRAS DO AUTOR

- Teia*. Belo Horizonte, Edições Edifício, 1947.
- Sombra e Exílio*. Belo Horizonte, Edições João Calazans, 1950.
- Tempo de Amar*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1952.
- Três Histórias na Praia*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1955.
(Hoje, parte de *Solidão Solitude*.)
- Nove Histórias em Grupos de Três*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957. (Hoje, parte de *Solidão Solitude*.)
- A Barca dos Homens*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1961.
- Uma Vida em Segredo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- Ópera dos Mortos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
- O Risco do Bordado*. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1970.
- Solidão Solitude*. Rio de Janeiro, Difel, 1972.
- Uma Poética de Romance*. São Paulo, Perspectiva/INL/MEC, 1973.
- Os Sinos da Agonia*. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1974.
- Uma Poética de Romance: Matéria de Carpintaria*. São Paulo/Rio de Janeiro, Difel, 1976.
- Novelário de Donga Novais*. São Paulo/Rio de Janeiro, Difel, 1976.
- Armas & Corações*. São Paulo/Rio de Janeiro, Difel, 1978.
- Novelas de Aprendizado (Teia e Sombra e Exílio)*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- As Imaginações Pecaminosas*. Rio de Janeiro, Record, 1981.
- O Meu Mestre Imaginário*. Rio de Janeiro, Record, 1982.

A Barca dos Homens

A *Barca dos Homens*, lançado pela Editora do Autor em 1961, é considerado por Autran Dourado como um romance "de transição", ponte entre textos como *Tempo de Amar* (1952) e *Uma Vida em Segredo* (1964), *Ópera dos Mortos* (1967), *O Risco do Bordado* (1970), *Os Sinos da Agonia* (1974).

O romance se divide em dois movimentos que flutuam num tempo simbólico de viagem. O primeiro, "O Ancoradouro", abarca oito fragmentos (veremos o subfragmento intitulado "O Cemitério da Praia"), que tratam dos preparativos para a "saída". O segundo, "As Ondas em Mar Alto", corresponde ao "final" da viagem, à noite da busca de Fortunato considerado

como criminoso.

A Ilha da Boa Vista é a "barca" que conduzirá os passageiros nessa travessia imaginária. Na segunda parte, a terra firme ("ilha") é substituída pela água ("mar alto"). Essa transformação se faz pela presença de uma atmosfera fluida: personagens, tempo e espaço do romance armam uma narrativa estilizada, fragmentada, que se estrutura, se solidifica num bloco contínuo.

Em "O Cemitério da Praia", Luzia inicia as crianças no conhecimento da realidade do mar. E penetrar nos segredos do mar significa, no romance, desvendar a vida da Ilha da Boa Vista.

*Nota do editor: Autran Dourado é um escritor que elabora seus textos preocupado até com os menores detalhes, transformando todos os sinais impressos em matéria literária, visando a efeitos singulares. Ele utiliza as vírgulas, interrogações e exclamações de forma muito pessoal. Insurge-se contra as normas oficiais de uso do hífen (exemplo: "vai-se fazer"), aproximando-se do jeito de falar do brasileiro, especialmente o de Minas ("vai se fazer"). Além disso, às vezes, deixa de utilizar aspas, negritos ou as maiúsculas convencionais propositalmente. Nesta edição, procurou-se respeitar integralmente a obra de Autran Dourado, não adequando os textos selecionados aos critérios que usualmente norteiam a edição.

I / O Ancoradouro¹

1 — O Cemitério da Praia

Quantas vezes Luzia² prometera levar os meninos ao Cemitério da Praia. Quando não queriam dormir, principalmente Margarida, que espichava o mais que podia o tempo acordado, Luzia vinha com o Cemitério da Praia, palavra mágica, objeto misterioso do lado escuro do mundo em que viviam. Havia o lado escuro e o lado claro, negrume e luz.³ Eles começavam a viver, eles começavam a viver a sua realidade.

Vinha Luzia com o Cemitério da Praia. Vamos logo, meu bem, uma coceirinha nos olhos, areinha branca, pozinho de nuvem, que amanhã bem cedinho nós vamos ao Cemitério da Praia. Uma fala pastosa, quase matéria de sonho.

Helena, Dirceu e Margarida dormiam no quarto da frente, que dava para a Praia das Castanheiras, onde adormeciam ouvindo o arquejar do mar noturno e a fala mansa de Luzia. Fala e onda quebrando mansas. Mansinhos eles quase dormiam, lutavam com o sono, já sem forças para resistir. Onda e fala, quebrando mansinhas.⁴ Os olhos com a poeira do sono, já acesos de sonho, tudo se misturava, dia e noite, fechavam as pálpebras, agora não queriam dormir, pensavam no passeio de amanhã. O sonho nos olhos, o barulho incessante do mar, o-sono-vindo-não-vindo, formavam uma só névoa onde se entranhavam esquecidos do vulto gordo de Luzia, dos olhos amarelos de Luzia, da cor preta de Luzia, que era a vida de fora, a vida dos

¹ "O Ancoradouro" é o título do primeiro capítulo de *A Barca dos Homens*. Divide-se em oito fragmentos: "O Cemitério da Praia", "As Aranhas", "A Casa da Câmara", "Os Peixes", "A Madona e o Menino", "Um Começo de Homem", "O Beco das Mulheres" e "A Nave de Deus".

O dicionário define ancoradouro como "o lugar apropriado para as embarcações lançarem âncora".

Observe os títulos dos fragmentos e faça um inventário dos participantes dessa viagem metafórica. Observe também a simetria entre os blocos, considerando os títulos do primeiro e do último fragmento. Você percebe alguma relação entre os títulos desses fragmentos?

² Luzia, de "luz". Os nomes etimológicos são buscados conscientemente e assim são usados, escreve Autran, em *Poética de Romance: Matéria de Carpintaria*: "São nomes verdadeiros, sempre; nunca inventados ou extravagantes. Nomes comuns e existentes, em que se buscam vários níveis de significação, e nesse sentido são usados (...). Vários níveis que se aprofundam mais e mais, vagarosamente, contando sempre com a comunicação autor-leitor (...). Há porém nomes destituídos de sentido simbólico pelo menos do nível da consciência do autor ao escrever. Deixa-se assim ao leitor o trabalho de elaborá-los e enriquecê-los".

Pense, desde agora, no significado de Luzia, "luz", e vá acompanhando seus "raios" (claros ou escuros) através da narrativa.

³ O "lado claro e o lado escuro" insinuam-se nesse primeiro fragmento do romance tingindo finalmente toda a narrativa. Dia e noite serão, aos poucos, fundidos pelo mar.

⁴ Observe que a fala de Luzia, suas histórias e o barulho das ondas vão e vêm na narrativa, dando-lhe o mesmo ritmo, o vaivém das águas do mar.

outros, que aos poucos iam abandonando, para sonhar.⁵ O cheiro de Luzia às vezes era um cheiro de magnólia, ou de jasmim? Já sonhavam?

Margarida, a menor, tinha poucos sonhos, afundava-se numa moleza sem fim. Dirceu misturava as coisas do dia, os restos das praias, os bichos, os peixes cortando como espadas velozes a água clarinha das poças, as audácias abandonadas e um mundo escuro onde perdia os pés, caía ou deslizava? Helena sonhava mais, crescia, despertava nela um conhecimento que o corpo ia lhe dando — espichava os ouvidos para o barulho das ondas, e mesmo de dia se punha a sonhar. Nela era mais aguda a realidade negrume-luz, claridade-sombra. O mundo dos pais, dos conceitos, do dever, da justiça, era todo luz; o dela, de que de uma certa maneira Luzia e Fortunato participavam, era a noite escura de solidão em que ela se afundava, perdida.⁶ Vinha, peregrina na terra, de um mundo a outro, da luz para a escuridão, da escuridão para a luz. E toda ela era feita de remorso e culpa, de pecado e solidão. Da claridade que sufocava de tanta luz, seca, ao negrume úmido da noite. No mundo claro se achava integrada, toda amor pelos pais, mas sentia como um apelo irresistível o poder das trevas. Sem saber, sem querer ia trilhando o longo caminho que conduz ao coração do homem. Helena pensava, Helena sonhava, sonhava como o corpo ia começando a ficar comprido — aai, meu Jesus, ui de novo — como ela parecia um frango de peçoço pelado, longa, abandonada, nua num galinheiro onde galinhas bicavam.

O pai, porque tinha algumas idéias, não gostava que os meninos fossem ao Cemitério. Aliás, tinha sempre algumas idéias. Ter idéias é como ter roupa ou ter dentes. Falava sobre o perigo da morbidez na infância. As palavras engrossavam na boca, procurava as palavras com os olhos ansiosos, como quem mastigando uma carne de peixe teme encontrar, ou espera, um espinho. Cemitério não é bom para criança, dizia. Os meninos esperavam. Ora, deixa de ser implicante, Godofredo, dizia a mulher, sempre pronta a defender os passeios dos meninos contra as idéias do marido. Que mal pode haver no passeio, perguntava. Muito, menino não tem nada que fazer em cemitério. Ela dizia irritada lá vem você com as suas idéias. Godofredo custava a voltar à carga, fechado na sua paternidade. Que interesse pode ter cemitério para um menino? Sei lá, dizia ela, eles querem ir, é o que basta. Você, dizia Godofredo, é que é culpada dos meninos serem assim. É mórbida. Depois, cemitério é doentio, faz pensar na morte muito cedo. Godofredo mastigava a sua posta. Ela ajuntava argumentos. Você diz isto porque nunca foi ao Cemitério da Praia. É um lugar muito bonito, muito quieto, perto do mar, onde há uma paz imensa, e onde a gente pensa em tudo, menos na morte. E o silêncio que há, quando o mar está calmo, só o barulho

⁵ Luzia vai sendo delineada em função da sua proximidade com as forças naturais. É a figura cósmica — a mãe — que faz a ligação entre mar e terra, acalenta e protege.

⁶ Etimologicamente, os termos Helen (a), Helle ou Selene, significando “brilho”, ligam-se à idéia de luz, já presente no nome de Luzia, e trazem, ao mesmo tempo, a idéia de escuridão (Helle, Helen ou Selene são variantes de Semele, a deusa lua). Entretanto, o brilho da lua se liga à escuridão da noite, opondo-se à luz do sol. A fala de Helena constrói-se a partir da relação negrume-claridade. Sua passagem para a vida adulta significa entrar no mundo da escuridão. O mundo dos pais, a infância ficam no lado claro — a claridade liga-se ao desconhecimento das coisas.

das ondas pequenas. Bestinha e presunçosa, pensou ele, e disse suas palavras são inspiradas... mas não me comovem, não gosto de cemitério. Pois devia gostar, dizia ela, é muito bom lá. Talvez lhe fizesse bem... E como ele visse um ligeiro sorriso nos lábios da mulher: estou vendo que você é pior do que a Luzia, mais mórbida, com a cabeça cheia de bobagens. Você não gosta é de pensar, Godofredo. Quando encontra uma idéia para se proteger, está salvo, é como tábua de afogado. Ele procurou uma idéia, não encontrou. De pensar bobagem não gosto mesmo não, disse com raiva.

Calavam-se. Maria sabia que aquelas conversas não agradavam ao marido, mas continuava. Por que aquele medo tão grande de pensar na morte, nos problemas da vida? Por que sempre a escamoteação? Nunca vira o marido entrar num cemitério e muito menos visitar defunto. Os olhos de Godofredo enchiam-se de um pavor tão grande quando viam um aleijão, que ele mal se continha. Maria cismava horas, aliás Maria gostava de cismar.

Luzia desde sempre morou na ilha. Nascera ali em Boa Vista, ali dera luz ao filho Fortunato⁷ e ali mesmo pretendia morrer, para ser enterrada numa cova rasa do Cemitério da Praia, o mar ressonando de noite junto ao seu corpo enorme, sobre ela, enchando a terra de ruídos, embalando os mortos, como ela ninava e embalava os meninos já quase dormindo. Os meninos custavam a dormir. Luzia sonhava muito com o seu corpo imenso no cemitério, mergulhada no negrume de luva da terra, os olhos furados, sendo comida por uma porção de bichinhos invisíveis, tinha um pavor horrível. Benzia-se várias vezes seguidas, pedia à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro ou à primeira nossa senhora que lhe acudisse à cabeça, para não feder muito, não queria incomodar os outros. Aquele cheiro esquisito de flores murchando, de carne apodrecendo, de gente suando. Que a livrasse sobretudo das moscas, meu Deus. Da gosma. A gosma no canto da boca aberta. Mas às vezes vinha um sonho bom no cemitério. O corpo dançava leve, sem peso como o corpo de uma criança, ela própria virava de novo criança, com os meninos de Maria em volta, brincando de roda, depois iam contar as conchinhas incrustadas na argamassa dos túmulos. Ela espantava como uma mosca o pensamento do corpo molhado de chuva — uma roupa úmida, fria — mergulhado na terra. E sonhava. E sonhava então com um tempo muito mais distante de sua vida, um tempo que ninguém, só ela conhecia, perdido em dor, sem cor, bruma. Nessas horas parecia gordor como as nuvens cheias de chuva ou um elefante doente.

Engraçadas as idéias de Luzia. Os meninos pediam para contar histórias. As histórias se arrastavam longas junto ao borrar da cozinha, no fogão de tijolo cheio de picumã. Era a sua própria vida feita em pedaços de casos que os meninos nunca puderam distinguir das histórias inventadas. Os casos. O colo de Luzia era muito quente — e as coxas grossas, os seios gordos, redondos e bons — aquecia os meninos, envolvia-os um cheiro de mato pisado e cheiro de preto mesmo: um cheiro que as narinas jamais esqueciam, por mais que mil flores e frutos os embalsamassem, um cheiro que lembraria mais tarde os casos de Luzia, a crônica de sua vida que eles sem

⁷ Fortunato, segundo o dicionário De Moraes, significa "sorte, destino, ventura, boa ou má". Vá situando a personagem a partir do significado do seu nome. Teça sua travessia, pensando sempre na ambigüidade traduzida pelas definições do dicionário.

saber iam criando, esta história que vou ordenando, as noites em Boa Vista, o próprio rumorejar das ondas, o-sono-vindo-não-vindo, a zona indecisa do sono chegando. Amanhã bem cedinho nós vamos ao Cemitério da Praia. Uma cocceirinha nos olhos. A fala pastosa. Ela e o seu negrume.

Noutros tempos ela cuidara de Maria, que adormecia quando pequena ouvindo as mesmas histórias que não envelheciam, toda vez que vinha com os pais passar o verão em Boa Vista, como agora tomava conta dos filhos dela, com o mesmo carinho e amor severo: eram quase seus netos. Negro quando pinta, quando nada duas vezes trinta.

Como ficava triste a casa quando as férias acabavam e a família tinha de ir embora, como espichava a sala de jantar. Ela sonhava com a volta dos meninos, conversava com Fortunato sobre eles. Mas era inútil conversar com o filho, ele nunca entendia as coisas direito: o olhar parado e suspenso, a boca úmida e aberta. Dava pena vê-lo. Luzia tinha o coração pesado, doendo. Os olhos de Fortunato perseguiram uma outra visão, ingênuos, voltados para dentro, estáticos quando não conseguiam alcançar o sentido das palavras. Ele só entendia quando falavam de coisas, e então ria muito, até que a mãe mandava parar. Pára, gritava ela. Era mesmo inútil conversar com Fortunato, antes falar sozinho. Somente Tonho parecia entender as idéias descosidas e absurdas de Fortunato, o seu riso sem fim. Mas Tônimo⁸ era um pescador fracassado, um bêbado que andava desnordeado pela ilha. Talvez fosse a bebida que o aproximava das visões malucas de Fortunato, e ele fingia entender. Não, antes falar sozinho. A aura que cercava Fortunato, os olhos para dentro ou para além. Falar sozinho era melhor.

Era o que fazia quando a saudade dos meninos lhe apertava mais o peito e os olhos se enevoavam de lágrimas.

Quando a família ia embora e a casa aumentava desmesuradamente, os quartos e o corredor eram um mundo perdido, ela lavava a roupa a fim de ganhar o sustento. Fortunato, esse, coitado, não servia nem ao menos para entregar um rol de roupa lavada. A freguesia tinha medo dele, de seus olhos espantados, das histórias que corriam a seu respeito. Falavam que quando a coisa dava nele ficava perigoso. Por mais que Luzia dissesse que o filho era bom, que era incapaz de fazer mal a uma formiga, ninguém queria saber dele.

E a história de Almerinda, a cabra? Faz muito tempo já, respondia. E as fugas? Um tempão que não vai se embora. E as vezes que esteve internado no hospício? Foi uma vez só.

Os olhos nadavam em lágrimas, um bolo seco na garganta impedia-a de falar, não era capaz de explicar aos outros que o filho era bom, Fortunato tinha apenas a cabeça fraca, não entendia as coisas direito. Ninguém acreditava. Só Maria e os meninos não temiam Fortunato. E Tônimo, que não contava, um bêbado que não se atrevia mais a sair como antigamente em qualquer barca, quando o mar era grosso, e ficava quando sem beber como marisco nas pescas de recife. Tônimo tinha má fama. Era preferível que o filho não gostasse dele. O próprio seu Godofredo tratava Fortunato com descon-

⁸ Tônimo, abreviatura de Antônio. Antônio significa "chefe, principal, vanguardeiro". Observe a ironia na utilização do nome, que vem, inclusive, abreviado, cortado, acentuando a falha, a carência da personagem.

fiança, não queria que os filhos ficassem muito perto dele, principalmente as meninas.

E Fortunato, embora com quase trinta anos, não fazia outra coisa senão andar o dia inteiro pela ilha, de praia em praia, de penedo em penedo,⁹ cantando ostras que comia com esganção, ou na colônia de pescadores do lado do continente, esperando os barcos voltarem da pesca, ou vagando no cais sujo, a ouvir como o canto de um menino morto a sirena da Fábrica, que espantava as visões dos olhos opacos, dos olhos afundados no seu porão ou muito tempo parados no brilho das escamas e das lajes, das ondas que batiam de mansinho na amurada. Naquele mar sujo da parte velha de Boa Vista os olhos de Fortunato eram mansos como peixes. Apascentavam nuvens, lavravam ondas que ninguém podia entender. Quando a inquietação crescia, o delírio virava um bicho terrível, andava tanto que os pés sangravam e ele não podia parar. Dava socos surdos no peito, gritava nas praias desertas. E os olhos doíam cheios de saliva das lágrimas. Ele não podia parar. Andava. Não podia. Andava, andava. Perguntava por que aquele espinho doía tanto no peito. Luzia escutava os gritos apavorada, como ele ouvia o canto de menino morto da sirena da Fábrica, o coração fundo de dor, aqueles mesmos gritos que os barcos dão uns para os outros em noite de cerração.¹⁰

E ela chorava escondido a sua mágoa, era imunda aquela vida, como dilacerava, tinha horror das perguntas do filho quando ele andava e ela trazia os olhos vermelhos de choro.

Mãe, por que você chora? Que é que lhe está machucando? Ele só entendia de machucado, o seu corpo, as suas lembranças de carne. Como só sabia das coisas pelo cheiro, pelo ruído, pela cor e formato. Nada, meu filho, respondia, é a fumaça do fogão.

O andar de Luzia era macio, o corpo bamboleava gordo, como um barco nas ondas, macio e ritmado como as próprias ondas. Pisava leve, com medo de acordar as crianças ou as vozes adormecidas nos quartos quando a casa vazia. O riso largo, gostoso, com sonoridades que acompanhavam Helena no sonho, como o mar que a fazia sonhar enquanto o corpo espichava, ui Jesus, cresci. Uma mocinha, dizia Luzia com amor: as gengivas sem dentes, vermelhas e brilhantes. Luzia, por que você não vai a um dentista fazer uma dentadura, perguntava Helena já mocinha, já sabida. À toa, não me ajeito com aquelas coisas. Dona Maria uma vez me deu uma, mas eu nunca me arranjei com ela. Quando foi mesmo que ela começou a chamar Maria de dona Maria? Como é que você mastiga? voltava Helena enfiando perguntas. Ora, mastigando. E dava uma gargalhada comprida, como se estivesse deliciando as suas gengivas grossas e vermelhas. Antes de comer amassava a comida nos dedos, fazia um pequeno bolo, que engolia com gosto. Os meninos olhavam-na com inveja, eram obrigados a comer com talher. Os três costumavam se esconder no fundo do quintal só para comer como Luzia. Helena acanhada, já era quase uma mocinha.

⁹ Estabeleça a analogia entre os movimentos de Fortunato, as ondas do mar, o murmúrio das histórias de Luzia

¹⁰ Para Luzia, todo grito é dor de Fortunato (sua própria dor)

Na ilha diziam muitas coisas de Luzia. Que ela não sabia quem era o pai de Fortunato. Sabia sim, mas não contava. Que é que tinham que ver com quem lhe fizera filho? Quando apareceu de barriga grande, o finado dr. Alberto, pai de Maria, quis levá-la à delegacia, a fim de fazê-la casar. Mas Luzia contou alguma coisa? Nada, nem piou. Para que casar, dr. Alberto, se o porqueira nem ao menos merece ser pai do menino?

Assim Fortunato nasceu sem pai, dizia. Cresceu na ilha, solto como bicho brabo. Mas à medida que o corpo crescia, o espírito ficava para trás como espiando alguém que ia fazer uma longa viagem. Se não fosse a violência de que às vezes era possuído, aqueles olhos grandes e ingênuos apenas dariam a visão de uma alma criança. Na verdade ninguém podia dizer quantos anos tinha: às vezes no seu riso parecia um menino, noutras um velho. Maria tentou ensinar-lhe alguma coisa, mas não conseguiu que conhecesse uma letra sequer. Arranjou livros de psicologia, fez jogos de cartolina, perdia horas estudando a maneira de se aproximar do espírito de Fortunato. Tudo inútil, ele não aprendia, não entrava nas letras que eram como pequenos bichos cheios de curvas, como formigas em dia de correição, embaralhavam a vista. Dava pena vê-lo querendo aprender, os olhos espantados, grandes, presos nos lábios de Maria. O seu espírito estava condenado a não amadurecer.

Meu Deus, por que fizeste criaturas assim, interrogava Maria com pena de Fortunato, se sentia quase sua irmã, passando juntos as férias da infância.

Se Fortunato não conseguia aprender as letras, os segredos da ilha e do mar não lhe eram estranhos, tinha uma acuidade especial para as coisas da natureza. Tõnho costumava dizer que Fortunato era como as enchovas, que sentem o vento antes dele chegar. Sabe quase tudo do mar, dizia Tõnho aos outros pescadores. Pela cor da lua podia dizer se na manhã seguinte o mar era manso ou bravo. Tõnho, amanhã, mar grosso, dizia. Nem mesmo os melhores pescadores, os mais acostumados com os segredos do mar e do vento podiam prever o tempo com tanta certeza. Só de cheirar o vento podia dizer se vinha tempestade.

No tempo em que Tõnho ainda tinha coragem e não era tão sozinho, Fortunato costumava sair com ele na barca Madalena, noite ainda, aventurar-se no mar largo, ver a superfície fosforescente do mar como escamas de peixe quando o dia raiava. Lá longe, na alva manhã, via a cidade como uma fita branca estendida ao redor da costa, a cinta dourada ou branca da praia. Ajudava a deitar e a puxar a rede, quando a pesca era de rede, ou arranjava as iscas, se a pesca era de vara. Olhava Madalena como se ela fosse gente. À noite, quando a barca estava de quilha para o céu, na areia, era como uma dona dormindo o seu ventre cheio de crianças. Mas a barca Madalena há muito estava encostada nos encolhos, o casco pedindo breu e remendo. A barca só servia para abrigar Tõnho quando bêbado vinha bamboleando à sua procura, como um menino procura o seio de sua mãe, para dormir no seu bojo, para sonhar grandes peixes.

Não, nem todas as coisas que diziam de Luzia eram verdade. Ela não se dava à macumba, embora conhecesse ervas como ninguém. Sabia coser pés luxados e algumas doenças, mas só o fazia depois de muita insistência do doente. Nunca fez nada contra ninguém, mesmo em casos amorosos não se metia. O que Deus ata, ninguém desata. Isso é lá com Santo Antônio, mi-

nha filha, que é santo dessas coisas, não é comigo, dizia quando vinham procurá-la. Só uma vez mexera com as ervas com toda a fé: foi quando a barca Esperança, do finado Bento, padrinho de Fortunato, ficou perdida no mar. A comadre, coitada, em desespero, viera procurá-la pedindo ajuda pelas cinco chagas de Cristo. Pelas cinco chagas de Cristo não podia negar. Comadre Luzia, pelo amor que tem em Deus, salve o meu Bento, que o mar danado quer engolir ele.

Por mais que Luzia mexesse com as ervas e orixás, o mar bravo de tempestade engoliu mesmo o pescador Bento de Sousa, português de nascimento. Outros barcos tentaram descobrir Esperança, cavalgando ondas encrespadas, gritando para a noite. As mulheres procuravam consolar Conceição, que Deus era misericordioso, enquanto os homens estavam no mar. No dia seguinte, a porta da igreja amanheceu cheia de tocos de velas, velas de promessas pela salvação da barca Esperança. Mas Bento não voltou, nem seus dois companheiros. Os restos do casco da barca apareceram dias depois, a boiar no mar liso, verde luminoso.¹¹ Nem ao menos puderam enterrar o corpo no pequeno Cemitério da Praia, com uma inscrição bem simples — Bento de Sousa, morto no mar, gravada na madeira ou pintada. O Cemitério da Praia tinha muitos túmulos assim.

Hoje vamos ao Cemitério da Praia, disse Luzia acordando os meninos.

Num instante se aprontaram, em algazarra, Margarida gaguejava de tanta aflição, procurava ela mesma amarrar os cordões do sapato. Era quem mais sonhava com o Cemitério da Praia, ela nunca tinha ido lá. Dirceu guardava projetos de ampliar o passeio, ir mais além, subir pelas pedras, nadar na Praia dos Padres. Ou então, o que seria muito melhor, ir até ao Largo da Câmara (mas isso só podia fazer sozinho ou com Fortunato, aquela parte da cidade lhe era vedada), ver os presos dependurados nas suas janelas, conversar com alguns deles, os de crimes famosos sobretudo, que na verdade eram três — para quem o menino olhava com medo e respeito. Ou então sentar-se simplesmente no cais, ver o trabalho dos homens descarregando o pescado. Puxava uma gaita de bolso, se entediava, olhava o mar de novo. É preciso que se diga que, de uns tempos para cá, não estava precisamente em lugar nenhum, sempre querendo ir mais além: não era aqui que eu desejava vir, ruminava quase com ódio. De quem? Quem era o culpado? Certamente eu tenho culpa no cartório. Seu pai dizia. Como se disse, estava sempre querendo ir mais além. Era um navegador. O naufrágio da nau Santo Antônio, dizia fazendo um mistério. Eu sou culpado. Helena, a que estava em segredo descobrindo que possuía um corpo, o corpo espichava como um frango implume — ela sempre sonhava mais — ouvia por um instante parada o barulho do mar e o dia luminoso lá fora — Helena não falava, um baque, um grão de mostarda dentro do peito, os olhos acesos, cozinhando o sonho. Descobriu, ninguém notara, uma coisa muito importante para ela, que se passara dentro do seu corpo comprido e a fizera estremecer de espanto, contrita. Pronto, o baque.

¹¹ Conhecendo o significado das palavras "bento" e "esperança", elabore o sentido simbólico de Bento (pescador) e Esperança (barca), relacionando-os com a sua função na narrativa

Luzia gingava, o corpo gordo balançando como um barco ao ritmo das ondas, os pés firmes, rachados nos calcanhares. Conhecia a ilha a palmo, todas as costas, e o mar — tinha um parentesco com o mar, sabia quase todas as histórias daquele mar sem fim. Azul, verde, sumarento? Na sua memória o mar se misturava com os homens, era uma só matéria com os casos dos homens em luta com o mar, os homens se entranhando no mar como pequenas sementes na terra úmida, o mar roendo a terra, onde as lembranças que eram suas e não do mar? Tudo andava tão fundido, tudo como vai-onda e volta-onda no mar.¹²

Olha só o barulho do mar, disse Helena, já agora refeita do susto da descoberta — enquanto caminhavam para o cemitério. Olha o ruído redondo, descobriu satisfeita. Disse Dirceu que ruído redondo, sua bobal! Onde é que você ouviu falar isto, disse meio aborrecido, pois agora se enfadava de ir ao Cemitério da Praia, queria ir à Praia das Meninas ou à Praia do Riacho. Queria mesmo era ir à Casa da Câmara. Procurava se consolar, porque realmente não estava em lugar nenhum: nas praias mais longe havia muitas conchas, caramujos, e assim cedo, talvez achasse um cavalo-marinho, que deixaria secar e depois passaria o esmalte de unha da mãe.

Vamos, meninos, disse Luzia, não fiquem discutindo aí à toa por causa do barulho do mar. O mar tem barulho à vontade. Conheço o mar muito. Eu vou contando pra vocês, com o tempo. Pra se entender o mar é preciso de tempo, é preciso amar o mar. É preciso ter o mar dentro da gente, feito na igreja, no escuro, a gente tem Deus dentro da gente. Ninguém olha, tem medo de olhar pra dentro, é como andar no escuro, de começo não vê nada, depois tudo clareia, e a gente vê Deus, tem partes com ele, a gente desaparece todinha. O mar também é assim mesmo.

Helena parecia ter entendido. Eu conheço o mar, disse com certo orgulho, os olhos sempre cismando em sonhos. Aquilo de Deus ela já tinha percebido, não sabia era dizer. O negrume e a claridade. Ao menos um pouquinho do mar que eu vejo, concordou com alguém imaginário. Ele é só seu conhecido de vista, disse Luzia rindo.

Enquanto caminhava, puxando os meninos pelas mãos, ia dando nome às coisas que viam.¹³ No primeiro dia Deus criou a luz. Como é que chama aquela rede lá, que o homem vai pescar siri? Puçá. Quando os homens voltam da pesca, que é que eles fazem com as redes? Lavam e estendem pra secar. Depois é salgar o peixe, se pegaram algum. Por que é que os homens matam os peixes, perguntou uma vez Margarida. Por que os homens matam, repetiu Luzia. Porque os homens gostam de matar peixe, gostam de comer peixe, pensou Luzia como resposta. Os homens gostam de matar. Mas às vezes é o peixe que se vinga do homem e o mar mata dezenas deles,

¹² Observe a relação entre os seguintes movimentos: *balanceio* de Luzia, *murmúrio* das suas histórias, *vaivém* dos sonhos das crianças, *vai-onda* das crises de Fortunato, *volta-onda* da mão no papel. A escrita é movimento, flutuação, travessia. Em *A Barca dos Homens*, a narrativa se estrutura em blocos que viajam, boiam, chocam-se, fundem-se.

¹³ Preste atenção na apresentação ritualística de cada objeto e de sua função. É através das histórias de mar e dos homens do mar que Luzia inicia as crianças na vida.

como já vi, pensava. Mas o homem não tem culpa, tem que matar o peixe. O mar também tem que matar os homens? Os pensamentos de Luzia se confundiam sempre neste ponto, quando não sabia responder se o mar tinha obrigação de matar os homens. E o homem matar o homem? Não, ela não se fazia esta pergunta, apenas tinha uma intuição muito forte e escura da morte dos homens. Por isso interrompia o rumo das divagações. Pra você comer ensopado, disse Luzia. E os quatro riram muito da graça mais engraçada de Luzia.

Já estou cheirando o mar, o meu peito está cheio de mar, anunciou Helena a descoberta. Queria ter o mar dentro do peito. Deus e o mar. Como Luzia sabia aquelas coisas? Olhando pra dentro. Lembrou-se de uma história que tinha inventado uma vez, que era assim mesmo. Um menino descobriu, um menino doente, corrigiu ela, que amava uma estrela. De tanto amar, de tanto olhar para a estrela e para dentro, a estrela veio morar dentro dele. Mas ele viu que a estrela tinha sempre estado dentro dele, como um vago-lume no escuro, pisca e apaga. Todo mundo desapareceu para ele, o pai, a mãe, os irmãos, tudo. Fez ali um trono para a estrela. Um dia o menino olhou para fora e viu que a claridade cegava, teve medo da estrela. A estrela então se fez de ruim e voou para o céu. O menino ficou oco, e estava então muito doente. A estrela no céu e ele vagando na terra, feito assombração, só que assombração é alma penada e ele não tinha alma, tinha morrido. Helena chorava pra dentro, para que os outros não vissem. Cheirou de novo o mar. O mar está fino hoje. Agora foi um baque fundo, sentiu. Mas vai engrossar logo mais, disse Luzia, sei disso. E pensou — eu conheço o mar. Não tão bem como Fortunato, mas conheço. Fortunato foi feito na beira do mar, nasceu quase no mar.

E ficou imaginando a ressaca de noite, o estrondo na praia.

Passaram a Praia das Castanheiras, que se enchia de banhistas. A cor nova do mar — só agora as coisas começavam a encorpar as suas cores — um azul líquido e fraco, quase se misturava com a poeira fina do céu sem nuvens. Em alguns pontos, perto das pedras, nódoas de mar verde, que subia em espuma pelos buracos das pedras, bichando-as ainda mais. Era de noite que o trabalho do mar aumentava, roía com mais fúria as pedras. Roía e arquejava. E mais além, pequenos coágulos róseos de concha, reverberando ao brilho do sol. Os olhos estonteados, os meninos atravessavam as pedras. Da pedra mais alta, a mais lisa, Dirceu levou a mão em pala sobre os olhos, espreitou o horizonte distante, voltando vagarosamente a cabeça. Não avisto nenhum navio de minha frota, disse a um imaginário imediato. Os piratas abordaram no Golfo do México, com certeza. O Governo de Sua Majestade não toma nenhuma providência, o reino está entregue aos ratos. Os livros de histórias que a mãe costumava ler lhe forneciam vasto material para a grandeza do seu reino. O reino e as palavras.

Margarida começou a chorar porque Dirceu lhe pisara o pé. Luzia consolou-a. Visivelmente Dirceu se aborrecia. Precisava muito conversar com Fortunato, apurar umas coisas que ele andava vendo ultimamente nos bichos. Fortunato entendia muito de bicho. Ele Dirceu sabia outras coisas, que Fortunato olhava embasbacado. Sim, teria sido muito melhor ficar com ele, em vez de estar acompanhando aquelas bobas. Helena não dizia nada, tonta de luz, tonta de mar, tonta de sonho, tonta de estrela. Ela queria ver logo as sombras do cemitério. Não havia sombras no cemitério, mas era co-

mo se houvesse, diante da profusão luminosa do mar — apenas a sombra da castanheira da entrada e a acácia junto ao muro do fundo.

O Cemitério da Praia ficava na saída do gargalo que as pedras e o mar faziam. Aconchegado no pequeno vale, onde as casas subiam pelas encostas, brancas, e a igreja antiga sobranceira — quando os sinos alavam puros sons como redes nas praias brancas — o cemitério aproveitava o recôncavo entre os penedos: os muros baixos e brancos não pareciam obras de mãos humanas; tão bem colocado, nascia do chão como uma árvore nasce do chão: o cemitério parecia mais uma rocha ou árvore.¹⁴ Ou um bicho que engole os homens que o mar vomita, pensou Luzia lembrando naufrágios e desastres. Mas ela não pensara aquilo sobre as casas brancas nas encostas, e os sinos da igreja sobranceira e as redes aladas: vira apenas e ligava lembranças, buscava fundo na alma as ressonâncias daquela paisagem na memória. Quando João da Cruz morreu, Chico Corvina quando se espatifara nas pedras e a barca Senhora da Conceição deixara o fundo em leixões eriçados, quando o mar estava brabo, era mais assim que pensava.

Não pise nas covas, Dirceu, que tem gente dormindo embaixo, disse ela. Dirceu deu um pulo para trás, com medo. Luzia tinha cada idéia! Ora, gente dormindo debaixo de seus pés: estão mortos. Não conseguiu dominar facilmente o medo que lhe apertou estreito o coração.

Que coisa mais bonita, disse Helena espevitada, fazer coroas de conchas do mar e pôr para os mortos lembrarem do mar e da gente. Eu gostaria que alguém fizesse uma assim pra mim... tão linda... tão, meu Deus... Fecha a torneirinha, Emília, disse Dirceu, já superior. Por que será que você só sabe abrir a boca pra falar besteira? Não me chamo Emília, nem disse besteira. Você é (procurou muito tempo uma palavra digna que a mãe costumava dizer) in-sen-si-vel. É do livro, sua burra, disse ele. Disse ela então você é o Visconde de Sabugosa. Ele de propósito não deu confiança ao insensível. Que coisa, meninos, vocês estão sempre brigando, disse Luzia. Cemitério é lugar de respeito.

Margarida se sentou numa pedra, alisando o dedo que Dirceu pisara. Está doendo, minha filha, perguntou Luzia. A pequena baixou os olhos molhados. Vem ver que risco bonito fazem as conchas que enfiam no cimento e na massa, disse Luzia. Margarida veio mancando de fingimento por causa daquele está doendo, minha filha, não estava doendo tanto. Que lindo, exclamou Helena com afetação, o pescoço implume esticado. É bonito colocar conchas para os mortos. Muito sensível. Não gosto nada daquelas coroas de lata que fazem lá na cidade. Coisa de pescador, disse Luzia, de gente acostumada na praia. Eu mesma já fiz coroa assim.

Enquanto os meninos corriam para junto da acácia imperial, para colher flores para um túmulo, Luzia começou a rezar baixinho uma ave-maria e um padre-nosso. Toda vez que rezava lhe vinha à lembrança uma estampa

¹⁴ Pense no cemitério como “ancoradouro” — de conchas, de mortos, do passado, da história da Ilha. E ouça o mar, sempre em movimento, depositando conchas, no cemitério, jogando-lhe homens, arquivando a história da Ilha. A escrita, o livro não seriam também um “ancoradouro”, um “cemitério”?

de Nossa Senhora do Rosário,¹⁵ que vira há muitos anos. Era assim que devia ser a mãe que todo mundo guarda dentro do peito. As cores do manto, as dobras que caíam sobre as sandálias, eram ainda vivas. Muito mais bonitas que o Sagrado Coração de Jesus e a Imaculada Conceição que pregara no quarto. Fez um pelo-sinal ligeiro, bateu na boca três vezes, que santo não se compara. Nem se vende, se troca. Chegava a sonhar com a Nossa Senhora do Rosário, tinha sempre uma conversa muito chegada com a santa, mas no sonho não era conversa feita com palavras. Era a sua mãe. Lembrava-se, porém, direitinho do que a santa queria dizer. Beijava a mãe com tanto ardor, amor e desejo de destruir. Às vezes tinha medo do que dizia a Nossa Senhora da estampa. Ou se esquecia sempre das palavras, mal acordava? Não, a conversa com a santa não era feita com palavras, pensou. Assim na terra como no céu. O pão nosso.

Dirceu subia na acácia imperial, quase quebrando os galhos que vergavam ao seu peso. Helena compunha um buquê. Margarida catava flores mais bonitas para mamãe.

Luzia misturava sempre a reza com o pensamento que ia tendo com as palavras. Aquele mar já levou muita gente, pensou vendo os túmulos. Quando não era o mar era a doença. Mais para o fundo o território dos anjinhos. Estes são mais felizes. Ou as mães dos anjinhos é que são mais infelizes? Elas vivem do mar, vivem a parir filhos pro mar e o mar a parir peixes pros homens, os homens... Era difícil toda vez aquele pensamento, como era difícil o pensamento dos homens que matam os peixes e os peixes matam os homens pelo mar e os homens...

Deve ser dez e meia, disse olhando o sol. Precisamos ir Dirceu! Helena! Margarida! vamos embora, que já está ficando tarde. Mas o pensamento mar, peixes, homens, peixes, mar, homens, homens e mar e peixes e peixes e mar continuou ainda muito tempo bolindo com ela.

¹⁵ Pense na analogia entre Luzia e as estampas: Luzia-Sagrado Coração; Luzia-Senhora do Rosário — rosário de histórias desvendando/inventando o mundo para as crianças

Obs.: Para a elaboração das notas 1 a 15 foi utilizado, várias vezes, o trabalho de Eneida Maria de Souza, inédito: "A Barca dos Homens: a Viagem e o Rito", dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 1975

Uma Vida em Segredo

Uma Vida em Segredo (1964) conta a história da moça Biela, que, depois da morte do pai e já órfã de mãe, é obrigada a deixar sua terra, a Fazenda do Fundão, para morar na cidade, em casa de parentes.

A história de Biela brotou de um sonho, contado por Autran em *Poética de Romance: Matéria de Carpintaria*. Trabalhando em *Ópera dos Mortos*, às voltas com problemas de composição novos, sem solução naquele momento, ele resolve guardar a folha em branco para o dia seguinte. Adormece a custo, sono cheio de sonhos antigos. De repente, no "fundão" do sonho, aparece no quarto da avó, vazio de móveis, a canastra preta, o "baú". Na sua tampa, bem nítidas, não as iniciais de

seu bisavô, mas G.C.F., que Autran não podia adivinhar de quem eram. De repente ouve o cháp-te-cháp-te de umas chinelinhas de liga. A porta se abre e entra a prima Rita, figura silenciosa e apagada da infância de Autran.

Prima Rita se senta e conta a sua história direitinho, bem encadeada, e só ao final diz o seu nome: "Eu me chamo Gabriela da Conceição Fernandes, Biela para os da casa".

E foi justamente "um dos da casa", o contador de histórias sonhadas e vividas, que, semi-acordado, taquigrafou três laudas sobre a aparição noturna e, na noite seguinte, pegou das folhas, bateu a máquina. Tudo estava pronto e organizado formalmente.

1

Quem deu a idéia de trazer prima Biela para a cidade foi Constança. Deixa, Conrado,¹⁶ traz ela cá para casa, disse. Biela fica morando com a gente, pode até me ajudar com as meninas, fazer companhia. Olha, quando você vai para a roça, tem dias que eu sinto uma falta danada de alguém para conversar. De noite, então... Tem Mazília, se limitou Conrado na resposta. Mazília, disse ela, ainda é menina. Já é mocinha, disse Conrado, de pouca conversa.

A princípio Conrado não deu muito ouvido, tinha outra coisa em mente. A ele, como homem, competia decidir. Ainda mais agora, tutor e testamenteiro. Era calado, ordeiro, sério, compenetrado.

Às vezes punha a questão em forma de pergunta, mas não era para a mulher responder, ela sabia: mais uma forma de pensar alto. Quem sabe não

¹⁶ Conrado significa "sábio, audaz, esperto no conselho"; "consultor dos parentes ou da raça". Constança, de Constância, quer dizer "constância, perseverança".

Verifique, durante a leitura dos textos, se as personagens cumprem a trajetória dos significados de seus nomes.

era melhor mandá-la para o convento das freiras, lá em Ubá? Ela podia dar um bom dote, e depois a herança, as freiras a aceitariam logo com gosto.

Constança, que não percebeu que o marido estava apenas pensando, ou fez que não percebeu, ponderou, não ia dar certo, Biela não tinha com certeza nem cartilha nem Trajano,¹⁷ nem educação direito, criada lá na roça, só com o pai, homem fechado e meio maniaco, que nunca saía do Fundão. E já era moça velha, para aprender. As freiras não aceitariam.

Não digo pra ser freira, disse Conrado esquecido de que estava apenas pensando. Que não sei nem se ela tem vocação. Pra morar lá com elas. Depois, quem sabe? se lhe desse vontade, podia até ser irmã serva ou leiga, sei lá como elas dizem. Pode prestar serviço. Constança, senhora da brecha que o marido abria na sua decisão, disse não fica bem, o que é que vão dizer de nós, de você que foi nomeado tutor e testamenteiro, mandar ela para longe, quando tem tanto lugar aqui em casa?

Conrado não gostava da idéia. A mulher não conhecia a prima, não sabia como ela era, como eram seus hábitos. Capaz de não dar certo. Moça criada na roça, sem mãe desde cedo, com suas maneiras lá dela, talvez não se desse bem morando na cidade com eles. Ele mesmo mal a conhecia, só viu a prima umas duas ou três vezes, quando tinha ido à Fazenda do Fundão tratar de uns negócios de gado com o primo Juvêncio Fernandes. Primo Juvêncio era seu primo por parte de pai. Se lembrava da primeira vez que viu Biela. Prima Biela só cumprimentou porque primo Juvêncio disse vem cá dar bom-dia pro primo. Ela o cumprimentou arisca meio de longe, estendendo-lhe as pontas dos dedos, os olhos no chão. Depois saiu ligeira para os fundos da casa, não apareceu mais. E a prima? disse ao se despedir, já no cavalo. Deixa pra lá, tem dessas esquisitices de ausência de moça solteira desculpou o pai. Mas não está certo, foi Conrado pensando enquanto calçava de leve as esporas nos vazios do cavalo. Criar moça assim tão sozinha, desde menina, sem nenhuma mulher mais velha para gerir. Primo Juvêncio, quando prima Gasparina morreu, devia ter tomado de novo estado, ou vindo com a menina para a cidade. Mas não, primo Juvêncio era de outros tempos. Cismado, meio louco-manso-enfzado nas suas opiniões, ficou para sempre reinando sozinho no território do Fundão. O primo era de umas ausências de vista estranhas, ficava olhando enviesado uns longes para além dos cimos. Tinha até, de raro em raro, uns ataques de repelão e espuma, diziam que ficou bom no fim da vida, com umas ervas de seu Querêncio Gouveia. Conrado no fundo tinha medo, a coisa podia se repetir na filha Biela, essas histórias de herança de corpo e da alma. Nada, tem disso não, procurava se acalmar, histórias de gente sem ofício e ocupação. Depois, nunca tinha ouvido dizer nada de prima Biela, vocês sabem como estas coisas correm.

Conrado não gostava da idéia, cismarento. Pesava no prato de sua decisão uma razão muito escondida, que ele não queria nem pensar: primo Juvêncio Fernandes deixou escrito, foi o que explicou o tabelião, que o usufruto dos bens seria dele, enquanto Biela estivesse em sua guarda, menor

¹⁷ Trajano foi o autor de uma cartilha escolar adotada nas escolas primárias brasileiras até os anos 40 (aproximadamente). Chamava-se a cartilha pelo nome de seu autor

que era, como convinha. Esta parte ele não contou a ninguém, nem à mulher, para que Constança não o ajudasse a pensar claro demais.

Conrado não gostava da idéia mas acabou cedendo. No fundo já se decidira, quaisquer que fossem as conseqüências. Agora era arranjar as razões de espírito, para a alma quieta, tranqüila, no remanso. Não foi difícil, as artimanhas, os esconde-escondes da alma. Afinal não era sua prima? Juvêncio não lhe queria tanto, não tinha tanta confiança nele, não o encarregara de tudo em testamento e por boca? Da Fazenda do Fundão, do diheiro no banco, dos títulos e jóias de prima Gasparina. Depois, tinha as suas vantagens ela ficar morando com eles — podia, com ela perto, cuidar melhor de seus negócios, ouvi-la nas suas vontades, ver juntos o que iam fazer da Fazenda do Fundão. A Fazenda do Fundão era de muitos e muitos alqueires de terra. Tudo terra boa, terra roxa de café. Os cafezais eram velhos, é verdade, mas havia ainda muita terra livre, pastos sem fim, o gado, muito gado. Conrado fazia o arrolamento, pensava e repensava. Com ela perto, seria mais fácil defender os interesses de prima Biela. Depois, Constança queria tanto, fazia tanto gosto, alvoroçada com a novidade.

Está bem, disse ele, que já tinha concordado com a idéia da mulher mas não queria dar parte de fraco; vou pensar e depois que eu decidir, a gente se fala. Constança se alegrou, sabia que vencera. Não disse nada, escondeu a alegria, conhecia Conrado, respeitava-o, sabia como lidar com ele.

Daí a uns dias Conrado mandou arrear a besta Gaúcha, encher os alforjes, e foi buscar prima Biela na Fazenda do Fundão.

A chegada de Biela marcou época para os meninos. Mazilia, Gilda, Fernanda, Alfeu e Silvino ficavam impacientes, toda hora chegando na janela para ver o pai apontar no fim da rua: a sua grande figura na besta Gaúcha toda branca, leve e firme, os peitos largos e trotando, o melhor animal de sela da Fazenda do Quebra. De vez em quando, a própria Constança chegava para ver se já vinham vindo. Tudo pronto, o quarto da sala onde ficaria prima Biela preparado, ela também se impacientava com a chegada.

Só chegaram lá pela tardinha.

Evêm eles, gritou Alfeu para dentro de casa, chamando os outros, que tinham desistido de esperar. As meninas se atropelaram para ver quem chegava primeiro e garantia melhor lugar na janela, de onde podiam ver bem o pai na besta Gaúcha e a prima Biela num cavalo que não sabiam como era.

Alfeu e Silvino na verdade se preocupavam mais com a besta Gaúcha, gostavam de cavalos, queriam saber como era a montaria da prima. Já imaginavam que poderiam no outro dia sair para umas voltas pela cidade e pelos matos ali por perto, cavalgando desabalados. As meninas é que cuidavam mais da figura de prima Biela. Queriam saber como era o jeito dela, os modos de moça fazendeira, os vestidos dela. Faziam planos, preparavam conversas, urdiavam as histórias que haviam de contar, muito perguntadeiras.

O pai vinha na frente. O vulto alto, o chapelão para trás, senhor do animal, bom cavaleiro.

Os meninos desceram para a rua, queriam ser os primeiros a ver; queriam, já montados, levar os animais para dentro do quintal, ajudar Gomerindo a desencilhar.

A besta Gaúcha trotava grande, bem balanceado, branca, o peito empinado, batendo picado os cascos ferrados de pouco. O pai deixava o corpo seguir o molejo da besta. Mais perto puderam ver que apressava o passo.

Como o pai fazia quando desejava que Gaúcha trocasse ligeiro: esporeava em pequenos arrancos os vazios do animal. Mais atrás, na poeira do pai, o cavalo de prima Biela, um pampa meio ronceiro. O corpo malhado, vermelho e branco, a cara branca. Se o pai deixasse, Alfeu, que era o mais velho, ficaria com a Gaúcha e Silvino com o pampa.¹⁸

Olha ela, disse Fernanda, a menorzinha, para as irmãs, apontando a prima que chegava da Fazenda do Fundão.

E viram como prima Biela, para alcançar o trote da besta Gaúcha, batia desajeitada e deselegante o chicote nas ancas do cavalo malhado. Não disseram nada, olharam apenas meio desiludidas a figura miúda e socada que vinha encilhada no cavalo pampa, debaixo de uma sombrinha vermelha desbotada.

Enquanto os meninos seguravam as rédeas dos animais que impavam resfolegantes, cansados da caminhada de muitas léguas, o pai procurou ajudar Biela a descer do silhão. Não foi preciso, ela fez que não queria, de um salto estava no chão. Meio cambaleante ainda, primeiro cuidou de ajeitar as pregas da saia de chitão amarrotada; depois verificou se os botões da blusa estavam nas suas casas; finalmente alisou os cabelos pretos empoeirados que tinham escapulado do coque. Compunha um tanto envergonhada, num recato medido de quem queria aparentar bem, a sua figura. Em nenhum momento ergueu o olhar para as janelas onde as meninas se apinhavam, para Constança. Como os pés procuravam se acostumar ao chão, os olhos baixos também buscavam raízes na terra.

As meninas repararam em tudo: a sombrinha vermelha desbotada de cabo comprido, as botinas de cordão que apareceram quando ela saltou do cavalo, a saia muito comprida quase se arrastando no chão, a blusa de botõezinhos fechada até o pescoço, os gestos todos que ela fez. Não viram a cara, que ela trazia sempre baixa. Mas viram o coque grosso, baixo, de longas tranças, empoeirado.

Constança, gritou o pai já na porta da sala, a prima chegou. Vai entrando, a casa é sua, voltou-se para trás.

Parada na soleira da porta, prima Biela esperava, esperava não sabia o quê, assustada feito súbito um animal pára na estrada, estranhando.

.....

2

Foram muito duros os primeiros dias na casa de primo Conrado.

Se pudesse, se não olhasse com tanto medo, se tivesse coragem de enfrentá-lo, dirigir-lhe a palavra, se não se sentisse tão confusa, teria pedido para voltar à Fazenda do Fundão, o seu mundo perdido.

Mas ela sabia que não era possível. Não poderia continuar mais lá, o Fundão ficara atrás como um dia morto, talvez para sempre, para sempre.

Agora tinha de viver com os primos na cidade, uma família que ela já ga-

¹⁸ O contraste entre os cavalos, explorados detalhadamente, serve para acentuar a diferença entre Biela e sua nova família. De que maneira, aqui, "cavalo define cavaleiro (a)"?

nhara feita. Mas para lá se voltava nos momentos de desespero, quando se sentia mais sozinha e em torno de si via o mundo de uma agressividade sem limites. Talvez tudo fosse passageiro, se acostumar-se, procurava se convencer.

Se a figura de primo Conrado lhe metia medo (tinha ele os mesmos silêncios, uns traços do pai à vezes), a presença de Constança dava-lhe um certo alento. Via-a passar em direção da cozinha, seguia-a de longe, receava ficar sozinha na sala, se encontrar com os meninos, encontrar-se sobretudo com Alfeu. Nas suas brincadeiras Alfeu lhe infundia verdadeiro terror. O menino procurava pregar-lhe peças, ria dela na mesa: muitas vezes a mãe lhe dava uns beliscões e Conrado puxava um pigarro severo.

E de longe, vendo Constança distraída, ficava um tempão olhando a prima. Como prima Constança era bem apessoada, como era bonita. Nunca vira uma boniteza assim, só podia compará-la com a antiga lembrança: a mãe vinha alisar-lhe os cabelos, cantava branquinha a cantiga que a embalava. Mas a mãe era pura lembrança, neblina no ar, fumaça azulada de caieira no fim da tarde, que ela procurava alcançar; Constança era uma presença viva, quente, falava com ela, ria, passeava a sua beleza pela casa inteira. Se lembrava das histórias que a preta Carmela lhe contava, quando menina, das lindas princesas brancas faceirosas no seu balcão. Constança podia ser uma linda princesa, os vestidos vaporosos. Tinha uns jeitos, os vestidos brancos bordados de uma princesa. Do seu balcão, a linda princesa chorava lágrimas de prata com medo do senhor rei meu pai. Constança pisava assim tão de mansinho. Parecia uma imagem, os panejamentos de muitas dobras. As rendas finas das saias de baixo quando ela erguia o pé, os peitinhos bordados, os botõezinhos enfileirados cobertos de pano. Ficava horas admirando os vestidos de prima Constança, de panos que ela nunca tinha visto e cuja existência apenas sonhava, quando as princesas saíam para as festas.

Se podia, trancava-se no quarto e esperava as horas passarem. Mas Constança vinha sempre chamá-la para uma ou outra coisa. Um dia chamou-a para ir à rua com ela fazer compras, qualquer coisa como ir à igreja. Biela não quis, tinha medo de sair na rua, ser apresentada a outras pessoas.

Os momentos mais difíceis eram na mesa, quando se juntava com a família. Primo Conrado na cabeceira, os meninos defronte, ela entre Mazília e Constança. Não dizia nada, se limitava a responder em poucas palavras uma ou outra pergunta de Constança. Olhava como prima Constança comia, como segurava os talheres, como levava a comida à boca. Procurava imitá-la, se atrapalhava, enfiava o garfo quase todo na boca, a comida caía na toalha. Jamais conseguiria segurar o garfo e a faca daquele jeito, quando partia a carne. A carne podia voar longe.¹⁹ Olhava com vergonha para Silvino e Alfeu, que com medo do pai engoliam o riso. As meninas abaixavam a cabeça no prato, e ela via que também elas riam. Acostumada a comer muito, enquanto a barriga pedisse, se continha, era muito dura aquela operação de levar com delicadeza o garfo à boca. O estômago fundo, a fome durante o dia deixava-a zonha.

¹⁹ O "desajuste" de Biela continua. não sabe se vestir, não sabe montar, não sabe comer

Até que descobriu o caminho da cozinha. Lá, com a velha Joviana e Gomercindo, com a gente miúda, se sentia mais à vontade, como se estivesse na Fazenda do Fundão. Conversava um pouco, chegava mesmo a contar uns casos. Se abria para as amizades. Eram seus iguais, comiam feito ela, não riam dos seus modos, de sua falta de jeito; quando não comiam com as pontas dos dedos, seguravam o garfo e a faca do mesmo modo; às vezes comiam só com a faca.

Joviana tinha sempre torresmo guardado, e vendo os olhos compridos nas trempes do fogão, oferecia-lhe torresmo com um pouco de farinha. Biela comia assentada no cepo do pilão. Era como se estivesse na roça.

Certa vez notou que Gomercindo lambia os beiços satisfeito. Viu que era mel de jataí. Pela primeira vez se animou a pedir, me dá um bocado de mel de pau. No gosto das coisas da roça, Gomercindo, mateiro velho, se irmava com ela. Cê aprecia? Doutra feita vou no mato, trago mais umas cabaças.

Comer mel de pau era de uma certa forma voltar ao Fundão. Era como se estivesse na roça.

Mas não podia ficar muito tempo na cozinha, prima Constança mandava chamá-la. Minha filha, dizia Constança, não fica bem você ficar o tempo todo lá na cozinha com as criadas. O seu lugar é na sala, com a gente. Por que você não fica comigo? Vamos lá para o quarto de costura, eu lhe ensino a bordar, você quer?

Biela era desajeitada com o bastidor, segurava a agulha muito alto, tinha certeza que nunca aprenderia a bordar direito, como nunca aprenderia a mexer com faca e garfo juntos. Constança era paciente, ensinava-a repetidas vezes a dar os pontos, a fazer as laçadas. A linha tem de ser mais curta, prima Biela. Linha de preguiçosa, não, e ria amiga.

Constança lhe perguntava coisas. Queria saber como era a vida que levava no Fundão. Sozinha com a prima, longe dos olhos dos meninos, Biela ia se sentindo um pouco mais em casa, afrouxava a língua. No princípio com muito cuidado, temerosa de dizer alguma inconveniência. Procurava enxertar no seu minguado vocabulário algumas palavras que ouvia prima Constança e Mazilia dizerem. Acontecia reparar que dissera alguma bobagem, usara mal uma palavra que tinha achado bonita. Prima Constança (agora ela a chamava de prima, porque Constança não permitia que a chamasse de dona), estas linhas da cesta estão com mistério demais, disse uma vez. Prima Constança sorria, viu logo que ela queria dizer que as linhas estavam embaraçadas.

Quando Constança a chamava para o quartinho do oratório, era melhor. Ajoelhada ao lado da prima, que desfiava um rosário, podia ficar calada. Fingia que rezava, as suas rezas eram muito poucas e ela as gastava logo, enquanto Constança ainda continuava no primeiro mistério do rosário.

Só sabia metade da ave-maria e uma quadrinha que lhe ensinaram pequena e ela dizia toda noite antes de se deitar. Depois ficava olhando vaga a imagem de Santana e o Menino no colo. Contava as dobras do vestido refolhudo, o panejamento pintado de azul e ouro. Achava engraçadinho o Menino no colo da santa, os bracinhos estendidos no ar como se esperasse receber um brinquedo. Às vezes dava vontade de rir do Menino mas se continha, era pecado. Voltava-se para a prima, ela rezava contrita e não lhe prestava atenção.

Nessas horas achava prima Constança bonita demais. Não era mais uma linda princesa branca mas uma santa, se mal não comparava, se não era pecado comparar. Se lembrava da cantiga que a mãe cantava²⁰ enquanto lhe alisava os cabelos, e tudo era tão triste e tão bonito que sentia os olhos molhados. E mergulhava toda numa névoa boa, neblina do sonho.

Os trens de Biela chegaram logo, no lombo de um burro, Gomercindo veio tangendo. Duas canastras de couro pregueado, na tampa as iniciais de Juvêncio Fernandes.

Biela se sentia outra com os seus pertences no quarto. Esvaziou as canastras, arrumou os vestidos nas gavetas da cômoda. Chegou mesmo a se sentar diante do espelho. Desfez o coque, desfiou a trança, e ficou horas penteando os cabelos, esquecida do mundo. Refez o coque, procurando colocá-lo mais no alto da cabeça, igual a prima Constança. Cara lambida, de jeito nenhum seria igual a prima Constança. Melhor desmanchar o coque, deixar tudo como estava. Como sempre fora. Um certo orgulho e vaidade (um dos poucos momentos de sua vida em que se sentiu vaidosa e orgulhosa) a impediam de desmanchar o coque. Não seria difícil aparecer assim diante de Conrado e Constança, das meninas, mas de Silvino e Alfeu, Alfeu sobretudo lhe metia medo. Não sabia bem por quê, devia enfrentar tudo, mesmo o vexame, mesmo Alfeu, e aparecer na sala. Devia provar aos outros e a si mesma alguma coisa.

Na hora do jantar, quando apareceu na sala e foi se sentar no seu lugar, viu que todos a olhavam. Como se estivesse pelada. Olhou para Alfeu, que ensaiara um riso, logo recolhido em vista do olhar do pai. Ficou mais confiante ao ver que prima Constança, sorridente, aprovava com os olhos a mudança.

Mazília não podia esconder o espanto diante da transformação que se processara na figura da prima. Não se conteve e ergueu-se da cadeira para ajeitar-lhe melhor o coque. O pai, que noutras ocasiões não permitiria isso na mesa, fingiu que comia. Muito bem, disse Gilda, você até que está bonita.

O rosto vermelho, Biela se encolheu toda. Não era verdade, tinha o rosto feio e velho, maracujá enrugado. Será que Gilda não mofava dela? Com Mazília não, era diferente, fora muito espontânea. Desde então passou a gostar um pouco de Mazília. Não podia nunca esquecer o bem que lhe fez.

Como Constança notou que ela tentava se reformar, virar gente como disse Fernanda, veio ajudá-la. Biela, deixa eu ver as coisas que você trouxe do Fundão. Vou lhe ajudar na arrumação, ver o que você precisa. Biela fez que não, não queria dar trabalho. Já se arrependia da idéia de um novo arranjo no penteado. Mas Constança insistiu, não era trabalho nenhum, tinha até muito gosto em ajudá-la.

Quando prima Biela abriu as gavetas da cômoda e lhe mostrou o que trouxera, Constança disse mas, minha filha, você não pode continuar usando estas roupas. Lá na roça está bem que você usasse estes vestidinhos de chita, aqui não. Olha, amanhã a gente vai na loja de seu Gaudêncio comprar umas coisas, ver o que ele tem de melhor. Mas prima, disse Biela, para

²⁰ A cantiga da mãe de Biela vai ecoar do início ao fim do texto, pontuando a narrativa, fundindo-se no piano de Mazília, contrapondo-se à dureza da fala do pai e de Conrado

quem a simples idéia de sair espantava, sentindo que perdia o pé, que não tinha em que se apoiar, prima, não, não posso. Não pode como, minha filha? Você pode sim, você tem posses. Olha, talvez você não saiba mas é mesmo rica. Biela viu um abismo se abrir diante de si. Não é isto, gaguejou, é que eu não sei pôr estas coisas. Ora, Biela, prima, não é nenhum bicho-de-sete-cabeças. Qualquer uma pode se vestir bem. Deixa por minha conta, que logo mais eu falo com o Conrado e a gente vai fazer um sortimento completo no seu Gaudêncio. Você vai ver cada esguião,²¹ cada surá,²² cada velbutine,²³ cada veludo, cada tafetá que ele tem. Você vai ficar outra, vai ver. Prima, disse Biela tentando interromper o entusiasmo da outra, estes panos são caros, não são para mim, não posso. Não pode como? Eu já não disse que você pode? Olha, Conrado não é sovina nem com o dinheiro dele, não há de ser com o seu, para gastar com você, que ele vai fechar a mão. Já disse e repito, deixa tudo comigo que você vai ver. Eu tenho uns modelos de uma revista francesa que Conrado trouxe do Rio, que vão ficar muito bem em você. Eu chamo Marieta para vir coser aqui em casa. Eu ajudo nos arremates.

Constança não se continha, falava com entusiasmo, animada de sair com Biela, transformá-la, de abrir um novo mundo para a prima. Tão animada estava que não reparou que prima Biela mal detinha o espanto, lívida, de olhos arregalados. Prima, tentou Biela dizer ainda uma vez, mas não conseguia articular nenhuma outra palavra.

Tão logo prima Constança a deixou, Biela caiu arriada numa das canastras. Passou os dedos nas tachas, no couro esturricado, nas quinas gastas. Buscava intimidade com o objeto antigo, precisava se apoiar em alguma coisa que fazia parte de sua vida passada, que entranhava no seu ser. Porque via que transpunha os limites de um território estranho, rico, selvagem, misterioso. Penetrava num mundo que não tinha sido feito para ela.

.....

²¹ Tecido fino de linho ou algodão.

²² Tecido de seda.

²³ tecido de algodão aveludado.

Ópera dos Mortos

A personagem principal da *Ópera dos Mortos* (1967) é o “sobrado”, fruto da elaboração de Autran (para isso, ele conta, estudou muito, teve de recorrer a todo o seu conhecimento de arquitetura colonial barroca) O “sobrado” foi “criado lúcida e objetivamente como um símbolo, no qual se fundisse e se representasse duas figuras importantes — Lucas Procópio e

João Capistrano”
(*Poética de Romance*
Matéria de Carpintaria.)

“A parte de baixo — Lucas Procópio, a parte de cima — João Capistrano”. (*Idem*)

Rosalina nasce com a construção-aglutinação do sobrado; Flor de Seda “envilece”, envelhece e fica louca ao som do pêndulo que pontua a decadência e “morte” da casa

1

O sobrado

O senhor querendo saber, primeiro veja:²⁴

Ali naquela casa de muitas janelas de bandeiras coloridas vivia Rosalina. Casa de gente de casta, segundo eles antigamente. Ainda conserva a imponência e o porte senhorial, o ar solarengo que o tempo de todo não comeu. As cores das janelas e da porta estão lavadas de velhas, o reboco caído em alguns trechos como grandes placas de ferida, mostra mesmo as pedras e os tijolos e as taipas de sua carne e ossos, feitos para durar toda a vida; vidros quebrados nas vidraças, resultado do ataque da menina nos dias de reinação, quando vinham provocar Rosalina (não de propósito e ruindade, mais sem-que-fazer de menino), escondida detrás das cortinas e reposteiros; nos peitoris das sacadas de ferro-rendilhado formando flores estilizadas, setas,²⁵ volutas,²⁶ esses,²⁷ e gregas,²⁸ faltam muitas das pinhas de cristal facetado cor-de-vinho que arrematavam nas cantoneiras a leveza daqueles balcões.

O senhor atente depois para o velho sobrado com a memória, com o co-

²⁴ Observe que a “construção” da casa se faz pela sua “desconstrução”, ou seja, pela descrição da sua decadência. “O narrador não apenas narra, diz como está narrando” diz Autran, em *Matéria de Carpintaria*. E continua: “Uma teoria do ‘ver’ — ‘os olhos são apenas o conduto, o olhar é que importa’”

²⁵ Flechas.

²⁶ Ornamento em forma de espiral

²⁷ Ornamento em forma de S

²⁸ Ornamento composto de linhas retas artisticamente entrelaçadas

ração — imagine, mais do que com os olhos, os olhos são apenas o condu-
to, o olhar é que importa. Estique bem a vista, mire o casarão como num es-
pelho, e procure ver do outro lado, no fundo do lago, mais além do além,
no fim do tempo. Recue no tempo, nas calendas, a gente vai imaginando;
chegue até ao tempo do coronel Honório — João Capistrano Honório Co-
ta, de nome e conhecimento geral da gente, homem cumpridor, de quem o
senhor tanto quer saber, de quem já conhece a fama, de ouvido — de quem
se falará mais adiante, nas terras dele, ou melhor, do pai — Lucas Procópio
Honório Cota, homem de que a gente se lembra por ouvi dizer, de passado
escondido e muito tenebroso, coisas contadas em horas mortas, esfumado,
já lenda-já história, lembranças se azulando, paulista de torna-viagem das
Minas, de longes sertões, quando o ouro secou para a desgraça geral, as
grupiaras emudeceram: e eles tiveram de voltar, esquecidos das pedras e do
ouro, das sonhadas riquezas impossíveis, criadores de gado, potentados, es-
banjadores ou unhas-de-fome — conforme a experiência tida ou a natureza,
fazendeiros agora, lúbricos, negreiros, incestuosos, demarcadores, ladri-
lhando com seus filhos e escravos este chão deserto, navegadores de montes
e montanhas, políticos e sonegadores, e vieram plantando fazendas, cercan-
do currais, montando pousos e vendas, semeando cidades no grande país
das Gerais, buscando as terras boas de plantio, as terras roxas e de outras
cores em que o sangue e as lágrimas entram como corantes — nas datas de
quem, por doação e todos os mais requisitos de lei, se ergueu a Igreja do
Carmo e se fez o Largo.

Um recuo no tempo, pode se tentar. Veja a casa como era e não como é
ou foi agora. Ponha tento na construção, pense no barroco e nas suas mu-
danças, na feição do sobrado, na sua aparência inteira, apartada, suspensa
(não, oh tempo, pare as suas engrenagens e areias, deixe a casa como é, foi
ou era, só pra gente ver, a gente carece de ver; impossível com a sua me-
dição destruidora, que cimenta, castradora); esqueça por um momento os
sinais, os avisos surdos das ruínas, dos desastres, do destino.

A casa fica no Largo do Carmo, onde se plantou a Igreja. A Igreja do
Carmo foi a primeira construção de pedra e alvenaria da cidade. Depois é
que Lucas Procópio mandou construir a sua casa (na época apenas a parte
de baixo), tentando fazer parêlha com a igreja. Uma igreja em que se procu-
rou no risco e na fachada seguir a experiência que os homens trouxeram das
igrejas de Ouro Preto e São João del-Rei: só que mais pobre, sem a riqueza
dos frontões de pedra em que o barroco brinca as suas volutas vadias; mes-
mo assim imponente, toda branca, com seus cunhais²⁹ e marcos de pedra, a
porta almofadada, as duas janelas-de-pulpito ladeando em cima o vão da
porta, as cornijas³⁰ trabalhadas em curvas leves, a torre solitária nascendo
na cumeeira do telhado de duas-águas. Da torre pode se ver, em vôo de
pássaro, o casario que cresceu para trás da igreja, contrariando o desejo dos
fundadores que era ver a Igreja do Carmo soberana, sobranceira, dominan-
do de frente toda a cidade. Da torre pode se ver a lisura vazia do largo de
terra batida, onde às vezes se formam redemoinhos coriscantes de peira, o

²⁹ Ângulo saliente, formado por duas paredes convergentes.

³⁰ Ornamento saliente que acompanha a parte superior de uma porta, de um móvel etc.

cruzeiro no meio da praça, as ruas que dali partem, os muros brancos do cemitério, as voçorocas³¹ de goelas vermelhas na beira da estrada que deixa a cidade.

(Rosalina conhecia o Largo do Carmo palmo a palmo, desde sempre olhando detrás das cortinas a igreja, as casas fronteiras, a Escola Normal, a estrada. Os olhos vazios e mornos miravam o silêncio coalhado da praça, a solidão do descampado às três horas da tarde, o céu de verão sem nuvens, o sol estorricando a terra, reverberando nas paredes brancas, os burricos peados junto ao cruzeiro, os jacás vazios, esperando os donos — eles eram lerdos e cansados, pastavam com focinhos duros, disputavam uma ou outra cabeleira de capim que teimava em brotar daquele chão duro — alguém que entrava no Largo, os passos lentos, se protegendo do sol, e ela o seguia com a vista, a atenção neutra dos desocupados, até que dobrava a esquina ou se perdia de vista no fim da rua.)³²

Se quiser, o senhor pode ver Rosalina, acompanhar os seus mínimos gestos, como ela acompanhava os passeantes, não com aqueles olhos embaciados, aquela neutralidade morna. Mas veja antes a casa, deixa Rosalina pra depois, tem tempo.

No tempo de Lucas Procópio a casa era de um só pavimento, ao jeito dele; pesada, amarrada ao chão, com as suas quatro janelas, no meio a porta grossa, rústica, alta. Como o coronel Honório Cota, seu filho, acrescentou a fortuna do pai, aumentou-lhe a fazenda, mudou-lhe o nome para Fazenda Pedra Menina — homem sem a rudeza do pai, mais civilizado, vamos dizer assim, cuidando muito da sua aparência, do seu porte de senhor, do seu orgulho — assim fez ele com a casa; assobradou-a, pôs todo gosto no segundo pavimento. Se as vergas das janelas de baixo eram retas e pesadas, denunciando talvez o caráter duro, agreste, soturno, do velho Lucas Procópio, as das janelas de cima, sobrepostas nos vãos de baixo, eram adoçadas por uma leve curva, coroadas e enriquecidas de cornijas delicadas que acompanhavam a ondulação das vergas.

Quando o mestre que o coronel Honório Cota mandou buscar de muito longe, só para remodelar a sua casa, disse quem sabe não é melhor a gente trocar as vergas das janelas de baixo, a gente dá a mesma curva que o senhor quer dar nas de cima, já vi muitas assim em Ouro Preto e São João, ele trancou a cara. Ora, já se viu, mudar, pensou. Não quero mudar tudo, disse. Não derrubo obra de meu pai. O que eu quero é juntar o meu com o de meu pai. Eu sou ele agora, no sangue, por dentro. A casa tem de ser assim, eu quero. Eu mais ele. E como o homem ficasse meio atarantado sem entender direito aquela argamassa estranha de gente e casa, vindo de outras bandas, o coronel puxou fundo um pigarro e disse o senhor não entende do seu ofício? Pois faça como lhe digo, assunte, bota a cabeça pra funcionar e cuide do risco. Se ficar bom, eu aprovo. O homem quis dizer alguma coisa, ponderar, falar sobre os usos, mas o coronel foi perempto. E olhe, moço, disse ele, eu não quero um sobrado que fique assim feito uma casa em riba

³¹ Escavações, buracos produzidos no solo arenoso pela infiltração de águas. Observe que, no texto, as voçorocas funcionam com o pêndulo da destruição, da decadência

³² Rosalina aparece entre parênteses. O parêntese desenha sua janela, reforçando-a

da outra. Eu quero uma casa só, inteira, eu e ele juntos pra sempre. O mestre viu aquele olho rútilo, parado, viu que o coronel já não falava mais com ele mas para alguém muito longe ou para as bandas do ninguém. Picou a mula, se foi para o seu serviço.

O mestre conversou com a gente da cidade, especulou, quis saber como era mesmo o velho Lucas Procópio Honório Cota. É pra compor a fachada, dizia explicadinho na sua voz aflautada, com medo de ir contar a seu coronel Honório Cota que ele andava bisbilhotando a vida do falecido senhor pai dele, o famoso Lucas Procópio Honório Cota.

Coisa de pouca monta ficou sabendo, a não ser as brumosas histórias de um homem antigo que fazia justiça sozinho, que se metia com os seus escravos por aqueles matos, devassando, negociando, trapaceando, negaciando, povoando, alargando os seus domínios, potentado, senhor rei absoluto. Aquela dureza não ajudava no risco. Melhor mesmo deixar as vergas como estavam. Quem sabe ele não concorda em botar uma cornija encimando a porta, pra dar mais nobreza? Ah, disto ele vai gostar. A porta eu ponho uma de duas folhas, bem trabalhada, almofadas pra lá de grandes, ele não vai querer ficar com aquela caindo aos pedaços, mais semelhante porta de curral, salvo seja, ainda bem que ele não está me ouvindo. Ele não quer derubar é as vergas.

Eu e ele juntos pra sempre, foi repetindo o mestre na sua toada enquanto cuidava do risco.

Ao contrário do que suspeitou o coronel Honório, o mestre entendia do ofício. Fez crescer do chão feito uma árvore a casa acachapada, deu-lhe leveza e vida. O mestre ruminou, procurava fundir num só todo (compôs volumes cúbicos, buscou uma clara simetria nos vãos da fachada, deu-lhe vão e leveza) aquelas duas figuras — o brumoso Lucas Procópio e aquele ali, o coronel João Capistrano Honório Cota.

O sobrado ficou pronto. A primeira vista ninguém diz — o senhor mesmo só agora repara, depois que eu falei — que aquela casa nasceu de outra casa. Mas se atentar bem pode ver numa só casa, numa só pessoa, os traços de duas pessoas distintas: Lucas Procópio e João Capistrano Honório Cota. Eu e ele juntos pra sempre, dizia a toada do mestre, a caminho de sua terra.

O senhor repara como ficou a porta, de duas folhas, as ricas almofadas. Não ficou mesmo melhor? Veja como combina com as janelas de cima e não deixa de combinar também com as janelas de baixo, mais pesadonas. O mestre amarrou o risco, não tem linha dominante, mas como tudo vem dar na porta. Que capricho do mestre, com sua vozinha aflautada, ninguém diria, tinha muita força.

Vejo que o senhor não está muito interessado no sobrado, digo como casa. Não carece de mentir, estou mirando na sua pessoa, nos seus olhos. Toda vez que falo em gente, os seus olhos arregalam, só faltam minar água. Já sei, quer saber tudo por inteiro, de vez. Quer saber as histórias, a história, a gente vê logo. Quer saber de Lucas Procópio, de João Capistrano Honório Cota, de Rosalina. De tudo que aconteceu. O senhor talvez esteja querendo sair por aí, deixar o guia seu criado de lado, bisbilhotar feito fez o mestre no risco do sobrado, pra compor uma história. Já ouviu falar de Quiquina, talvez esteja querendo sair catando ela por aí, ver o que ela diz. É baixo, ela nunca quis dizer, ela não diz. Mesmo ela dizendo, nos seus modos lá dela, o

senhor não ia entender, é muito custoso a gente entender Quiquina, já era antes, depois do que aconteceu.³³

O senhor diz que gosta de antigualhas. Não sei, a gente diz uma coisa e pensa outra. Diz que gosta apenas por delicadeza, talvez não. Talvez nem me acompanhe. Ah, gosta mesmo, de verdade? Então me siga, paga a pena, o sobrado é antigo de velho. Veja o sobrado, que garantia, achinesado, piramidal, volumoso, as bocas encarreiradas das telhas. Olhe só como os remates abrandam o volume do telhado, parece até coisa do Oriente, feito se diz; como empina — o telhado — na cumeeira e nas quinas das beiradas, para continuar voando. Mas olhe como ele não pesa em cima da casa, como parece pousado de leve. Veja tudo de vários ângulos e sintá, não sossegue nunca o olho, siga o exemplo do rio que está sempre indo, mesmo parado vai mudando. O senhor veja o efeito, apenas sensação, imagine; veja a ilusão do barroco, mesmo em movimento é como um rio parado; veja o jogo de luz e sombra, de cheios e vazios, de retas e curvas, de retas que se partem para continuar mais adiante, de giros e volutas, o senhor vai achando sempre uma novidade. Cada vez que vê, de cada lado, cada hora que vê, é uma figuração, uma vista diferente. O senhor querendo, veja: a casa ou a história.

E agora chega, não? Estou vendo que o senhor quer é gente. Paciência, só um pouco mais, um gostinho só. Volte ao começo, às janelas coloridas. Os vidros das bandeiras nas janelas de cima, azul-garrafa e roxo, em formato de margarida. O roxo é o mesmo das pinhas de cristal. Que capricho! Não fazem mais disto hoje-em-dia. Que exagero de antigamente!

O senhor querendo, pode voltar para o seu olho de naturalista, que só vê o já, o agora: o olho não se move, como o barroco se move. Tem razão, a casa está mesmo carecendo de reparo, de pintura, de restauração, como se diz. Até capim está dando em cima do telhado, e quando em dia de chuva, é um pipocar de goteiras sem fim.

(E então, silêncio. Rosalina vai chegar na janela.)³⁴

3

Flor de seda

Rosalina afastou a cortina e chegou na janela. O Largo do Carmo era uma claridade seca, vazio. Duas horas da tarde. Ainda. Faz pouco ouviu as pancadas da pêndula na copa. O burrinho junto do cruzeiro, a terra verme-

³³ Quiquina — onomatopéia Quiquiqui (dic.): indivíduo gago, tatibitate. "Mas Quiquina é muda e não surda. Seu esforço para falar" (*Matéria de Carpintaria*). Por que Quiquina é também mais um elemento indicador da decadência da casa, da família?

³⁴ O parêntese, cortina entre as palavras, des/vela Rosalina

lha.³⁵ Quiquina tinha ido levar as rosas de papel-crepom. A procissão, o andar de Nossa Senhora do Carmo especialmente preparado. Amanhã, da janela do seu quarto, escondida detrás da cortina, ia ver a procissão sair. Queria ver as flores de papel e de pano, aquelas flores que só ela sabia fazer tão bem.³⁶ Foi Dona Genu, fez questão que ela aprendesse. Um japonês Seu Tamura, ela nunca tinha visto um japonês na sua vida, quem ensinou. Ele ficou pouco tempo na cidade, um mês só. Mas deu tempo de aprender, tinha que aprender depressa. Mamãe tinha dessas coisas. Queria que ela fosse prendada, pensava que ela ia se casar. O piano — nunca mais tocou piano desde que a mãe morreu, desde que tudo aquilo começou a acontecer — as lições de piano com Dona Olímpia, as flores de pano.

Por que Quiquina demorava tanto? Engraçado eu casar. Por que engraçado? eu bem que podia casar. Emanuel bem que quis. Não agora, antes, quando nada ainda tinha acontecido. Papai fazia planos para mim. Depois me esqueceu, se entregou àquela malukeira. Pra que precisava daquilo, se tinha tanto? Não, eles não podiam ter feito aquilo com ele. Com ela. Ele não merecia. Tão bom, tão calado, tristonho. Pra sempre tinha de odiar. Não esqueço, ninguém deve esquecer. Agora nós somos os dois sozinhos no mundo, disse o pai. Quando o enterro da mamãe saiu. Depois é que a gente chorou, a gente não podia guardar por mais tempo o choro engolido. Pra ninguém ver que a gente tinha chorado. Na frente deles. Ninguém pode saber, esta morte é só da gente, tudo que eles dizem é fingimento. Você não viu? Com aquela cambada só mesmo assim. Ou então como fazia Lucas Procópio. Só mesmo a pau, conforme disse papai. Vovô Lucas Procópio. As histórias, muitas, contraditórias. Papai não dizia direito, é capaz dele não saber direito, quando vovô morreu ainda era menino. Era capaz dele não lembrar bem, todo mundo queria esquecer vovô. Por quê? O retrato na sala não dizia nada. Botar uma flor pra ele. Só aquela cara, os grandes olhos, as sobranceiras grossas, os lábios nascendo carnudos detrás da barba. As histórias contadas. Quando vivo, Damião gostava muito de contar histórias de Lucas Procópio. Mas quando a gente menino chegava perto, ele mudava de conversa. Quiquina não conheceu Lucas Procópio. Tem vez que Quiquina fica muito tempo parada na frente do retrato, depois faz escondido um nome-do-padre, volta ligeiro pra cozinha. Por que aquilo? Lucas Procópio metia medo, mesmo depois de morto metia medo. O coronel Honório não é feito ele, diziam quando ela ainda falava com os outros, antes de tudo acontecer. Depois o silêncio caiu no sobrado: tudo vazio, as horas custavam a passar, modorrentas, gatos no borralho da tristura. Os relógios parados. Menos a pêndula da copa. Duas horas.

Quanto tempo faz que Quiquina saiu? Quando nada, mais de uma hora. Será que aconteceu alguma coisa com Quiquina? Não, não aconteceu nada. Deve ter ficado parada boba assuntando conversa dos outros, na via-sacra.

³⁵ A cena contida no parêntese do bloco 1 continua aqui — o mesmo burrico, o mesmo largo do Carmo. Observe a simetria, o jogo, o encaixe perfeito entre os blocos 1 e 3.

³⁶ Que relação você faz entre o nome da personagem Rosalina, o título do bloco "Flor de seda" e "as flores de papel e de pano que só ela sabia fazer tão bem"?

Ainda bem que ela não vinha contar depois. Os gestos de Quiquina quando aflita, os olhos esbugalhados, os grunhidos. Você vai, entrega as flores. Volta logo, temos ainda muitas dúzias pra fazer, disse devagar, claro, explicando direitinho. Tem horas que Quiquina é dura de entender.

A porta da igreja fechada, ela não podia estar lá. Na casa do padre, ia pedir santinho. Os santinhos pregados nas paredes do quarto, na cozinha, nos cômodos onde Quiquina vivia. Que graça tinham agora aqueles santinhos? Quando menina, também saía correndo atrás do padre pra pedir santinho. Quiquina não era nenhuma menina: velha, muito mais velha do que ela, podia ser sua mãe. Depois perdia os santinhos, ela, Rosalina. Quiquina sempre guardava. Quando os frades das missões vinham, os santinhos eram coloridos, muito mais bonitos, tinham dourado nas beiras picotadas. Ela sempre perdia. Depois ficava feito doida procurando pela casa toda. Quem viu os meus santinhos que o padre me deu? Dentro dos livros da escola, dentro das gavetas. Procurava por tudo quanto é canto. Quiquina, você viu os meus santinhos? Feito dona baratinha perguntava quem quer casar com dona baratinha, tem dinheiro na caixinha. Quiquina negava, batia os pés, ameaçava chorar. Era ela, desconfiava; Quiquina roubava os seus santinhos, via agora. Pra que Quiquina queria aqueles santinhos todos? Pra ir pro céu. Quando menina ainda bem, mas agora que graça tinham?

Quiquina cuidava da venda das flores. Quem contratava, marcava os preços. Sabia fazer preço. Pra igreja era mais barato, nada de graça porém. Quem é que ia deixar de pagar a pobre da Quiquina? Quiquina plantada nas portas, parada, muda, esperando o dinheirinho. Quanto que é a dúzia de cravo, Quiquina? De pano. Ela fazia as contas nos dedos, mostrava o preço com as mãos. De pano era mais caro, dava mais trabalho, tudo custava tão caro. Ela não se envolvia, deixava tudo por conta de Quiquina. Onde é que Quiquina arranjava tanta freguesia? Também ninguém se lembrava de procurá-la, tinham medo de falar com ela. Batiam palmas no portão da horta, gritavam por Quiquina. Flores para dona Rosalina fazer. Assim era melhor, ocupava as mãos, distraía o espírito, ajudava a passar o tempo. Até mesmo os viajantes que vinham vender coisas nos armazéns da cidade, iam bater na sua casa, encomendar flores. Compravam dúzias e mais dúzias, para revender nas cidades grandes. Então era melhor, as flores dos viajantes. Flores para festas de cidade grande, para os chapéus (devia ser bom usar um chapéu, como ela ficava de chapéu: no espelho sobre a cômoda, no quarto se imaginava de chapéu), os buquês de noiva, as rosas vaporosas de organdi feitas com tanto carinho, eram as que mais gostava. As rosas tão delicadas e leves, as que eles mais compravam. Ali na cidade quase não tinham saída. Na cidade eram aquelas flores de laranjeira, dava até nojo, Quiquina, vê se não traz mais pedido de flor de laranjeira, é tão enjoado, pedia. Quiquina fazia que sim, mas quando tinha casamento lá vinha ela com a encomenda, rindo baixinho. Por que Quiquina ria, que graça tinha? Era a maneira de Quiquina brincar, Rosalina não se zangava. Ou os lírios de primeira comunhão, que ela amava tanto. Caprichava na goma, esticava o pano bem esticadinho na pedra-mármore do consolo, deviam ficar bem duros e lisinhos. O boleador³⁷ especial dos lírios, o fustão mais branco que Quiquina

³⁷ Torneador:

podia encontrar. O boleador bem quente e limpo, para não deixar sujo. Quando menina e ainda não tinha Seu Tamura, os lírios eram lírios de verdade. O padre teve de se curvar, ela muito pequena. Dona Genu é que fez questão: primeira comunhão devia ser bem cedo. O padre colocou a hóstia na ponta da língua, ela ficou reparando muito nos dedos grossos, nas manchas amareladas dos dedos, de cigarro, não devia ser permitido. De volta da mesa de comunhão, a cabeça baixa, contrita, um pouco de verdade — um pouco de fingimento, ouvia os comentários. Uma noivinha, parece mesmo uma noivinha. Emanuel bem que quis, ela não era uma enjeitada. Os lírios de verdade meio murchos, a carne branca dos lírios machucada, de tanto que ela apertava contra o peito. Os lírios de pano não desmanchavam nunca, sempre duros e lindos. Os de mais saída, depois das rosas de papel. Quando os frades das missões arrebanhavam a meninada, a igreja cheia. Depois os sermões que falavam do inferno, da danação eterna, das almas no purgatório, deviam rezar por elas, falavam do céu também. A música do harmônio. A música que as meninas cantavam, ela toda de branco, uma noivinha cantando. Esperava ansiosa a sua vez.

Por que Quiquina não vinha? Por que estava tão aflita? Não podia ter acontecido nada, nada acontecia com ela, Rosalina. Buscava dentro de si o motivo de tanta inquietação. Nada de especial, um dia como os outros. Aqueles dias vazios e compridos, que ela enchia com suas flores. As horas lentas, paradas. O relógio-armário parado nas três horas. O pai, o gesto mais lento e medido do que nunca, as mãos trêmulas, parou o pêndulo, os ponteiros direitinho em 3 e 12. Logo depois o enterro saiu, mamãe se indo pra sempre.¹⁸ Depois ela ia repetir o gesto, feito uma missa. O relógio de ouro no prego da parede, do lado daquele outro de prata, que foi o primeiro. Queria uma coisa bem definida, bem decisiva, que todos vissem. Tremia, as mãos tremiam, todo o corpo tremia num rumor surdo, cuidou desmaiar. Tinha de se mostrar dura e fria, sem nenhuma emoção, feito o pai com o relógio-armário, três horas. É a nossa marca, a marca dos Honório Cota, dizia com orgulho.

Melhor deixar Quiquina de lado, não pensar mais nela. Procurou distrair a vista nas coisas do Largo. A igreja branca, mais branca ainda por causa do sol faiscando. O sol inundava a praça, faiscava nas pedras, tremeluziam no ar umas ondinhas feito a gente olha detrás de um vidro com defeito de ondas. A Escola Normal, que ela freqüentou. Nenhuma lembrança daquele tempo. Não queria se lembrar, queria ver. Ver o burrinho que finalmente agora conseguiu se livrar do cabresto. Da primeira vez que olhou o burrinho de pêlo fusco, ele ainda estava preso. Aqueles burrinhos eram um pouco de sua vida, daquela janela. Como ele lutou pra se ver livre. Agora dava saltos, relinchava, cavalinho de circo: o homem de casaca vermelha estalava no ar o chicote comprido, os cavalinhos pulavam no picadeiro. Quando o dono voltar, o burrinho está longe. Quem que viu um burrinho assim e assado, ele saía indagando pela cidade inteira. Ninguém sabia informar. Nunca mais um burrinho fusco, sujo, abandonado, esperando no Largo. Um burrinho de muita serventia, os jacás de taquara. O burrinho, o ho-

¹⁸ Por que o pai parou o pêndulo? Para fixar o tempo? Congelá-lo? Matá-lo? Responda. Ou, então, pergunte mais. Com as suas próprias interrogações e dúvidas.

mem de casaca vermelha, o chicote. Ao contrário do que esperava, depois daquelas evoluções o burrinho ficou por ali mesmo. Bobo, podia ter fugido pra muito longe, quem sabe na Pedra Menina.

Na Pedra Menina ela tinha um piquira todo ajaezado, da melhor qualidade. Por onde andava aquele piquira chamado Vaga-lume? O pêlo tão bom, lisinho, sem nem sombra de carrapato. Foi, Vaga-lume fugiu, ela chorava pensando que Vaga-lume não ia voltar nunca mais. Vaga-lume morto, mordido de cobra. Vaga-lume voltou, acharam ele num capinzal muito longe, todo sujo de barro e carrapicho, assim de carrapato. Um trabalhão danado pra botar ele limpo outra vez. O burrinho raspava com o focinho o chão duro, achou um matinho qualquer. Bobo, ele andando mais pra junto da sombra da igreja achava uma moita grossa, gostosa de boa pra ele, bem que ia gostar. O burrinho não via, gostava mesmo era daqueles fiapos de capim que teimavam em brotar do chão seco. Na moita junto da igreja tinha até umas florinhas amarelas, dessas que acompanham a gente. O burrinho podia comer as flores junto com o mato, encher o bucho de flores amarelas. Burro não gosta de flor, gosta é de capim bem verdinho, quando come flor é por distração?

Se afastou da janela, voltou para junto da mesa, as suas flores. Não, não ia continuar mais hoje com aquelas flores de papel. Queria agora fazer-uma rosa bem grande,³⁹ bem armada, de organdi, bem vaporosa, pra quando chegar algum viajante querendo. Ou se ficava mais bonita que de costume, guardava na gaveta da cômoda, prendia no cabelo. Se olhava no espelho remedando uma mulher muito elegante e bonita saindo de braço dado com o marido para uma festa no Rio de Janeiro. Quiquina não devia ver. Tranca-va a porta, abria a gaveta da cômoda, tirava as rosas mais bonitas que tinha feito e guardado sem coragem de vender. Meio envergonhada, como se fizesse um pecado escondido, faceirosa. Não era mais menina para aquelas coisas. Uma mulher muito elegante e bonita: o vestido branco rendado, os braços cheios de pulseira de cigana, os brincos de brilhante brincando nas orelhas. Como a senhora está bonita, dizia ele num carinho alisando-lhe os cabelos, os braços. De braço dado com Emanuel, ele todo compenetrado, sisudo. Ela também era bonita, bastava querer se arrumar melhor, tirar aqueles vestidos todos iguais; ela nunca mudava de feitio, sempre aqueles vestidos pretos, o luto permanente que ela abraçava com uma golinha de renda branca. Também não precisava, não saía mais de casa, sempre ali na janela, sempre cuidando das suas flores. Pra Quiquina não pagava a pena se arrumar, se embonecar, ela ia até estranhar. Só quando vinha Emanuel. Quiquina espantada, a boca aberta, vendo Rosalina embonecada que nem ainda pensando em casar. O cachimbo de barro, a brasinha que lumeava no escuro, ela gostava de ficar assim no escuro pitando. Quiquina rindo de boca aberta deixava o cachimbo cair, ela ria vendo Rosalina querendo casar. Não, de jeito nenhum ela pensava em casar. Emanuel bem que quis. O pai. Você não deve de olhar pra nenhum rapaz, não deve dar confiança pra essa gentinha. Depois do que aconteceu. Esta gente não presta. A gente também deve ter um pouco de orgulho. Quem se rebaixa demais, arrasta a bunda no

³⁹ Observe o contraste entre a "rosa bem grande" e a "Flor de seda", ambas contidas em Rosalina. Como você explica essa ambivalência?

chão. Até bocagem ele agora dizia, rude. Ninguém vai pisar no orgulho da gente. Eles vão ver.

Os olhos fechados, procurava no poço de silêncio da casa as batidas finas da pêndula na copa. Jogou uma pedra na lisura da água parada do açude e as ondas foram se alargando, se afastando do meio onde a pedra caiu, como se a gente fosse possível ver as pétalas de uma rosa se abrindo, se abrindo até aparecer os pistilos amarelos. Ela descia a escadaria devagar, muito devagarinho. As caras todas voltadas para ela, esperando pra ver o que ela ia fazer. O tremor correndo o corpo como ondas elétricas. O pai esticado ali no meio da sala, os quatro círios acesos. O cheiro misturado de vela e flores se impregnou na casa, na sua roupa, nas suas narinas. Quiquina limpou tudo, mas o cheiro continuava, brotando de dentro dela. Depois soverteu, vinha mais tarde outra vez, quando ela se lembrava. Era lembrar como agora e o cheirinho vir. Pelo menos as flores de papel e as flores de pano não deixam nenhum cheiro, sempre limpas, sempre puras, sempre-vivas. Uma sempre-viva no açude, a flor ficou boiando toda a vida. As batidas da pêndula se espriavam dentro dela como a pedra no açude. A flor.

Não devia ter se passado muito tempo desde que a pêndula deu duas horas. A aflição de esperar Quiquina fazia pensar que se passara muito tempo. Não ouvira a pêndula dar nenhuma outra pancada. Só porque Quiquina se atrasava é que ela cuidou do tempo, em geral ela não pensava muito nas horas, as horas eram todas iguais para ela. Se não fosse por causa de Quiquina, até a pêndula ela parava, para que nada naquela casa marcasse o tempo. O tempo seria só a noite e o sol, as duas metades impossíveis de parar. Abriu os olhos, sentiu nas pontas dos dedos a macieza fina do cetim. Uma sensação gostosa, um sossego, quase feliz. Ia olhando vagarosamente os móveis da sala, o piano mudo, nunca mais tocado, as jarras, toda a casa cheia de flores, as flores que ela fazia para ocupar as mãos e se distrair, depois Quiquina juntava todas numa braçada e ia vender como agora saiu levando as rosas e não voltava, como agora não voltava, por que é que ela não voltava, será que aconteceu alguma coisa? Sem Quiquina eu não podia viver. Está velha, Quiquina está muito velha. Preto quando tem cabelo branco é sinal de muita idade. Não, Quiquina ainda ia viver muito tempo. Depois, como ia ser ela sozinha, inteiramente sozinha, naquele sobrado com os quartos todos fechados. Mesmo no seu silêncio Quiquina fazia falta. A presença de Quiquina mexendo pela casa, ocupada na cozinha, na horta, ajudava nas flores, era um sinal de vida, de tempo. Quiquina para ela queria dizer que a vida continuava, não estava morta, toda a sua vida não era um pesadelo de que nunca mais conseguia acordar. Quiquina velha. Quiquina botando gente no mundo, no partejo.⁴⁰ Quando precisavam, vinham chamar mesmo tarde da noite. Não muito velha, demais da conta. Papai dizia que ela era mais nova do que ele uns dez anos. É, é velha, deve andar beirando os setenta. Meu Deus, se ela morrer como é que vou ficar sozinha neste casarão? Eu fico louca, eu morro, de vez. Ninguém me procura, não quero saber de ninguém. O orgulho, a gente deve de não procurar ninguém. Só Quincas Ciriaco, meu padrinho. Seu filho Emanuel vem sem-

⁴⁰ Observe a relação existente entre as personagens: Quiquina "botando gente no mundo, no partejo", e Rosalina fazendo flores artificiais.

pre: o jeito dele, de chapéu. Meu padrinho Quincas Ciriaco tinha morrido, deixou Emanuel tomando conta das coisas, do armazém, da Fazenda da Pedra Menina, quando ela precisava era Quiquina que ia apanhar dinheiro com ele, ele nunca vinha, só no fim do ano, pra prestar contas, tão cerimoniaosos os dois, polidos. Ele bem que quis. Agora ele estava casado, não podia nem mais pensar. Quem sabe um vinho do Porto, um Madeira? Ele nunca aceitava, apressado, tinha sempre alguma coisa pra fazer. Ela se vestia melhor, esperava a visita de fim de ano, aflita. Ninguém. A gente trocou de mal com a cidade, trocamos de mal com a vida.

Por que os seus olhos hoje como que não viam, pegavam fiapos de coisas, era empurrada para as navegações, para as lembranças, para as cismas? Forçou não pensar, deixar as coisas existirem de manso, sozinhas, sem ela, frias. Mas as coisas naquela casa não eram frias e silenciosas, um pulso batia no seu corpo, ecoava estranhos ruídos, como se de noite acordada tinha sempre uma porta batendo. Agora ele desce a escada, os tacos de sua bota vibravam no corredor. O pai ou vovô Lucas Procópio? Será que Quiquina também ouvia? Mas ela não tinha nenhum medo, os fantasmas familiares, queria que eles aparecessem para que sua vida ficasse povoada. A casa vivia de noite, ou de dia naquele oco de silêncio que ensombrecia como se fosse de noite, como se ouvisse, como se fosse um coração batendo a sua pêndula. Coração de quem? Da mãe, do pai, de Lucas Procópio? Nunca a gente sabia. Talvez o coração da casa mesmo. Bobagem, as casas são feitas de pedra, tijolo, cal.

Aí estava ela de novo sendo empurrada para as sombras. Como alguém que não quisesse dormir (o sono amortecia as pálpebras) força num susto voltar ao tempo acordado, à existência fria das coisas, assim ela agora procurava apalpar os objetos, sentir a sua dureza. Os dedos corriam a superfície da mesa, sentiam as suas nervuras, adivinhavam as fibras, corriam as manchas, paravam na tesoura, no alicate, nos arames, no boleador de aço, na tijela de goma, enrugavam nervosos a seda, o fustão, o organdi, aquele parafernália que ela usava no fabrico de suas flores. Para vencer a angústia que agora vinha fundo, varando a carne, começou a dizer os nomes das coisas, a nomeá-las, litúrgica. Como se recitasse uma lição, como se ouvisse a lição que Seu Tamura lhe dava sobre aquelas flores ingênuas e deliciosas. Para as rosas, o organdi, cetim ou seda. As camélias, de fustão e brim. Nos cravos e nas violetas miudinhas a gente usa a cambraia, é melhor. O boleador tem que estar bem quente. Primeiro a gente tinge, depois engoma. Os olhinhos apertados de Seu Tamura, como é que ele conseguia enxergar quando ria? piscavam, a sua fala arrevezada errando nas consoantes. Depois de bem engomado a gente estica o pano num vidro, numa pedra-mármora é melhor, pra ficar bem lisinho, sem nenhuma ruga depois de seco. E ela, ou ele, ia dizendo violeta, cravo, camélia, rosa, flor-de-maçã, margarida, lírio. Quando chegava na papoula, os olhos amoleciam no sono. Foi Seu Tamura que disse da papoula a gente tira o ópio, dormideira? De noite, antes de deitar, o vinho de laranja, quando acabava o vinho Madeira. Doce, tinha de tomar muitos cálices, Quiquina não podia ver, só via depois quando a licoreira estava vazia. Meio bêbada, um sono bom que começava pelos membros, a coceirinha nas pontas dos dedos, bom, gostoso, o vício. Às vezes tinha de levantar de noite, por causa do estômago, ia tomar bicarbonato.

Agora os olhos passeavam pelas paredes, viam as manchas, os estragos que ela nunca se lembrava de mandar consertar (não queria gente dentro de casa, bem que carecia de um homem empregado dentro de casa, pra limpar a horta — um matagal, Quiquina é que tem de capinar; pra espantar os meninos que pulam o muro e jogam pedra, esses serviços, mas não podia ser dali, só o homem vindo de outra cidade), os olhos passavam ligeiros pelo retrato de Lucas Procópio, paravam no relógio-armário, cheio de pó, até teia de aranha tinha, ela se comprometeu de nunca mais mexer naquele relógio, embora as coisas da casa fossem todas muito limpas, uma limpeza obsessiva, ela era uma mulher cuidadosa, bem-educada, prendada, criação de Dona Genu. Os olhos pararam nos dois relógios de bolso pendurados em cima do dunquerque. Os relógios de João Capistrano Honório Cota, disse ela sério-brincando. O pai chegava o relógio bem junto da cara o quanto desse a corrente, e dizia as horas. Ela pediu para ele ensinar como é que lia hora. Ele botou ela de cavalinho no joelho, foi dizendo a função dos ponteiros. O ponteiro pequenininho pulsava apressado. Dentro do relógio da Independência tinha gravado o retrato dum homem sem pescoço — ou era efeito do colarinho, da gola do casaco, o nariz comprido, a cabeleira de mulher, os olhinhos miúdos feito os de Seu Tamura ou os do elefante do circo, a boca cortada sem lábios, um homem chamado José Bonifácio, o patriarca, dizia o pai ou era a professora da Escola Normal? Um desejo sem vontade de pegar o relógio, abrir a caixa, ver de novo, fazia tanto tempo, aquela cara de José Bonifácio, o patriarca. Mas ela não podia mexer nos relógios, não devia nunca mexer naqueles relógios. Os relógios eram um quebranto, parados eles batiam como de noite aquele coração penado no meio da casa, as janelas abertas, a noite silenciosa de estrelas lá fora, o vento assobiando nos cantos do Largo, agitando as cortinas, as portas batendo, tinha sempre uma porta que batia no mundo da noite, ela já dormindo, mergulhada no sono.

Mas agora ela não dormia, vigiava as coisas. As coisas eram sem vida, diziam, sem nenhum mistério, devassadas. Ela é que encharcava de ruído as coisas, emprestava às coisas um sumo de alma. Podia ver como tudo era frio, fechado, limpo, clarinho que nem um olho-d'água minando da pedra naquele mesmo instante. Ia formar um laguinho lá embaixo, junto do renque de bambu. O espelho de moldura dourada na parede podia devolver (um lago) a sua figura, mas de onde estava não via: o espelho vazio, cristal-prata. Nenhum desejo de se ver naquele espelho — no outro sim, no quarto, quando punha a rosa no cabelo e era uma senhora a passeio; Emanuel, ele lhe dava o braço — aquele espelho guardava no fundo das suas águas imagens remotas, os cirios crepitando, os corpos de comprido, as mãos mortas cruzadas sobre o ventre, o arranjo dos terços. Quando parou diante do pai no caixão, teve um estremecimento, queria apalpar aquelas mãos frias, brancas, amarelecidas, sentir para saber como é que é a substância das mãos mortas, nunca tinha apalpado mão de gente morta. Mas não, ninguém devia perceber a sua alma escondida, ninguém podia ver a não ser os gestos que ela de antemão compunha.

Uma porta bateu na cozinha. É você, Quiquina? gritou. Nada de resposta. Se levantou, foi ver se era Quiquina que tinha chegado. No meio da cozinha, junto da mesa, Quiquina parada olhando assustada. Agora Quiquina ria, apontou para o bolo de notas em cima da mesa. Quiquina prestava conta quando queria, ela nem ligava. Quiquina ficava com a maior parte quem

sabe; ela não precisava, quando precisava mandava buscar com Seu Emanuel; bobagem de Quiquina, podia até ficar com tudo. Quiquina furtava os santinhos que os frades davam, fazia que tinham sumido, não viu; depois eles apareciam espetados na parede do quarto de Quiquina.

Você demorou, Quiquina. A preta fez um gesto no ar. A goma acabou, vou precisar de mais, pra fazer umas rosas, disse Rosalina. E como Quiquina olhasse sem entender, hoje não quero mais fazer nenhuma de papel, enjoiei. Vou fazer é uma rosa bem grande, pra mim. Quiquina concordou rindo num jeito carinhoso de olhar. Como é que ela ia fazer, Quiquina de repente morrendo?

Voltou para a sala. A rosa, o organdi bem vaporoso, uma noite de baile. Nunca tinha dançado, imaginava como era uma valsa: leve, vaporosa. Emanuel.⁴¹ Ia pra junto da janela esperar a goma. A calma que veio com Quiquina, não tinha agora mais nenhuma aflição.

De novo o Largo. O burrinho não fugiu, não era que nem o Vaga-lume, pastava um capim que não havia.⁴² Ele bem que podia ir pra junto da igreja, pastar naquela sombra, era tão melhor, comer as flores amarelas. Por que o burrinho teimava em ficar naquele sol queimando em vez de ficar agasalhado na sombra? Parou, esticou os ouvidos. Um zumbido muito longe, longe demais da conta. O zumbido crescia, agora mais perto, chegando. Principinho de cantilena. Olhou a rua que virava estrada e passava pelo cemitério. Uma nuvem de poeira, a cantilena já bem nítida no ar. O canto nasalado vindo de longe. Um carro-de-bois vinha chegando na cidade.

⁴¹ "Emanuel — Na Bíblia, o prometido, o enviado, Deus conosco" (*Matéria de Carpintaria*). Elabore o sentido simbólico do nome da personagem, relacionando-o com a narrativa, com o "sonho" de Rosalina, principalmente.

⁴² Largo e burrinho fecham o ciclo. A narrativa, cíclica, convida ao jogo dos espelhos, dos trechos, dos blocos, à *Matéria de Carpintaria*. Com pena, lápis, ou boleador, o movimento é o mesmo: em direção às curvas da casa, das flores ou das letras, aos torneios, às virgulas, ao torto e encurvado caminho da escrita. Para onde?

O Risco do Bordado

Publicado em 1970, *O Risco do Bordado* são memórias de um menino antigo e de sua família. "Viagem à Casa da Ponte", "Nas Vascas da Morte", "Valente Valentina", "As Voltas do Filho Pródigo", "Assunto de Família", "O Salto do Touro" e "As Roupas do Homem" são as sete partes que compõem o "mundo fechado" do menino e da sua família mineira. O capítulo 6 de *Matéria de*

Carpintaria, intitulado "Planta Baixa de um Livro", trata da feitura do "risco", do "traço do bordado", que "só Deus sabe por inteiro".

"As Voltas do Filho Pródigo", a parte transcrita a seguir, conta as idas e vindas de tio Zózimo, o vaivém de sua "loucura", o esconde-esconde de suas idas e vindas em volta da casa paterna.

IV

As voltas do filho pródigo

Alguma coisa no ar dizia que Zózimo⁴³ estava para chegar. Desde longe, antes mesmo de qualquer anúncio, João pressentia: não demorava muito e tio Zózimo estaria de volta.

Sempre foi assim. Desde que se entendia por gente, aquele mistério; desde quando conseguia lembrar, desde as suas mais antigas lembranças.

Alguma coisa no ar — um som, um cheiro, uma carta — anunciava a chegada de tio Zózimo. O menino desconfiava farejando, tinha os ouvidos muito abertos, os olhos muito agudos, as narinas pegavam um cheirinho diferente no ar, a pele mesmo sentia os sinais de que ele estava para chegar. Deve ser assim que aparelhos de precisão apontam a proximidade de um clone, antes mesmo dele chegar já lhe dão um nome. Só que ninguém ousava dizer o nome de Zózimo; mesmo ele longe, nas cidades por onde andejo arrastava a sua angústia e solidão — o seu deserto, as suas sandálias empoeiradas.

João sentia no ar, fuçava pelos quartos, nos guardados da avó, a ver se descobria alguma carta de tio Zózimo. Nunca encontrou nenhuma (vovó Naninha com certeza queimava todas, a simples existência daquelas cartas devia infernar a sua vida), mesmo aquelas definitivas e derradeiras, que não vinham de longe: quando ele em Duas Pontes deixava sobre o criado-mudo uma carta se despedindo para sempre. Ele era trágico e terrível nas suas últimas cartas.

⁴³ Zózimo, "o cheiro de vida". Verifique, lendo o texto, se a personagem cumpre o destino que lhe foi bordado pelo seu nome.

Um sexto sentido lhe dizia, ninguém precisava contar: nem a mãe, nem o pai, nem vovô Tomé, nem vovó Naninha, que era quem mais sofria com as voltas do filho. Antes que se tomasse conhecimento declarado da chegada de Zózimo, antes que se começasse a murmurar detrás das portas e nos corredores, na cozinha, depois nas conversas em voz alta, quando se ficava sabendo em definitivo e se discutia a iminência da chegada de Zózimo, João tinha a certeza de que ele estava para chegar.

Um dos sinais mais evidentes era o lume de ansiedade nos olhos da avó. Ela ficava aflita pela chegada de seu Zizinho dos Correios, o mensageiro daqueles desastres, toda hora ela indo à janela para ver se seu Zizinho já vinha: fazia um tempão que Zózimo não voltava, não devia demorar muito. Ela não contava a ninguém as suas cismas, as suspeitas de que em breve receberiam carta de Zózimo.

Se João não notava os sinais aflitos nos olhos da avó, os silêncios de vovô Tomé se encarregavam de dizer — aquilo que todos temiam estava para acontecer. Mesmo sozinho no quarto, os velhos não deviam dizer que não demorava muito e Zózimo estaria de volta, de medo que o simples fato de falar pudesse lhes devolver o filho: o próprio nome de Zózimo era um panema⁴⁴ terrível.

João custou a descobrir que não devia pronunciar o nome de Zózimo. Mesmo na presença de tio Alfredo, com quem ele conversava mais, tinha mais liberdade. Uma vez, sentindo a aproximação no ar, perguntou: tio Alfredo, por onde é que será que tio Zózimo anda. Tio Alfredo ficou um momento calado, depois falou, ao contrário dos outros que se calavam sempre. Falou meu filho, não me pergunte, que eu não sei. Não quero nem pensar nele. Um espinho atravessado. É como uma dor funda no peito que a gente quer esquecer, com medo que seja um tumor maligno. É melhor falar de outro assunto.

Ele ficou sabendo que não devia nunca dizer o nome de tio Zózimo. Mesmo na rua, ele passou a não dizer. Aprendeu por mimetismo⁴⁵ a copiar os de casa, quando alguém, mesmo Zito que era mais do peito, lhe perguntava sobre o tio. João trancava a cara, os olhos no chão, mudo. Então ficaram sabendo na cidade que o menino também não gostava que tocassem no assunto. Deste mato não sai coelho, dizia João satisfeito da vida; era igualzinho os grandes de sua família.

Não que a cidade desgostasse de Zózimo, e perguntassem mais por xerxer, ele era muito estimado. Participavam da dor da família, sabiam que alguma coisa de estranho se passava no casarão de seu Tomé quando Zózimo ia chegar, já tinha chegado.

De longe acompanhavam a aflição da família. Só conheciam o lado bom de tio Zózimo, quando depois de um mês de chegado ele saía, e então era alegre e brincalhão, parava em cada porta para dar um dedinho de prosa com um conhecido, se demorava em longas conversas com os mais chega-

⁴⁴Pessoa infeliz; caçador ou pescador que nada caça ou pesca; pessoa enguiçada ou a quem fizeram feitiço.

⁴⁵Imitação.

dos. Ia ao clube, jogava bisca, contava casos, era mesmo muito divertido. No Bar do Ponto era o bilhar, a algazarra, as risadas gostosas. E todos o abraçavam apertado, perguntavam como tinha ido de viagem, fingindo ignorar que ele estava na cidade há mais de um mês. Eram polidos e delicados, gostavam muito de tio Zózimo.

Além do lume agoniado nos olhos da avó, dos silêncios enclausurados do avô, do choro escondido que muitas vezes ele surpreendeu na mãe, da gagueira e histeria de tia Margarida, um dos sinais mais certos da chegada de tio Zózimo é que tio Alfredo mandava arrear o cavalo, arrumava as suas coisas, se despedia do pai e da mãe como se fosse ele o filho pródigo, e rumava para a Fazenda do Carapina, onde ficava até receber o aviso de que Zózimo tinha desanuviado, ele podia voltar.

Porque nos primeiros dias, quando tio Zózimo chegava, e o silêncio da casa pesava de maneira insuportável, e ele se afundava na rede, de onde só se erguia para gritar, e berrava o seu ódio contra os pais, contra o irmão, contra a cidade, contra o mundo, nem de longe Zózimo podia ver Alfredo. Era com quem ele tinha mais contas a ajustar, conforme dizia.

Uma vez até se deu o caso de que, por erro de cálculo, mandaram avisar tio Alfredo que ele podia voltar. Ele veio e os dois se encontraram. Tio Alfredo, esperando Zózimo claro e sorridente, se dirigiu logo para ele, não deu tempo de avisar que tinha sido um rebate falso, ele devia voltar ligeiro para a fazenda.

Então, Zózimo, tudo bem? foi ele dizendo de braços abertos, aparentava uma alegria desmesurada. Foi ele dizer e Zózimo aos gritos lhe saltar no pescoço. Tudo bem, seu cachorro! É você mesmo que eu quero pegar!

Vovó Naninha veio lá de dentro correndo, que era aquilo! Meu Deus, tem dó de mim, Sagrado Coração de Jesus, ela gritava. É a história outra vez de Abel e Caim! E todo mundo correu para apartar os dois que estavam se matando.

O avô, que sumia de casa só aparecendo na hora da bóia, só sabia dizer meu Deus, por que ele volta? Por que tem de fazer tudo na minha presença? Por que tem de tentar sempre na minha casa, pra me ferir mais fundo? Por que não se mata de vez longe da minha vista, para esse sofrimento, essa sina, essa agonia acabar de vez? Que culpa tenho eu, Jesus? A velha culpa.

As perguntas de vovô Tomé não encontravam resposta. Quem é que podia dizer os motivos por que Zózimo voltava, a não ser comparando com um bicho ferido de morte que busca a sua toca? Mesmo o dr. Alcebiades, que mais de uma vez teve de atender tio Zózimo na sangueira quando ele tentou, não sabia o que fazer.

Aqui a gente não tem recursos, remédio eu acho que não adianta muito, dizia o dr. Alcebiades. Quem sabe, por que não internam ele em São Paulo ou no Rio? É difícil, é quase impossível, dizia o avô. Quando ele melhora fica outro, nem parece o mesmo, a gente até se esquece das crises, tudo parece que foi um pesadelo, a gente estava era sonhando. Na verdade é duro um pai dizer isto de um filho, mas fico louco pra ele melhorar e de novo sumir no mundo. É, mas é bom, era só o que sabia dizer o dr. Alcebiades. Às vezes me dá vontade de fazer isso, nos dias dele ruim (era a voz de vovô Tomé), mas quem é que se aproxima dele? E depois, o escarcéu, o escândalo... Não se pode fazer nada, dr. Alcebiades, é melhor a gente aceitar o destino, cada um com a sua parte, conforme a partilha de Deus. Deus não tem nada a ver com isso, tentava dizer o médico, mas vendo o sofrimento na cara de seu Tomé, calava,

se limitava a deixar uma receita, apanhava o chapéu no cabide, ia embora sem dizer mais nada, mudamente dizendo até a próxima.

Mas João sabia, vovó Tomé sabia, todos sabiam que aqueles dias ruins de tio Zózimo não duravam muito. No fim de um mês ele estaria bom. Era o que todos esperavam aflitos. E então se esquecia.

Quando não era na rede da sala, era no quarto. O menino passava pela porta de Zózimo, via-o deitado de costas, imóvel, as mãos na nuca, os olhos grudados na esteira do teto. Eram terríveis os olhos de tio Zózimo. Como se guardassem o maior ódio, o maior medo do mundo.

João andava nas pontinhas dos pés se esgueirando pelo corredor, ia até à cozinha para junto de vovó Naninha, e da preta Milurde. Vai embora, menino, fica aperreando os outros não, dizia a preta. É mesmo, dizia vovó Naninha, é bom você ir pra sua casa. Ou então vai brincar lá na horta. Não é bom você ficar me rabeando, presenciando essas coisas. Quando ele melhorar, você pode ficar o tempo que quiser, eu até falo pra sua mãe deixar você ficar uns dias com a gente.

João fingia ir embora, voltava. Não podia despregar os olhos da rede, daquele corpo pesado balangando na sala: os pés de fora da rede, dava galeios mansos. Era como se tivesse um bicho guardado lá dentro, feito bacorinho no fundo de um saco. Via o volume do corpo se mexendo na rede, embrulhado nas varandas.

Quando soprava o vento da janela do quintal, em vez do hálito das mangueiras o que vinha era um cheiro rançoso e enjoativo. Será que tio Zózimo fedia? João nunca chegava perto quando Zózimo ficava assim. Será que ele não tomava banho? O cheiro que parecia vir de tio Zózimo grudava no nariz, ou era ilusão? por causa de que tinha mentalmente comparado aquele corpo na rede com um bacorinho. João não sabia, não esmiuçava muito essas coisas, tão forte aquela presença, tão grande o medo que sufocava o coração.

Via-o de repente erguer-se, ajeitar o roupão no corpo (ele nem mesmo se vestia), ir lá dentro na privada, gritar qualquer coisa para a mãe no quarto do oratório, onde ela agora passava as tardes debulhando os mistérios de um rosário sem fim. João tremia diante da figura enorme, magra e cabeluda: a cara barbada, os olhos fundos cheios de estrias vermelhas.

No mais das vezes tio Zózimo nem parecia dar pela presença de João. Nunca tinha gritado com ele, não era contra ele a sua fúria. Nos dias bons até que era muito seu camarada, contava casos dos lugares por onde tinha andado, se lembrava dos seus tempos de menino; nos dias ruins ignorava-o inteiramente, era como se ele não existisse.

Só uma ou outra vez é que ele pareceu dar pela presença de João. Parou de repente, como se o grito daquela presença tivesse interrompido o descampado de suas rumações estúrdias sem fim, e um instante ele pareceu voltar das brumas. João viu nos olhos de Zózimo um brilho longínquo de alegria, como se o tivesse reconhecido e fosse falar qualquer coisa com ele. Não falou, tornou a fechar o cenho, apagou-o do mapa, João nunca tinha existido, foi gritar com a mãe lá dentro.

Porém os dias bons sempre voltavam. E era como se só então tio Zózimo tivesse chegado de viagem. O sinal mais evidente de que tio Zózimo ia voltar era que a rede começava a balançar mais ligeiro.

E então começava-se a ouvir, a principio indistintamente, um assobio vindo de muito longe. João precisava esticar bem os ouvidos para pegar no ar aquele fiapo de assobio. Ou era do coração, a gente é que queria ouvir?

Era ele, era tio Zózimo que começava a tirar uma toada qualquer que aprendera ninguém sabia onde.

O assobio ia aumentando de tom, encorpendo. E todos de casa começavam a alimentar uma pequena alegria, uma imensa esperança. O tom crescia mais, ganhava volume, agora ele assobiava uma música quase alegre.

E de repente acontecia. Tio Zózimo saltava da rede, chegava na janela, enchia o peito de ar, esticava os braços distendendo a musculatura feito um gato se espreguiça, e em passadas ligeiras lá ia ele assobiando para o quarto de banho.

E tio Zózimo aparecia na sala, barbeado, limpo, bem vestido, até de gravata. Se João estava por perto, Zózimo corria para ele de braços abertos, apertava-o contra o peito, dizendo como é, então, você está me saindo um bom maroto, um rapagão! João sentia aquele corpo quente, o cheiro gostoso e fresco de alguém saído do banho ainda recendendo a sabonete.

Quando João conseguia se livrar do abraço, ele gritava vovó, vem cá, vem ver quem chegou, como se tivesse feito um trato com tio Zózimo.

Vovó Naninha vinha correndo, enxugava as mãos na saia. Os olhos brilhantes, ela se abraçava com o filho, chorando de alegria. Que é isso, mãe, dizia Zózimo, está chorando porque eu cheguei? Não, não é isso, era só o que ela conseguia dizer, a fala cortada pelos soluços, sungando as lágrimas. E ela beijava o filho na testa, nos olhos, nas bochechas, encostava a cabeça de Zózimo no ombro, os dedos trêmulos afagando-lhe os cabelos. E assim ficavam muito tempo, e ele era como um menino que tivesse passado por um grande perigo e agora se entregava ao colo da mãe.

Tio Zózimo ia lá dentro desfazer as malas, os embrulhos de presentes. Isto é pra mamãe, isto é pro pai, isto é pra Margarida, ia ele dizendo para a família apinhada na porta do quarto. E você pensa que me esqueci de você, Milurde? Dizia ele para a preta que também tinha vindo ver seu Zózimo chegado de viagem.

E eram os cortes de fazenda, os perfumes, os broches e anéis, ele parecia um cometa mostrando a sua mercadoria. Tudo do bom e do melhor, tio Zózimo não poupava, devia ganhar rios de dinheiro nas cidades por onde ele andava.

Ele era pródigo e bom, tinha um coração de boi de tanta bondade guardada que ele ia agora distribuindo entre brincadeiras e ditos alegres, na sua fala clara enchendo de luz o casarão de seu Tomé Fonseca.

Até o secarrão do velho se emocionava, e a gente (João) suspeitava ver nos olhos de vovó Tomé uma lágrima de felicidade porque o filho que ele dizia morto voltara.

Como por encanto tudo mudava no casarão. Ninguém mais era triste e calado. A notícia se espalhava aos quatro ventos e todos os conhecidos velhos e os velhos amigos vinham em romaria visitar e a casa se enchia de gente conversadeira, alegre, amiga.

Vovó Naninha se esmerava na cozinha e no forno de tijolo do quintal. E eram os sequilhos, as brevidades, as broinhas de fubá, as quitandas todas que ela sabia fazer. A compoteira se enchia de doces de calda e toda hora se servia doce de cidra, de mamão, de goiaba, aquela variedade infinita da culinária de vovó Naninha. Mandavam vir da roça as frutas do mato, tio Zózimo se fartava. Estas sim é que eu gosto, dizia ele, não tem no mundo fruta igual. Isto, meu filho, come mais, dizia vovó Naninha, você carece de se alimentar, está

meio magrinho e abatido. E a casa se povoava do vozeirão de tio Zózimo, das suas risadas gostosas e quentes.

Toda hora tinha gente batendo na porta. João ia atender, era um menino com um prato coberto por uma toalhinha. Foi dona Fulana que mandou. Ele recebia os presentes, agradecia feliz da vida, era um dos que mais participavam daquela comilança.

Mas o melhor mesmo era quando tio Alfredo recebia a deixa e vinha da fazenda e os dois davam grandes passeios, amigões, outra vez, como se nada os separasse, nada tivesse acontecido. Tio Alfredo devia sentir um pouco de inveja daquela festança toda (quando ele vinha de Viçosa o máximo que vovó Naninha fazia era arroz-doce) mas não mostrava, João é que de longe suspeitava.

E João saía com os dois, esquecido de que era amigo de Zito, nem mais passava pela loja de seu Bernardino, vivia horas boas demais.

Tio Alfredo e tio Zózimo tinham conversas intermináveis. Tio Zózimo falava de São Paulo, do Rio de Janeiro, do Recife. Como ele viajou, até parecia cometa, de tanta cidade que ele falava. Só que com tio Zózimo era melhor, as cidades de que os cometas falavam eram perto, tinham nomes comuns, sem a sonoridade, o brilho, a luminosidade estridente dos lugares por onde andara o filho pródigo. Tio Zózimo parecia era gente de circo, um circo com todas as luzes acesas. Qualquer dia destes tomo o vapor, vou bater na Europa, vou conhecer o mundo, dizia tio Zózimo alargando as vistas.

Era de ver a boca cheia com que ele dizia os nomes das cidades da Europa. João depois ia olhar no atlas para ver onde é que ficavam aquelas cidades, e media a distância que as separava de Duas Pontes, que nem constava do mapa. Que vidão a de tio Zózimo, ele ia conhecer o mundo! Tio Zózimo devia ser era dono de um circo fantástico. E o menino, de dia de olhos arregalados em bruma ou em sonho, viajava com ele. Tio Zózimo devia ser rico, mais rico que o avô, um dia era capaz de ser um dos homens mais ricos do mundo, mais rico que o Matarazzo.

E quando ele falava do progresso, das transformações sociais? Que palavreado bonito usava, parecia até um orador ou um daqueles padres missionários que de vez em quando davam com os costados em Duas Pontes e todo mundo ia à igreja ouvir as pregações.

Sabe o que mais? dizia tio Zózimo. Um dia vocês ainda recebem carta minha de Moscou. Tio Alfredo baixava os olhos, alguma coisa bulia com ele, era a palavra carta ou o nome de Moscou? A gente espera tudo de tio Zózimo, pensava João. Um dia é capaz dele até virar comunista. Então a desgraça e a aventura seriam totais.

Para não ficar atrás, tio Alfredo falava de Viçosa, onde ele vinha fazendo o curso de agronomia, mas as histórias de tio Alfredo empalideciam diante das histórias de tio Zózimo, eram casos batidos e sem graça que João já sabia de cor e de salteado. Viçosa não tinha graça, ficava ali mesmo, feito Muzambinho, Guaxupé, Paraiso, Passos,⁴⁶ lugares que todo mundo conhecia, não era vantagem nenhuma.

E os tios discorriam, como falavam e se lembravam de casos de quando eram meninos! Eu era feito você, João, dizia Zózimo batendo no ombro do menino. Você ainda vai conhecer o mundo e lá longe você vai se lembrar de

⁴⁶ Cidades do interior de Minas Gerais.

mim. João se babava de estar na companhia de gente tão importante, de ser assim tão considerado.

Ele só não ia com os dois quando eles iam à Casa da Ponte visitar as mulheres. João era muito menino para ir a um lugar daqueles. Um dia chega o teu tempo, frango-d'água, brincava Zózimo. O menino esperava, ainda ia chegar o tempo dele também ir à Casa da Ponte.

Os dias bons iam passando, passavam depressa. Num átimo⁴⁷ dava a sapituca,⁴⁸ chegava o dia de tio Zózimo partir.

Vovô Tomé, vovó Naninha, toda a família, mesmo sá Milurde, que só saía de casa para a reza, também ia à estação no bota-fora de tio Zózimo. E como todos estavam alegres e ruidosos, como se despediam e davam adeus quando o trem partia!

João achava aquilo tudo muito estranho, ninguém chorava quando tio Zózimo ia embora. O choro se guardava era para quando ele estava de volta; depois de muito tempo (primeiro vinham as cartas, a liturgia da catástrofe), tio Zózimo voltava para a casa do pai.

João não se lembrava desde quando, mas muito menino ainda sempre reparou que tio Zózimo tinha uma coisa esquisita no ouvido direito. O menino reparava demais, passava um tempão olhando de um lado e do outro, comparava as orelhas de tio Zózimo. Quando Zózimo estava de bem com a vida e o menino vivia rabeando-o.

Sabia de cor as orelhas de tio Zózimo. Mesmo de longe era capaz de copiar mentalmente cada uma das curvas e reentrâncias das orelhas do tio. Eram umas orelhas muito estranhas, mesmo que um lado não fosse diferente do outro.

Ele vivia preocupado com as orelhas dos outros, por causa do resenho que vinha fazendo para descobrir o que havia de especial com tio Zózimo. Tinha de descobrir sozinho, sabia que não podia perguntar a ninguém de casa sobre os defeitos do tio. Só uma vez teve a coragem de saber da mãe o que havia com o ouvido direito de tio Zózimo. Nada, disse ela desviando os olhos para a janela, aquilo é de nascença. Quis saber se ele escutava direito daquele lado mas a mãe não lhe deu tempo de perguntar, disse você é-é muito xereta, não é da tua conta. João viu que o assunto estava encerrado, nunca que ele podia saber, era outra coisa proibida na sua família. Tio Zózimo era um poço de mistério, tudo nele interdito.

A coisa tinha virado mesmo obsessão. Ele chegava a parar na rua, no barbeiro sobretudo, para ver mais de perto uma orelha diferente que ao menos de longe parecesse com a orelha do tio. Em casa, vivia brincando com as orelhas da mãe, quando, fingindo-se carinhoso, chegava perto dela mais para ver bem juntinho cada dobra da concha, como era mesmo o buraquinho do ouvido, a parte que mais interessava.

A mãe tinha umas orelhas muito bem feitinhas, os lóbulos carnudos e soltos, furados com agulha em brasa quando era pequena para ela poder

⁴⁷Instante, momento

⁴⁸Vontade

mais tarde usar brinco de gancho. Não era sempre que a mãe punha os brincos, só de vez em quando. Ela usava os brincos mesmo em casa de vez em quando não era por faceirice mas para que o furo da orelha não se fechasse e ela não pudesse mais usar os brincos tão bonitos de turmalina. Ele ficava mexendo com os brincos, com as cartilagens mais durinhas, chegava a enfiar a ponta do dedo no ouvido da mãe, de pura aflição, de tanto que fuçava.

Pare com isto, menino! dizia a mãe ralhando mas rindo. Me dá cócega. Também, que mania é essa que você agarrou, que sestiro mais estúrdio de ficar bulindo com as orelhas dos outros! Mas João continuava, ela ria, gostava. Achava que era uma espécie de carinho, feito um cafuné que o filho lhe fizesse. Nem de longe sonhava que o menino estava era estudando para depois comparar com as orelhas do tio, principalmente o buraquinho do conduto.

Já as orelhas de vovô Tomé eram enormes de grandes, pilosas, duras e grossas, meio cabanadas. Vovô Tomé tinha o hábito de ficar brincando com a tira de palha que sobrava do cigarro. Enrolava a palha bem enroladinha, a modo de rabinho de porco, e, quando via que estava a seu gosto, se distraía enfiando a palha no ouvido: enroscava vagarosamente até encontrar uma resistência, dava um ligeiro repelão, é que tinha doído. Umás vezes era para tirar cera, outras só para fazer cosquinha. O certo é que era um vício, um divertimento muito bom aquele do velho. E ele procurava escondido remedar o avô, sentia muita cócega, às vezes doía muito, tinha receio de magoar o tímpano e ficar surdo. Será que tio Zózimo era surdo daquele ouvido? Largava de lado a brincadeira, não tinha jeito para aquilo. Pra que ficar remedando vovô, é uma mania dele, deixa pra lá. Cada um com a sua mania, ia brincar de outra coisa.

Vovó Naninha tinha umas orelhas muito feias, dava até gastura olhar, de tão moles, finas, transparentes. Não sabia por que ela usava coque, devia disfarçar um pouco aquelas orelhas feias. Mas vovó Naninha não era de vaidades e faceirices, deixava as orelhas à mostra, não ligava a mínima. As orelhas de tio Alfredo e do pai eram comuns demais, não tinham novidade nenhuma.

Mas João gostava mesmo de olhar era as orelhas de tio Zózimo, quando dava jeito. De quem será que ele tinha herdado aquele par de orelhas, tão diferente de vovô Tomé, de vovó Naninha? Arranjava as maneiras mais complicadas de ficar perto do tio para ver sobretudo a orelha direita, que mais o intrigava por causa do buraquinho. Será que ele escutava daquele lado? O tio não dava jeito, virava a cabeça, João não podia tirar a prova, tinha medo de que ele acabasse desconfiando.

Mesmo sem o buraquinho do lado direito, as orelhas de tio Zózimo eram diferentes de todas as orelhas que ele tinha resenhado minuciosamente na rua e em casa. Eram miúdas e duras, rentes à cabeça, refohudas. Lóbulo quase não havia, a curva acabava diretamente na cara. O ouvido direito é que era diferente, diferente não só do esquerdo mas diferente de tudo quanto era ouvido que ele tinha colecionado. Era redondinho, como feito a compasso, sem pêlo nenhum, ao contrário do outro, que tinha uns tufos saindo para fora.

Ah, meu Deus, se ele pudesse perguntar a alguém, se alguém pudesse lhe dizer por que é que o ouvido de tio Zózimo era tão desigual, tão esquisito! Em casa, por causa daquela resposta da mãe ficou sabendo que era proibido

perguntar sobre o defeito,⁴⁹ como era proibido indagar quando é que tio Zózimo ia chegar, ele estando longe. Na rua João era um digno membro da família, não ia conversar com ninguém sobre os podres de casa. Porque a resposta da mãe não satisfazia, aquilo não era de nascença, via-se logo, a natureza não é assim tão caprichosa, ele achava.

Com o tempo, como não conseguisse saber a origem daquele ouvido tão bem redondinho feito a compasso, foi largando de mão a mania de ficar re-senhando os ouvidos dos outros e tirando comparação. Eu acabo é ficando gira com essa história de reparar na orelha dos outros, disse para esquecer, e foi procurar ocupação em outra coisa, na horta, nas brincadeiras de rua, na companhia de Zito, que logo de chofre virou seu amigo do peito.

Foi Zito que lhe deu a chave do mistério. Quando João era bem maior, quando não mais se ocupava em ficar observando tio Zózimo, quando vivia reinando com Zito pela cidade na embrulhação do tempo, meninos que eram, desocupados. Isso aconteceu pouco antes dele ir para o internato em São Mateus e Zito começar a trabalhar na loja de seu Bernardino.

Os dois estavam no pasto de seu Luquinha catando favas de ficheiro para o jogo que agora tinham inventado de jogar, muito em voga entre os meninos da cidade. Zito arranjara há mais tempo um cachorrinho, pensou em batizá-lo de Tom Mix, mas viu logo que o nome não assentava, o bicho era muito napeva e arreliadinho, para ser Tom Mix tinha de ser um cachorro grande de raça, por causa do mocinho da fita em série — descorçoado,⁵⁰ Zito não se deu ao trabalho de tirar do bestunto um outro nome, o cachorro ficou se chamando mesmo Brinquinho.

Pois Brinquinho estava aquele dia muito espiritado, latindo muito, toda hora querendo abocanhar uma orelha. De vez em quando parava, rosnava, latia. Ficava sempre para trás, ao contrário do de costume, quando ia lampeiro na frente, saltando as moitas de capim, farejando o ar. Mesmo Zito assobiando agora ele não vinha.

Brinquinho está hoje danado de besta, disse João. É, ele não é assim, disse Zito, deve ter se machucado ou então um bicho mordeu ele, quem sabe uma cobra venenosa... Às vezes Zito se preocupava demais com Brinquinho, tinha muito agarramento por ele.

Pararam para examinar Brinquinho. Zito descobriu que ele tinha qualquer coisa no pé do ouvido, era um carrapato enorme, barrigudo, gordo de sangue, desses de cavalo. Zito tirou o carrapato, mesmo assim Brinquinho continuou ganindo. Fez um exame minucioso, bem junto da orelha já estava inflamando. Coitado do Brinquinho, ia dizendo Zito, quando chegar em casa vou pedir a minha mãe um remédio pra ele.

João olhava muito sério o ouvido melento do cachorro. Que ouvido mais esquisito, disse ele pensando no ouvido de tio Zózimo, só que o ouvido

⁴⁹ Observe como a figura de Zózimo é cercada de mistério, de tabus — não se deve pronunciar seu nome; não se pode falar na sua chegada; não é permitido perguntar sobre seu defeito. Por quê?

⁵⁰ Descorçoado, de descorçoar — tirar a coragem ou o ânimo a; perder a coragem. desanimar

do tio vivia sempre limpinho. E se ele falasse, ao menos de passagem, sobre o ouvido de tio Zózimo? Que mal podia ter? Zito era tão seu amigo, não ia contar pra ninguém. E depois, ele não era mais um menininho, tinha um amigo mais velho do que ele, daí a pouco ia embora para São Mateus, sozinho no internato, não podia ficar a vida inteira debaixo da tutela das coisas proibidas na sua família.

Zito, disse ele, será que eu posso perguntar uma coisa? Zito fez que sim. Mas você jura que não vai contar pra ninguém que a gente conversou sobre isto? Zito não gostava que lhe pedissem segredo, se a coisa era séria ele não ia contar pra ninguém. Era de natural reservado e cumpridor. Ara, João, que mania! Será que você duvida de mim? Será que pensa que eu sou que nem o Tuim?

João já estava arrependido de ter aberto a boca, quê que custava guardar aquele segredo de família? Mas já que tinha começado, o jeito era acabar, não era capaz de Zito trocar de mal com ele.

Será que você já reparou em tio Zózimo, viu que ele tem um ouvido diferente do outro? Já, disse Zito, e João ficou abismado de ver que Zito também já tinha vigiado tio Zózimo de perto, não era só ele que reparava. O que ele queria era pedir para Zito um dia prestar atenção no ouvido do tio e depois conversarem. Já mesmo? disse. Se estou dizendo é porque já, disse Zito.

Os dois ficaram um momento em silêncio. João pensou em mudar de assunto, agora era impossível voltar atrás, o jeito era continuar perguntando, por mais medo que tivesse dos olhos de Zito, do que ele ia dizer.

Que é aquilo, Zito, me conta, você sabe? E como Zito continuasse parado, indeciso, será que é de nascença, feito minha mãe disse? Ela disse isto? disse Zito. Foi o que ela disse, quando uma vez faz tempo eu perguntei. Ela então não quer que você fique sabendo a verdade, disse Zito. Acho melhor eu não falar. E espantado da ignorância de João, será que você não sabe mesmo o que foi que aconteceu com seu tio?

João agora queria arrepiar carreira, queria não saber, queria pedir a Zito para não contar. Zito ficou olhando calado, não sabia se continuava ou não.

Me conta, afinal João se decidiu. É melhor você saber, disse Zito. De qualquer jeito você ia acabar sabendo, e quem sabe não ia saber por alguém que ia dizer a verdade de pura malvadeza? Olha, João, aquilo foi tiro. Um dia seu tio sapecou um tiro no ouvido!

O tiro explodiu no ouvido do menino, ficou zunindo no ar, sem fim. Ele tonto, aquele som redondo feito o chocar de dois mundos, o ribombar de um trovão quando uma tarde de chumbo de repente no pasto de seu Luquinha ele sozinho, abandonado, perdido. Como se uma trompa fantástica tivesse soado, e os seus sonidos ecoavam pelo mundo a fora, por covas e corredores, labirintos e condutos invisíveis, grutas de estalactites (gotas incandescentes pingavam no lajedo), por descampados e pisos de ladrilhados, corredores de azulejos e campânulas de vidro que súbito se estilçavam, ele próprio uma caixa acústica ressoante, um pavilhão e uma concha: as trompas e trombetas do Juízo acordariam vivos e mortos na hora derradeira, todas as lembranças ressurrectas, e tudo se encadeando e se explicando, ele de repente lúcido, pálido e branco porque tomara conhecimento nas suas mais íntimas fibras; e o som golpeando, percutindo, vibrando, araponga que es-

tourasse no seu canto de malho e bigorna.⁵¹ E aquele tiro, aquele estrondo, aquelas paredes ruindo, tetos desabando, vidros partindo, ainda haviam de vibrar durante muito tempo no ar, de vez em quando e sempre, nos sonhos e pesadelos, quando ele acordava empapado de suor no meio da noite, sempre e ainda agora.

Porque o menino levou muito tempo para voltar a si. Não que tivesse desmaiado (ele não se lembrava de mais nada, como voltara para casa, onde é que tinha ido parar Zito?), era mais aquela sensação opaca de um dente agudo e inflamado, ou quando ele na igreja ficava distraído brincando de tapar e destapar os ouvidos, como se assim pudesse apagar e acender o mundo: o canto na nave, as vozes e murmúrios, a música do harmônio.

E voltando a si, ficou sabendo de tudo. E tudo aquilo que durante tanto tempo esconderam e ele pegava apenas alguns fiapos no ar e com esses fiapos tentava construir a sua história, a sua verdade, de repente tudo lhe foi dado como ele menino imaginava o dia do Juízo Final, quando todos seriam chamados, e todos os pecados, mesmo os que a gente esquece, surgiriam, e todos, vivos e mortos, uns diante dos outros, despidoradamente, veriam a verdade terrível de cada um, e as coisas então fazendo sentido na claridade estridente da nova manhã.

Agora tudo se casava perfeitamente, tudo tinha explicação. As cartas de tio Zózimo amiudando à medida que se aproximava o dia de sua volta, no criado-mudo as cartas anunciando a decisão final, aquela cicatriz feia no pulso, porque escondiam certos vidros de remédio, porque quando Zózimo voltava das trevas não aparecia mais barbeado e tinham de humilhados chamar o barbeiro, porque sumiam todos os objetos cortantes e perfurantes, aquele corpo pegajento e rançoso na rede da sala balangando — um bacorinho, as sombras pesadas, os silêncios de vovô Tomé, as lágrimas sungadas e os soluços e as rezas de vovó Naninha no quarto do oratório, os gritos de tia Margarida, a sua gagueira, a sua aflição, os olhos tristonhos onde boiava um brilho de comecinho de lágrima da mãe, as idas e vindas apressadas de tio Alfredo...

Ele não precisava mais perguntar a ninguém as razões de todo o segredo que cercava as voltas de tio Zózimo, o mistério que vibrava tenso no casarão. Agora sabia, ele menino tinha percorrido sozinho os passos que levam ao conhecimento da dor. Sabia, era senhor do segredo. E como sabia, passou a participar dos acontecimentos, dos preparativos para a chegada de tio Zózimo. E todos viram que ele sabia e se interrogavam no espanto de saber que o menino sabia. De repente ficaram graves e mudos e unidos, como que de longe acarinhando a cabeça do menino porque ele tinha ficado sabendo sem que ninguém tivesse carecido de dizer.

⁵¹ Observe que João, na tentativa de desvendar o mistério do defeito do tio Zózimo, acaba recebendo o "tiro no ouvido". Depois do suspense do segredo, das investidas contra o mistério, a verdade "explode" dentro do seu ouvido. Autran observa, em *Matéria de Carpintaria*, que "a cena como que se passa dentro de uma gruta (estalactites) de pingos ressoantes, círculos de sonho e pedras em lago, dos corredores encaracolados e labirínticos de um ouvido onírico e fantasticamente dilatado".

Agora era João que ficava aflito, toda hora chegando na janela para ver se vinha seu Zízinho dos Correios com carta de tio Zózimo. Já que sabia, precisava conferir com a presença do tio o seu conhecimento.

Quando veio carta de tio Zózimo foi uma novidade. João correu a entregar a vovó Naninha, era a primeira carta de tio Zózimo que ele pegava, antes vovó Naninha era muito esperta, chegava sempre primeiro. Deu-lhe a carta e ficou espiando a avó bem nos olhos. Mudamente se interrogavam e trocavam confidências e medos e angústias. Desta vez ela abriu o envelope na sua presença, começou a ler. Os olhos de vovó Naninha, a principio carregados e apreensivos, súbito começaram a se abrir num brilho manso, meio que ela começava a sorrir, agora sorria declarado. A cara se abriu em alegria e agora ela ria picadinho, feito soluçasse. E era mesmo soluço, os olhos de vovó Naninha minaram lágrimas, lágrimas de alegria.

Que carta boa de Zózimo! disse vovó Naninha abraçando-o e acarinhando-o. Não demora ele deve chegar, é o que diz aqui na carta. Tio Zózimo está bem, João, tem palavras boas pra todo mundo, se lembrou mesmo de você. Que coisas bonitas ele diz pra mim, eu não agüento, meu Deus! Até que enfim, Jesus, Nossa Senhora das Dores se lembrou de atender as minhas rezas.

E ela foi dizer alto a vovó Tomé, a tia Margarida, a tio Alfredo, a sá Milurde. Chegou carta de Zózimo! Se aprontou, ia à igreja pagar promessa, mandou João contar à mãe.

Nunca uma carta provocou tanta alegria. Como visse que a carta era boa e só trazia boas notícias, João também não se conteve, saiu a dizer a todo mundo que tinham recebido carta de tio Zózimo, não demorava muito ele estaria de volta. Todos na rua se alegravam, participando da festa.

E vieram outras cartas, todas boas. Já falavam abertamente de tio Zózimo, não havia mais segredo, as proibições acabaram.

Quando um dia tio Zózimo chegou. Ao contrário do que João esperava, não foram à estação, ainda havia no chão da alma uma ligeira sombra, um medo que não conseguiam apagar: aquilo tudo podia não ser verdade.

Tio Zózimo chegou, foi o mesmo que um circo tivesse chegado na cidade. Tio Zózimo parecia um Santíssimo Sacramento, de tanta gente em volta dele. Mandou um menino levar a sua mala, não quis pegar carro, veio descendo a rua da estação, cumprimentando quem chegava na janela, ria e brincava, parecia um deputado, ele cumprimentava Deus e todo mundo.

A chegada de tio Zózimo em casa foi indescritível, escreveu João numa carta fictícia (foi aí que começou o vício de fingir que escrevia para alguém imaginário), nunca tinha escrito a ninguém, a primeira carta de verdade que escreveu foi quando depois ele foi para o Colégio São Mateus.

Tio Zózimo chegou. Chegou o corpo de tio Zózimo, chegou a alma de tio Zózimo na garupa, os dois vieram juntos pela primeira vez. Aquela separação, aquelas duas figuras, aquele fingimento de dizer tio Zózimo chegou quando ele já tinha chegado há muito tempo, os dias ruins e os dias bons, tudo isso passou. Ele não voltava para a casa do pai porque doente, nevoento, desgastado, mas atendendo ao chamado do amor.

Tudo isso passou e os dias foram passando, se acostumaram com a novidade. Vovó Naninha, vovó Tomé, todos se permitiam dizer que talvez tio Zózimo ficasse para sempre, nunca mais ele partiria. No miúdo da existência, as coisas eram mansamente boas e sãs.

Mas tio Zózimo não era de ficar. Via-se nos gestos pouco a pouco inquietos, nos olhos de tardinha fascinados pelo azul, perdidos nos longes das grandes distâncias — os olhos do navegador e do andejo. De vez em quando, no meio dos risos e brincadeiras, começou a aparecer uma ponta de amargura, uma nuvenzinha triste boiando. No seu medo, João pressentia — alguma coisa estava para acontecer, era capaz de tio Zózimo novamente partir. Ai, meu Deus, será que ele ia buscar de novo o seu deserto? Será que ele ia ajustar outra vez as sandálias nos pés e ganhar o seu caminho, para depois de muito tempo tornar abatido, devastado, e tudo voltaria a ser como era antes?

Um dia, sem que ninguém esperasse, durante a janta, Zózimo disse mãe, pode arrumar as minhas coisas que daqui a uns dois dias vou-me embora. Pararam de comer, os olhos grudados nos olhos de Zózimo. Mas filho, disse a mãe, você não ia ficar? Você não disse que ia ficar para sempre? Não, eu nunca disse isso, disse Zózimo e afundou os olhos no prato. É, bem, disse o pai, depois de puxar um pigarro e pegar o garfo, recomeçou a comer. A mãe não disse nada, todos voltaram ao prato em silêncio, a janta estava custando a acabar.

E vovó Naninha começou a arrumar as coisas de Zózimo. Sabia que era melhor, não valia a pena insistir. O pior era ele ficar afundado na rede naqueles dias horríveis. De qualquer maneira ela estava triste, não era como das outras vezes. Desta vez não havia aquela felicidade pela partida do filho, ele agora era um filho pródigo comum cuja partida enche de tristeza o coração materno. Vovó Naninha, os olhos vermelhos das lágrimas escondidas, vivia rondando a porta do quarto de Zózimo, a ver se descobria algum sinal, alguma coisa que lhe desse a certeza de que na última hora ele voltaria atrás e diria mãe, se alegre, não vou mais embora.

Tudo pronto, ninguém falava da partida de tio Zózimo, era como se ele estivesse para chegar. Tudo com ele se dava ao contrário, tio Zózimo não era como o trivial dos mortais.

Na manhã do dia da partida de tio Zózimo, João veio bem cedinho para a casa do avô. Ainda não tinha visto tio Zózimo, queria conversar com ele, gozar ainda uma última vez a sua presença. Na cozinha perguntou à avó pelo tio, ela disse está lá no quarto.

Como tio Zózimo custasse a aparecer, João foi para junto de sua porta. Depois de algum tempo de espera, bateu, disse tio, sou eu, João. Sem resposta, bateu de novo, mais forte. João girou a maçaneta branca e vendo que a porta não estava trancada, foi empurrando devagarzinho. O quarto vazio, a janela aberta, o sol inundava de claridade o quarto.

Tio Zózimo não estava. Será que ele tinha fugido? É capaz dele ter ido embora, pra não ter de se despedir de ninguém. Quando os olhos de João pousaram no criado-mudo. Viu o envelope branco encostado na bilha, bem à mostra, para quem primeiro entrar ver.

O envelope na mão, João leu os dizeres que tio Zózimo tinha escrito — a quem interessar possa. Uma frase tão corriqueira, feito fosse anúncio posto em jornal, certificado, coisa assim. Já no envelope tio Zózimo começava de novo magoando a família.

O coração batia fundo, João sem coragem de ler a carta. A quem interessar possa, ele se interessava. Que coisa, tio Zózimo! Saiu correndo à procura da avó. Na sala de jantar deu de cara com vovô Tomé. Olha o que tio

Zózimo deixou no criado-mudo, disse. O velho pegou a carta e em vez de ler, gritou vamos, vamos depressa ver onde está esse maluco.

Os dois saíram correndo pela casa toda. Como não achassem Zózimo em parte alguma, foram até à horta. Nem sombra de tio Zózimo.

Vovô, quem sabe ele foi se embora, não aconteceu nada de ruim com ele? arriscou João. O avô olhou-o espantado. Não, meu filho, ele está por aqui mesmo, não fugiu não. E voltou para dentro de casa.

Agora era ele, vovó Naninha, tio Alfredo, todo mundo caçando tio Zózimo.

O quartinho da despensa trancado por dentro, tiveram de arrombar a porta. De repente viram: a banquetta caída no chão, tio Zózimo dependurado por uma corda amarrada na viga do teto.

Quando o enterro de tio Zózimo saiu, tinha-se a certeza de que aquela era a sua última partida, ele não voltaria nunca mais.

Solidão Solitude

Solidão Solitude (1972) compõe-se de doze histórias, distribuídas em quatro grupos de três.

É o próprio Autran que nos conta que esse livro começou a se "formar" em 1957, quando publicou, pela José Olympio Editora, *Nove Histórias em Grupos de Três*. Publicando pela primeira vez dois grupos de histórias novas, juntou a eles *Três Histórias na Praia*, editado pelo Serviço de Documentação, Ministério de Educação e Cultura, em 1955. A essas nove histórias acrescentou um novo grupo, *Três Histórias na Solidão*.

Solidão Solitude são doze mágicas histórias de isolamento, inquietação, sofrimento, amor e angústia.

No sempre-tempo de Autran,

buscamos "Tempo de Mário e Outros Tempos", apresentada a seguir, primeira história do grupo *Três Histórias na Solidão*.

Autran não conheceu Mário de Andrade. "Infelizmente", observa sempre. Porque, diz ele, teria certamente aprendido muito com Mário, nessa dolorida "glória do ofício" de escritor (escritor que conta doze histórias de solidão, doze pedaços da solitude nossa de cada dia).

"Tempo de Mário e Outros Tempos" é a história de Amadeu, sua travessia noturna pela Belo Horizonte dos anos 40 — avenidas, ruas, "cheiro das mangueiras nos quintais", lembranças dos amigos que deixaram São Mateus e, tempos depois, Belo Horizonte.

Tempo de Mário e Outros Tempos

Amadeu andava devagar, se atrasava o mais que podia, parava em cada esquina. A caminho de casa, da casa que ele forçava por esquecer. Não tinha nenhuma vontade de chegar. Em casa encontraria a mulher e os filhos dormindo. Dormiam àquela hora, como toda a cidade dormia: apenas na zona boêmia ou nos botequins perdidos alguma luz dava sinal de vida. Dormiam, sempre dormiam, era natural, quando ele chegava da redação, tarde da noite, muitas vezes de madrugada, quando vencida o cansaço e cedia ao apelo dos botequins acesos.

Aquela hora a família dormia. A mulher nem notava a sua presença na cama. Só o corpo quente parecia perceber a sua chegada. Ela se enrolava como um cão procura se ajeitar e continuar dormindo depois que uma pulga o pica mais forte e ele coça com a pata traseira a orelha sarnenta. Uma ou outra vez é que ela perguntava meio dormindo que horas são. Duas, dizia, o relógio marcando três e meia. Aprendeu a mentir, mentia sem necessidade, mentia por fastio de explicar, como aprendeu a trocar de roupa no escuro para não acordar a mulher.

Quando vinha bêbado a coisa era pior, tinha de se equilibrar numa das pernas, se apoiava no armário para tirar as calças. Ela ruminava qualquer

coisa, continuava a dormir. O ruim era dormir vestido. No dia seguinte a mulher não dizia nada, fechava com cuidado a porta do quarto para as crianças não verem. Mas ela não dizia nada, ficava calada uns dois dias, Amadeu se enchia de desespero, de ódio. Depois voltavam de repente a se falar, nunca porém tocavam no assunto. Ele tornava ao seu natural: o desespero manso de todo dia, a vida de todo dia. Depois que saía do jornal passava pelo bar, ficava bebendo em pé uma cerveja e uma guia de cachaça, até se sentir meio zozzo. Sabia então que era hora de ir para casa, a mulher e os filhos dormiam. Quando Amadeu chegava eles estavam sempre dormindo.

Amadeu andava devagar, rente aos muros, procurando as sombras. Tinha andado muito, estava cansado. Passou pela zona, viu uma briga de mulheres, bebeu mais uma cerveja e uma guia.⁵² Ali procurava ver friamente o mundo fora dele, neutro. O mundo e seus ruídos noturnos. No viaduto ficou durante algum tempo vendo os trens manobrando. Um assobio longo, depois o apito de uma máquina. Um operário passou balançando uma lanterna vermelha, sumiu no oco da escuridão. Era tão fácil saltar dali, quando o trem passasse debaixo do viaduto. Melhor tomar rumo. Queria um mundo neutro, um mundo que não lhe trouxesse nenhuma lembrança, que não lhe acordasse nenhuma voz adormecida no silêncio do poço. Acabaria pensando na "Paisagem dos Trens e dos Homens". Era um poema que começou a fazer anos atrás, agora inacabado dentro do baú há anos. O poema guardado doía como uma angústia velha quando se arranha a pele, e ele cuspiu com nojo.

Andava e grunhia um monólogo interminável, começado quando saiu da redação. Gostava de parar nas esquinas, olhava o asfalto brilhante, os trilhos de bonde varando a rua. As ruas vazias das madrugadas, o barulho de alguém caminhando, vindo de longe. Alguém sozinho, alguém como ele sem vontade de voltar pra casa? Pisava as folhas secas, as frutinhas dos figos, era bom ouvir o estalido que faziam. Do outro lado o negrume do parque, as grandes árvores. O barulho de uma carroça distante. O caminhão da prefeitura já vinha vindo lá no fim da rua. Podia ouvir o barulho da água lavando o asfalto, as vozes dos garis trabalhando. Para eles as noites eram diferentes.

No Bairro dos Funcionários tinha a certeza, já pressentia: o cheiro adocicado das damas-da-noite nos jardins de gradinhas de ferro. Na Serra⁵³ era o cheiro das mangueiras nos quintais. Bom se fosse tempo de manga. As mangas brilhantes na meia escuridão das folhagens, vontade de saltar o muro. Como fazia em São Mateus, quando rapaz. Quando chegava no alto da avenida Afonso Pena, na Praça 12,⁵⁴ onde devia tomar a avenida Paranaíba,⁵⁵ é que se voltava para trás, via as luzes da avenida, o colar de lâmpa-

⁵² A "guia" que se toma com cerveja é a cachaça.

⁵³ Funcionários e Serra são dois dos bairros de classe média em Belo Horizonte.

⁵⁴ Atualmente, praça Benjamim Guimarães.

⁵⁵ Atualmente, avenida Getúlio Vargas.

das acesas que descia até à Feira de Amostras,⁵⁶ por entre as massas de figos.

Tenho tempo, ela está a sono solto, pensou. Não vai me perguntar que horas são. Duas e meia, uma boa hora de dizer. Duas e meia, disse baixinho com medo de acordá-la de todo. Sabia que vinha reclamação, ela acordando. Ergueu os braços para o ar, como se fosse rezar diante da Serra do Curral. Ali está enterrado o meu coração, disse. Não fazia sentido. O corpo da montanha era negro e fechado, não guardava nenhum coração. O sangue da hematita manchava as encostas escavadas. Respirou fundo, encheu o peito com a noite fria e o ar cheiroso de Belo Horizonte. Pensou nos versos iniciais da "Paisagem dos Trens e dos Homens". Nada meu, disse com raiva, cheira a Neruda, cheira a Drummond. Tornou a cuspir com nojo. Longe o tempo em que fazia versos, em que acreditava em versos. O que tenho de meu é muito pouco, ia dizendo. O peso das noites matou os meus versos, Belo Horizonte afogou a minha alma. O cheiro das noites frias, o vento que soprava da Serra do Curral. Se lembrou dos tempos de Mário de Andrade, como ele chamava 1942, 1943, 1944. Um homem enorme, as mãos grandes, a calva, a boca avançando. O poeta Mário de Andrade rodeado de piás no bar do Grande Hotel. Guardava ainda, com os versos, num baú velho, as cartas de Mário. Os moços daquela época tinham cartas de Mário, como diziam. Hoje recebi carta de Mário, era como eles falavam uns para os outros, como se passassem uma mensagem cifrada. A primeira carta que recebeu de Mário. Era um rapaz importante, se sentia tão poeta quanto Dante (eu saí pra Dante, dizia para si mesmo e para ninguém), recebera uma carta de Mário, a primeira, era um iniciado retardatário do Modernismo. Depois tudo acabaria. Mas quase todos tinham cartas de Mário. O nome solto, assim dito de mansinho — Mário, era como uma palavra de amor. Quase todos tinham cartas de Mário, quem não recebia carta de Mário não entrava para a literatura. O poeta Mário de Andrade descendo aos infernos no poema de Drummond,⁵⁷ subindo para o céu cercado de piás. As cartas voavam dos bolsos cheios da casaca do mágico.

Sentou-se no meio-fio, acendeu um cigarro. Não tinha bebido o suficiente para ficar bêbado, não sabia por que sentiu um engulho na segunda cachaa. O cuspe grosso na boca, o cigarro, o peito cansado. Procurava em grandes haustos encher o peito com o luar de Belo Horizonte. O frioquinho das noites na Serra, o vento vindo da Serra do Rola-Moça,⁵⁸ não tinha esse nome não, assobiando pelas ruas desertas. Maravilha de milhares de brilhos vidrilhos, assim começava Mário de Andrade o seu Noturno de Belo Horizonte.⁵⁹ O silêncio fresco desfolha das árvores e orvalha o jardim só, continuava. Não se lembrava mais do resto do poema, tudo muito confuso na ca-

⁵⁶ A Feira de Amostras mostrava pepitas de ouro, pedras preciosas de Minas, peças da vida agropecuária (arreios etc.) e painéis com fotografias das exposições de gado.

⁵⁷ "Mário de Andrade Desce aos Infernos", poema de Drummond.

⁵⁸ Referência a trecho do poema "Noturno de Belo Horizonte", de Mário de Andrade.

⁵⁹ O "Noturno de Belo Horizonte" é dedicado a Elyzio de Carvalho. O poema fala principalmente da tranquilidade de Belo Horizonte. É interessante observar o clima de calma existente no poema e na paisagem de Belo Horizonte, em contraposição às inquietações de Amadeu.

beça. Como não se lembrava a não ser com uma leve melancolia os seus tempos de poeta, os seus tempos de Mário de Andrade. O tempo passou, os amigos escritores foram para o Rio.

Dividia a sua vida em tempos. Como se fosse um velho, não era um velho. Vida noturna de jornal, a disponibilidade inata para a vagabundagem. Andar pelas ruas de noite como nos tempos de São Mateus. Sempre gostou de andar à toa pelas ruas, nas noites vazias e fundas, sem fim. Em São Mateus era pior. As noites longas demais da conta, os bares se fechavam e não tinha para onde ir. Os quintais como chácaras, as mangueiras escuras e cheirosas. Quatro ou cinco rapazes como ele espalhavam pela cidade uma solidão que procurava se disfarçar numa solidariedade franca, numa amizade de todas as horas, para valer toda a vida. Mas eram sós e sem nenhum destino. Até que um deles conseguia romper o casulo e sair para Belo Horizonte, para o Rio e para São Paulo. Foi ele o último a sair. Alfredo, Euclides, Salvador e Vasco foram antes dele.

Por onde andavam eles àquela hora? Numa viagem que fez a São Paulo, depois que deixara São Mateus, encontrou Salvador. Abraçaram-se como velhos amigos. Você como está! E você! Naquela época não tinha esse bigodão, estou certo. Mas foi só isso. Se lembraram de São Mateus, principalmente das noites, dos quintais enluarados de São Mateus. Salvador dobrava de rir se lembrando de quando Vasco tentou aprender saxofone na Banda Santa Cecília. Gozado, não era? Quando ele tocou pela primeira vez aquela valsinha de Mignone⁶⁰ nós quase morremos de rir. se lembra? Amadeu se lembrava. Mas foi só, São Mateus tinha se acabado. Depois de conversar um pouco mais, Amadeu verificou que já não se entendiam, eram outros, não tinham mais nada para falar. O quebranto se partira. Se lembra?

Foi o encontro com Salvador que o fez enterrar para sempre o desejo de rever os amigos, de voltar a São Mateus. Não se volta a São Mateus, disse com ênfase procurando dar às suas palavras uma profundidade maior do que elas realmente possuíam. Ninguém volta atrás, agulha que se perde não se acha mais. Os tempos de São Mateus ficaram para trás como uma estaçozinha de estrada de ferro num percurso que não se fará nunca mais. Quando era menino escrevia nos passeios agora é tempo de amarelinha. Ficava ansioso para chegar o tempo do pião. Havia o tempo do pião e o tempo da amarelinha. Tempos de São Mateus e tempos de Mário de Andrade. A fieira enrolada, o pião saltava, o pião rodava fazendo círculos, assoviando até perder força e cair. Assim roda o mundo, assim rodo eu.

Nunca mais voltou a São Mateus. Só soube da morte da avó dois dias depois que ela morreu. Não valia mais a pena ir a São Mateus. Os pais morreram cedo, foi criado pela avó. Se lembrava da avó. Os pés macios, o barulhinho das sandálias de liga se perdendo nos fundos do corredor. Passeava como uma sombra a sua magreza pelo casarão da rua do Vira. Os parentes foram morrendo e ela ficou sozinha no sobrado. Ela e o neto que ela criava

⁶⁰ O compositor Francisco Mignone, que completou 85 anos de idade em 1982, é autor de mais de cinquenta valsas. Em 1981, escreveu dois balés, *Quincas Berro d'Água* e *O Caçador de Esmeraldas*, ambos adaptados por Guilherme de Figueiredo. Compôs também o famoso *Maracatu de Chico Rei*, *Quarteto para Violas* e *Quatro Canções*, que receberam letras de Maria Lúcia Godoy, cantora lírica. Mignone já compôs mais de setecentas obras. Foi amigo de Mário de Andrade e Manuel Bandeira, que o apelidou de "Rei da Valsa".

como um gatinho que se deve amar porque ele está cheio de lembranças, de carinhos, de ronronar manso. Ele nunca crescia para ela. Amadeu ouvia os passos no corredor, a tosse fraca e a sombra magra caminhando em sua direção. Bença avó, dizia. Vai andando, dizia ela brincalhona, às vezes gostava de brincar, lugar de homem é na rua. Ia para a rua encontrar os amigos. Às vezes tinha vontade de vir correndo e abraçar a velha por detrás, dar um beijo nela. Desacorçoava, a avó não era disso, seu modo de carinho era severo, duro. Quando entrava de noite, devagarinho para não acordar a velha, ouvia a voz frouxa no quarto da sala. Tem coalhada na mesa da cozinha, ela dizia. Era assim o carinho da avó. Será que a velha não dormia? Um carinho que doía fundo no peito. De noite era a tosse seca. Depois ela se levantava, certamente se levantava, ia buscar a latinha de pastilhas Valda. Coalhada, na mesa da cozinha. A coalhada e a tosse da vó costumavam doer feito unha encravada dentro dele, Amadeu não conseguia dormir direito, acordava mais cedo, ia para o quintal e rachava lenha furiosamente para a velha, se compensava. Ela ficava olhando ele de longe, não dizia nada. Ele pensava na sua vagabundagem, na vida sem sentido que levava, prometia a si mesmo mudar, não mudava.

Precisava ir embora mas não tinha coragem. Perambulava pelas ruas de São Mateus em companhia de Salvador, de Alfredo, Euclides e Vasco. O primeiro que for e conseguir alguma coisa chama os outros, diziam. Não havia nada para fazer em São Mateus. Vinte anos e uma vida pela frente em São Mateus, dizia Vasco com raiva. Fizeram o ginásio juntos, ali mesmo em São Mateus. Que iam fazer agora? Os pais não eram ricos, não podiam sustentá-los como estudantes de curso superior em Belo Horizonte. Sozinhos teriam de enfrentar a capital, achar emprego e se possível fazer um curso qualquer. O primeiro que for chama os outros.

O primeiro que foi, foi Euclides. Quando Euclides se decidiu, juntou algum dinheiro vendendo o que pôde conseguir na família, os outros ficaram pasmos. Como se eles dissessem aquilo de ir embora de brincadeira, de puro sonho. Não era possível, ninguém acreditava. Aquele o primeiro que for chama os outros era mesmo uma espécie de brincadeira. Você acredita mesmo que Euclides tem coragem de ir, perguntou Vasco. Era uma desconfiança, um medo, uma admiração, uma solidariedade. Ele é o mais novo de nós, disse Alfredo; não tem ainda vinte anos, disse Vasco; vai ser duro, disse Vasco, a que preço? ninguém é sozinho, disse Amadeu. Eram sozinhos.

Foi sentado na amurada da ponte que Euclides contou a novidade. Ficaram mudos durante alguns instantes. Toque aqui, disse Salvador lhe estendendo a mão. Passaram em silêncio o resto da noite, só Euclides falava. Era uma necessidade furiosa que ele tinha de falar, se afirmar, vencer o medo, o silêncio no coração. Foram ver o dia nascer no pasto. As vacas mugiam, as bostas quentes e frescas cheiravam, o capim-gordura molhado, o céu ficou cinza, depois rosa, um friozinho cantou, um pássaro piou, e tudo era fresco e novo, o dia nasceu... Euclides era como o dia nascendo. Suspiraram mudos. Eram livres, tristes, desocupados.

No dia da partida foram levar Euclides na estação. Ele ia para São Paulo. Achara um anúncio no jornal, escreveu à companhia de seguros que oferecia empregos para jovens com ambição, ele era um jovem com ambição, foi aceito. Deixa que eu seguro a mala, disse Alfredo. Euclides sorriu meio encabulado, disse não é preciso. Faça questão, disse Alfredo, é como se fos-

se minha. Eles riram muito, precisavam rir. Foram até ao telegrafista saber quanto tempo o expresso estava atrasado. A Mojiana é assim mesmo, disse Amadeu. O expresso atrasa e o misto nem se fala, disse Vasco. É horrível o serviço que a companhia nos presta, disse Euclides com ar de viajante. Ele que nunca tinha viajado. Veja como ele está, disse Salvador. Cairam na gargalhada. O telegrafista informou a hora que o trem passava. É, não vale a pena, vamos ficar por aqui mesmo, disse Amadeu a uma sugestão de Salvador. Quem tem dinheiro pra pagar pastel e bolinho de feijão, perguntou Alfredo. Euclides fez que ia meter a mão no bolso. Você não, vai precisar de dinheiro mais tarde, disse Vasco. Ara, disse Euclides. Não seja besta, disse Vasco. Euclides se encolheu, Vasco pagou.

Esperaram, conheceram um momento por demais pesado de silêncio, não tinham nada a dizer de importante como a hora exigia. Até que o trem apitou na curva. Euclides era o único passageiro a embarcar em São Mateus. Deitando fumaça, espalhafatosa, a máquina parou no fim do armazém de café. Uns viajantes de guarda-pó desceram para tomar café e comer bolinho de feijão e pastel numa mesinha junto da porta de saída. Euclides abraçou os amigos, teve uma palavra especial para cada um. Não deixe de escrever, diziam. Não se esqueça da gente, disse Amadeu. Euclides tinha os olhos úmidos. Não chorou, era um homem que levava consigo grandes esperanças, não podia chorar. Com um apito e um aceno de bandeirinha o agente deu o sinal de partida. Da janela do trem Euclides tentava dizer ainda alguma coisa, mas o trem arrancou e ele só pôde gritar adeus.

Os quatro desceram calados a ladeira da estação. Voltavam para a vida de todo dia, para a solidão miúda de São Mateus.

De tarde era o bilhar ou a sinuca. Amadeu ia tentar a bola sete. O giz azul rangiu na ponta do taco. Deitou-se sobre a mesa, esticou a perna direita num esforço para se equilibrar e não perder a tacada. Sete pra nós, disse Alfredo com ar de corvo de Edgar Allan Poe.⁶¹ Pocha você também foi tentar uma bola dessas, gritou Vasco. Agora sou eu, disse Salvador capengando de mentira.

Assim eram as tardes de São Mateus. Sentado no meio-fio Amadeu ruminava, os olhos injetados, a boca amarga, o cuspe grosso.

Nem sempre tinha dinheiro para jogar. Muitas vezes iam para o Tanquinho e passavam a tarde nadando. Nadavam nus, fumavam, bebiam cachaça que um deles trazia, contavam anedotas porcas, riam, falavam de mulheres, mas de amor mesmo eles só conheciam o vendido na casa de Sanica do Pivô. Os namoros com as moças de família, as tardes dançantes de domingo no clube não tinham mais interesse. Riam das moças, elas queriam casar e eles não eram nenhum partido, nem ao menos tinham emprego. Nenhum pai ia entregar a elas as suas filhas. Eram vagabundos e desocupados.

De noite, quando conseguiam dinheiro. Deus sabe como ou o dono do bar resolvia fiar, bebiam cerveja e contavam histórias. Andavam sujos, só tinham a roupa do corpo. Esperavam algum fazendeiro aparecer, gostando de companhia alegre o fazendeiro pagava mais bebida. Vasco dava então

⁶¹ O poema "O Corvo" (1845), do poeta inglês Edgar Allan Poe, tem como refrão a expressão "nunca mais". Dai a referência que, somada ao "Sete pra nós", aumenta o "azar" no jogo (e no texto)

um espetáculo extraordinário. As mãos finas, os gestos medidos, em câmara-lenta, compunha uma sessão de mímica. Agora é Carlitos faminto que vai levar uma flor pra moça cega, dizia.⁶² Agora é a mulher grávida fazendo crochê e não tem um tusta. Agora é a moça vergonhosa que o namorado mete a mão por dentro dos seios. Agora é Jesus Cristo subindo pro Calvário antes de tomar o fel, dizia ele virando o copo de cerveja. Era mesmo uma pândega, os fazendeiros sempre se divertiam, eles eram gozados na sua tristeza.

Depois saíam para fazer a noite, como diziam. Fazer a noite era andar sem destino pelas ruas escuras e desertas. Algumas vezes passavam pelos bordéis. Se as mulheres estavam desocupadas, sentavam-se em volta da mesa na sala e se punham a conversar. Batiam longos papos, Vasco dizia graças, contava anedotas picantes, fazia mímica, imitava Carlitos e a mulher que entra na vida pela primeira vez, as mulheres se dobravam de rir. Amadeu ficava calado, fazia o papel do poeta triste, e encontrando uma mulher tão triste como ele, puxava-a para um canto e começava a conversar, a destilar angústia, como dizia. Quase sempre dava certo, acabava indo para o quarto com ela. As mulheres sabiam que eles não tinham nada, eram prontos e procuravam apenas encher a noite. As donas dos bordéis não gostavam que eles viessem quando os fregueses ricos apareciam. Mas assim sem ninguém, no meio da noite, se formava uma roda alegre e todos riam, riam até fazer lágrimas nos olhos. Meu bem, dizia Vasco, seu riquinho vem hoje? Não, ele já veio aqui de tarde. Então é a noite do seu grande e imorredouro amor, dizia ele. Luzia não gostava de ir logo para a cama, queria mais era companhia. Espera, vamos ver, dizia ela, você não deve ter um tostão no bolso. Ó, perversa, Elvira⁶³ dos meus desencantos, menosprezando a minha

⁶² Referência ao filme *Luzes da Ribalta*, de Charles Chaplin. Autran afirma em "Estilo e Lugar-Comum" (*Matéria de Carpintaria*): "O poema de Drummond que me toca mais fundo, emocionalmente, de que eu sabia trechos e mais trechos de cor, que hoje não consigo ler mais porque dói e eu tenho evitado a dor, é a 'Carta ao Homem do Povo Charles Chaplin': 'Uma cega te ama. Os olhos abrem-se. Não, não te ama...' O escritor que mais admiro, de quem roubei muitos versos em meus livros (obrigado, poeta; a gente em Minas no nosso tempo costumava falar em versos seus) é Drummond".

⁶³ Referência a Elvira, música de autor desconhecido, cantada até hoje nas serenatas mineiras:

"Elvira, escuta os meus gemidos
que aos teus ouvidos irão chegar.

Coro

Não sejas traidora, tem dó de mim,
tem dó dest'alma que te sabe amar...

Se tu me amas, como eu te amo,
eu te prometo não te desprezar.

Teu coração é um rochedo,
este rochedo é meu penar.

Sobe a escada, vem devagar,
Elvira dorme, pode acordar

Ainda mesmo depois de morta,
as tuas faces eu irei beijar."

fortuna, olha que Deus castiga. Quem quer ter um grande e imorredouro amor tem de conhecer o Romance de Um Moço Pobre,⁶⁴ dizia. Mas as horas acabavam passando e se algum deles conseguia alguma coisa, se dava por feliz da vida. Eles não se importavam, queriam um pouco de conversa, um amor roubado, não desejavam é ir para a casa.

Iam de um extremo ao outro da cidade. Na ponte paravam e conversavam. Se surgia uma idéia interessante como saltar um muro e roubar fruta, puxar uma charrete de um portão e levar para bem longe, todos aderiam à idéia genial e se davam por satisfeitos, tinham alguma coisa para fazer, enchiam as noites. As noites eram compridas e redondas, frias e arrastadas.

No dia seguinte era a mesma coisa, tudo se repetia. Alfredo passava pela casa de Amadeu e assobiava Olá Seu Nicolau, Você Quer Mingau. Os dois saíam e iam assobiar o Seu Nicolau na porta da casa de Salvador. Até que o grupo estivesse completo. E rodavam a cidade à procura de alguma coisa para fazer.

E como um dia Alfredo se foi, chegou a vez de Vasco, chegou a vez de Alfredo. O grupo diminuindo, cada vez era sempre a mesma liturgia da despedida na estação. Subiam a ladeira, se despediam trocando abraços quando o trem chegava, desciam tristes e silenciosos a ladeira para a vida comum.

Todos se foram, um dia chegou a vez de Amadeu. Subiu sozinho a ladeira da estação. Ninguém para dizer adeus. Quando o sinal de partida soou, de sua janela Amadeu olhou para ver se via algum conhecido. Ninguém, ele partia sozinho, o trem já em movimento. Na porta do armazém de café, seu Tonico Fontoura olhou-o indiferente. Amadeu acenou para ele. Seu Tonico Fontoura olhou desconfiado para um lado e para o outro, e vendo que a coisa era com ele, fez um aceno meio sem graça.

Amadeu se levantou do meio-fio. Ele também foi depois muitas vezes levar os amigos que iam para o Rio pelo trem da Central. Agora ouviu passos que se aproximavam. Alguém como ele ia para casa. Foi descendo a avenida Paraúna, a caminho de casa, a caminho do sono junto da mulher, ela se encolhia no outro lado da cama sentindo a sua presença. O remorso no peito, olhava certamente os filhos antes de se deitar. Eles dormiam e nem sequer sonhavam que o pai os olhava com emoção: a emoção de um pai moído de solidão que vê os filhos dormindo.⁶⁵

⁶⁴ Livro escrito em 1858, pelo escritor francês Octave Feuillet. Autor de peças de teatro e de romances, foi membro da Academia Francesa, em 1862.

⁶⁵ A tranquilidade da noite mineira — cheiros no ar, sono das pessoas, dos filhos de Amadeu — contrasta com a inquietação, com a *Solidão Solitude* da personagem. Procure relacionar os subtextos — trechos de poemas, títulos de livros, música de serenata, Belo Horizonte noturna, o "nunca mais" do corvo eo amor da cega —, comparando-os ao texto da vida de Amadeu.

Poética de Romance: Matéria de Carpintaria

Poética de Romance: Matéria de Carpintaria (1976) divide-se em dois capítulos. O primeiro trata da necessidade de uma arte poética: Autran insiste na função crítica do escritor que, na sua opinião, deve teorizar, discutir a sua obra, analisar ou explicar o que fez, por que fez, como fez. Esse primeiro capítulo contém outros fragmentos, como, por exemplo, "Narrativa em Bloco e Falsa Pessoa", "Planta Baixa de um Livro", "Personagem, Composição, Estrutura" e, no final, um depoimento de Autran sobre o fazer literário.

No segundo bloco, além de retomar a poética, tratando do seu conto "A Glória do Ofício", Autran nos oferece as plantas de alguns livros seus, explicando a feitura dos textos (pesquisas, anotações, desenhos, montagem em blocos...), o "risco" firme do seu "bordado", feito com as mais bem traçadas linhas.

Escolhemos o item 9 desse segundo bloco, que trata da arquitetura de *Os Sinos da Agonia*, cuja pesquisa, esquematizada nas páginas que se seguem, ocupou dois anos de trabalho intenso do escritor.

9. Os Sinos da Agonia

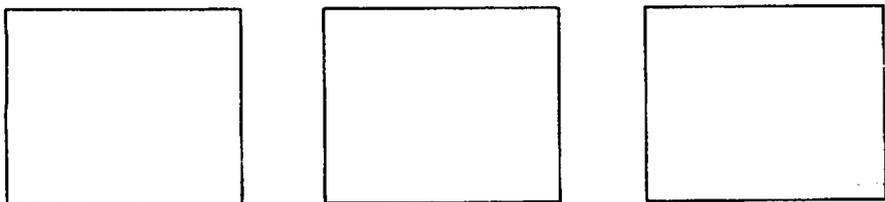
Fases, planos, planta baixa, encadeamento formal, temas e variações (notas), o mito grego, parte do material que serviu para a estruturação e feitura de OS SINOS DA AGONIA. A observação sobre os modelos e riscos utilizados em A BARCA DOS HOMENS se aplica também a esta parte de nosso trabalho — foram feitos antes e durante o desenvolvimento do livro. Igualmente aos demais livros. Trecho de entrevista e ensaio do meu mestre imaginário sobre o mesmo romance.

OS SINOS DA AGONIA nasceram de uma visão ritualística e mítica de um procedimento comum no Brasil-Colônia — a morte em efígie e suas conseqüências. Magia, magia por contágio e magia por similitude. "If we analyse the principles of thought on which magic is based, they will probably be found to resolve themselves into two: first, that like produces like, or that an effect resembles its cause; and, second, that things which have once been in contact with each other continue to act on each other at a distance after the physical contact has been severed". Frazer, THE GOLDEN BOUGH. Lei da similitude e lei do contato ou contágio. Se se destrói a imagem de uma pessoa, se destrói essa pessoa. Se se martiriza um objeto ou imagem de uma pessoa, mesmo à distância ela sofrerá.

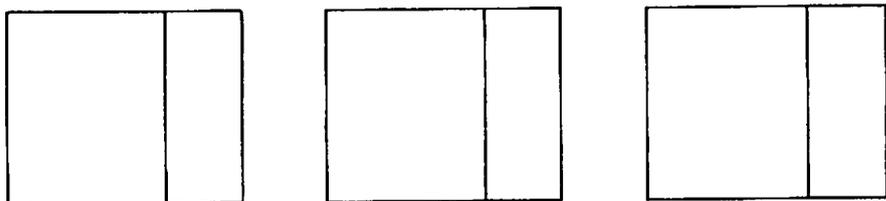
O que me interessa literariamente é a permanência do mito e do rito mágico nas camadas ou substratos mais profundos, no inconsciente arcaico, do espírito humano, a sua continuidade estrutural no tempo.

Primeira fase

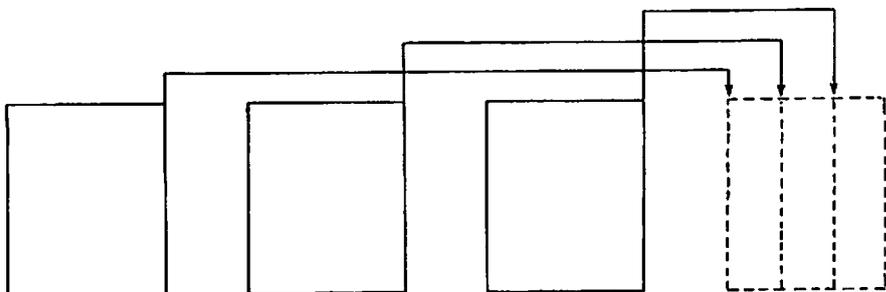
A — Concepção inicial: três blocos uniformes, do mesmo tamanho; três versões da mesma história, três narrativas.



B — Corte da parte final de cada bloco, para com elas formar o quarto bloco. Com isso (suspensão das narrativas) procurou-se atingir a unidade interior da obra, agora uma só narrativa.



C — Quatro blocos de tamanho uniforme (solução provisória).



Segunda fase

A — Primeira visualização estrutural, definitiva: um bloco (2.º) de tamanho diferente.

1.º BLOCO	2.º BLOCO	3.º BLOCO	4.º BLOCO
-----------	-----------	-----------	-----------

B — Segunda visualização, com montagem:

1.ª JORNADA	2.ª JORNADA	3.ª JORNADA	4.ª JORNADA		
JANUÁRIO	MALVINA	GASPAR	1. MALVINA	2. GASPAR	3. JANUÁRIO

“Jornada de Tragédia (antiq.): acto”

— Dicionário de Moraes.⁶⁶

“Jornada fig. En el poema dramático español, acto”

— Dicionário Manual de La Real Academia Española.

1.ª Jornada — 70 páginas \pm (mais ou menos)

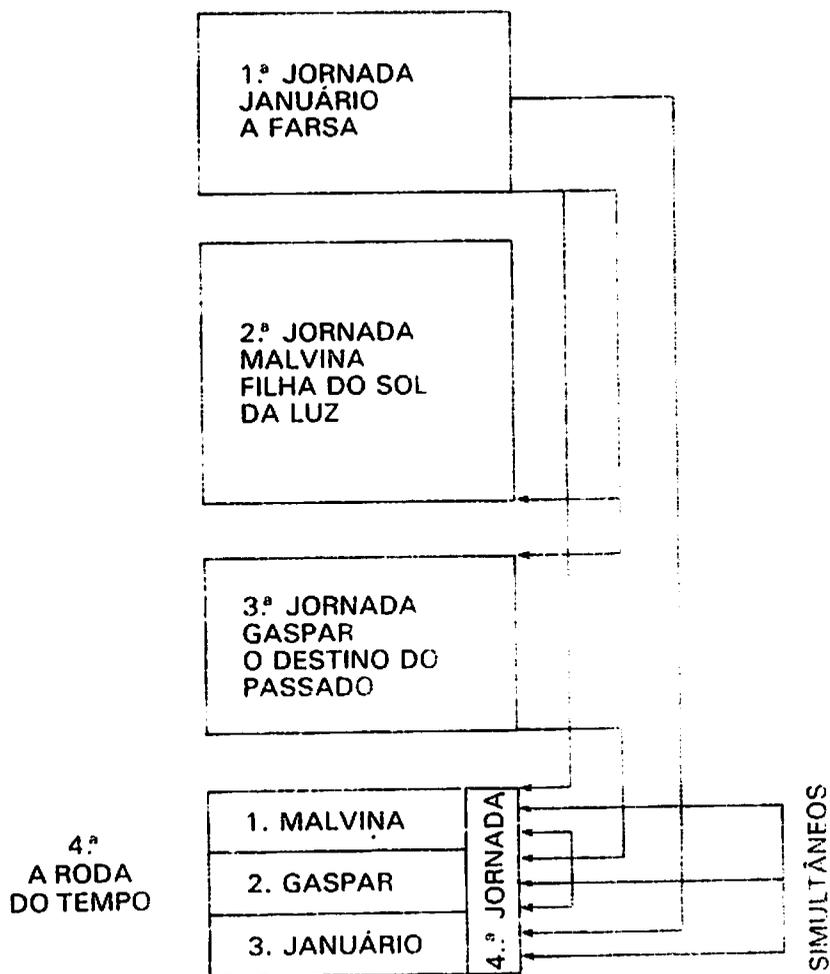
2.ª Jornada — 100 páginas \pm

3.ª Jornada — 70 páginas \pm

4.ª Jornada — 70 páginas \pm

⁶⁶ “O Moraes de 1813 é de longe o melhor (não o maior) dicionário feito em língua portuguesa. O mais criativo e rico. Riqueza não significa número ou explosão vocabular. Se contarmos hoje com um corpo vocabular que se calcula entre 300 e 400 mil vocábulos, corpo vocabular que no tempo do velho Moraes talvez não atingisse 30 mil, isso não significa progresso ou riqueza lingüística e expressiva. O próprio Aulete atual, que é ainda o nosso mais eficiente dicionário fraseológico, empalidece diante da criação de Antônio de Moraes Silva nas vésperas de nossa independência política” (*Matéria de Carpintaria*).

C — Planta baixa. Articulação dos blocos através da unidade interior da obra (estrutura). Acentos rítmicos:

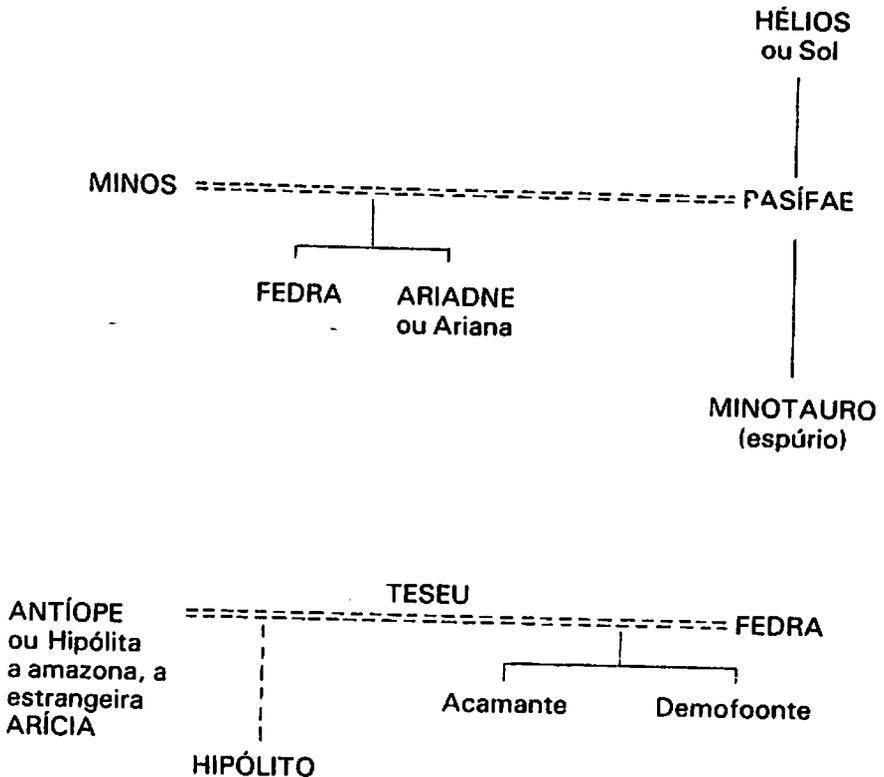


Ordem de escrita do livro

1. Primeira Jornada — A FARSA. Januário
2. 3.º (Januário) da Quarta Jornada (A RODA DO TEMPO)

3. Segunda Jornada — FILHA DO SOL, DA LUZ.
4. Terceira Jornada. O DESTINO DO PASSADO. (Gaspar).
5. 1.º (Malvina) da Quarta Jornada (A RODA DO TEMPO).
6. 2.º (Gaspar) da Quarta Jornada (A RODA DO TEMPO).

GENEALOGIA MÍTICA FAMÍLIA DE FEDRA



Fedra, pelo lado materno, descendia do Sol (Hélios).
Dai: “Filha do Sol, da Luz”, título de um dos blocos.

Algumas “etimologias”

JANUÁRIO = de Janus, o deus bifronte. Duplo de Gaspar, filho legítimo de João Diogo Galvão (Teseu). Filho de uma mestiça: a “estrangeira”.

MALVINA = Mal vinda — Má sina — Malina (maligna, o demo)

MARIANA = (M)ARIANA(E) — ARIANE — ARIADNE

Encadeamento formal

O fim da 1ª jornada (Januário) coincide com o fim da 2ª.

O início da 3ª jornada (Gaspar) é seqüência do fim da 1ª e da 2ª jornadas.

O capítulo 1º (Malvina) do 4º bloco, neste livro denominado Jornada (“ato no poema dramático espanhol e na tragédia”), é seqüência da 2ª Jornada (Malvina); o capítulo 3º (Januário) é seqüência da 1ª Jornada (Januário), inclusive cronologicamente, pois é a manhã que nasce da noite anterior, com que se abre o livro; o 2º capítulo da mesma Jornada (Gaspar) é continuação da 3ª Jornada (Gaspar).

Toda a 4ª Jornada (Malvina, Gaspar, Januário) se passa na manhã do mesmo dia.

O fim do 2º capítulo da 4ª jornada é conclusão e revelação (“reconhecimento”, segundo Aristóteles, das tragédias) do final do 1º capítulo. O 3º capítulo não é continuação dos dois primeiros capítulos mas apenas tem a ação cronologicamente simultânea (manhã do mesmo dia). Com o recurso técnico de deixar em suspenso o destino de Gaspar (2º capítulo da 4ª Jornada) se procura prender a atenção do leitor, que espera que ele seja concluído no 3º capítulo, a exemplo dos dois capítulos anteriores, o que não acontece, permanecendo o aparente mistério: a conclusão lógica e fatal é a morte de Gaspar (não se diz se ele é executado ou se suicida, qualquer fim é possível) como a morte de Malvina é **anunciada** (técnica de tragédia) no fim do 2º capítulo (Gaspar) da 4ª Jornada, a de Januário é **apresentada** (técnica narrativa, de romance) no fim do 3º capítulo (Januário) da mesma Jornada. Como os dois personagens Gaspar e Januário (duplos um do outro) são as duas faces do mesmo personagem (Hipólito), cujos traços são distribuídos entre os dois (o lado bastardo e “filho da estrangeira” de Hipólito é representado por Januário, e o lado incestuoso, “edipiano”, do personagem, por Gaspar), a morte de Januário no 3º capítulo e fim do livro “significa” a morte de Gaspar, como Gaspar sente que foi ele que matou o pai através da mão de Januário (daí o simbolismo do sonho na 2ª Jornada, daí a fusão no espírito de Malvina — 2ª Jornada — dos dois numa só pessoa, da mesma maneira que ela funde pai e filho ou vê no pai traços do filho — e isso é Fedra vendo, ao revés no nosso caso, “nos traços de Hipólito o Teseu moço”). A morte como punição é fatal. Já se está morto em efígie, é só entregar o corpo.

Ambigüidade no final de cada bloco.

O mito grego

Para encantar e seduzir Europa, raptá-la e possui-la, Zeus transmuda a sua divindade em touro. Dessa união nasce Minos, rei de Creta. Minos se casa com Pasífae, “toda luz”, filha de Hélios ou Sol, contra a qual Afrodite havia jurado vingar-se nos seus descendentes, inflamando-os com a loucura do amor. Minos e Pasífae geraram Fedra, Ariadne e Androgeo.

Poseidon presenteia Minos com um touro, na obrigação de sacrificá-lo. Minos se encanta pela beleza do animal e o poupa, substituindo-o por outro. Como ele, sua mulher também se encanta pelo fantástico touro, por ele

se apaixona e trai Minos. Nasce dessa união bestial o Minotauro, monstro metade homem, metade touro.

Minos aprisiona o espúrio no labirinto construído por Dédalo. Por coincidência, Dédalo, o fabuloso arquiteto e artífice, foi quem preparou o artefato que enganou o touro, permitindo que Pasífae fosse por ele possuída.

Como castigo pela morte de seu filho Androgeo nas mãos dos atenienses, Minos impõe a Atenas o tributo anual de sete moços e sete moças à fúria do sanguinolento Minotauro. Para livrar os atenienses desse sacrifício brutal, o herói Teseu vai com os jovens, decidido a matar o monstro. Seduz Ariadne, que lhe fornece a meada cujo fio permitirá a Teseu, após a morte do irmão bastardo da jovem, escapar dos corredores do labirinto.

Alcançado o seu objetivo, Teseu abandona Ariadne, fugindo com sua irmã Fedra, a quem igualmente cativara. Mas Teseu já possuía um filho natural com Hipólita ou Antiope, a estrangeira, rainha das Amazonas: Hipólito.

Hipólito, o casto, o mais puro dos homens, se recusa ao culto de Afrodite, reverenciando apenas Artemis, a deusa da caça.

Cumprindo o seu destino, Fedra se apaixona pelo belo adolescente. Tentado, Hipólito recusa o amor incestuoso com a mulher de seu pai e provoca a ira de Fedra. Ferida no seu orgulho, ela denuncia Hipólito a Teseu: o enteado é que tentara seduzi-la. Amaldiçoado e expulso da casa paterna, Hipólito, com os seus cavalos, morre no mar, reino de Poseidon, a quem Teseu, seu "filho", pede vingança e punição da culpa. Ao saber da morte de Hipólito, Fedra confessa a Teseu o seu crime e se mata.

(Mito simplificado em suas linhas. Sobre cada passo há muitas lendas e versões, variações que se misturam e se confundem, gerando a poética ambigüidade. Descobrir as origens do mito e das fábulas que o compõem é função de mitólogos, filólogos, historiadores da religião, antropólogos e sobretudo dos poetas, que, ao penetrarem no reino do mito, criam novas fábulas, conforme o sumo do seu tempo. Assim o mito permanece e se renova incessantemente.)

Temas e aproximações

(primeiras notas)

A)

Primeira Jornada: Hipólito-Januário

**O amor brutal e repentino.
Inocência de Januário.**

Fazer com que Januário seja tentado à fuga, aconselhado pelo escravo Isidoro. Mas ele está preso ao lugar da tragédia, tem que voltar, atraído pela Casa. Mas não pode entrar na Casa, a porta guardada por dois soldados. Mesmo assim não desiste. Januário se acha dividido, é uma parte dele mesmo que aconselha (o duplo especular) a fuga impossível, pela voz de Isi-

doro. Qualquer um pode matá-lo. Os inimigos do pai, pelas loucuras que já fez. A Casa como um tabu a que ele se acha magicamente preso mas na qual não pode penetrar.

Januário está cercado e não pode sair, a não ser que aceite a sua morte. Vai aceitar a própria morte, já está morto em efígie na Praça, na grande pantomima: por isso retorna. “Tudo que começa a viver já começa também a morrer, a caminhar para a morte, de maneira que morte é também vida” (Heideger). É estranha a prisão sem grades, porque ele tem abertas para si todas as portas do sertão, e no sertão ninguém o pegaria. Mas ele sabe que está condenado, tem de voltar à Casa, a Vila Rica. Para morrer, aceitando a sua morte definitiva, já que para o mundo ele está morto. O tema mágico e ancestral, mítico, da morte em efígie.

Segunda Jornada: Fedra-Malvina

O amor demoníaco, o demo.
A não inocência de Malvina.

Malvina, dado o primeiro passo (ninguém é pecador de repente), daí em diante vai num crescendo (a máquina que ninguém pode deter), possuída do crime planejado, como libertação, contra o marido, e executado por Januário (?), até o ato final, da acusação, em carta ao Capitão-General, de que Gaspar e não Januário é que matara João Diogo Galvão. Ela não pode mais deter a sua fúria, seu desejo de sangue e vingança. O demo, a má sina, “Malina”. Neste particular ela é mais Lady Macbeth e Medéia do que Fedra. Vai até o suicídio, para que Gaspar também morra. De Racine o ciúme (não a fúria, que é mais de Sêneca) de Fedra. É o ciúme que a faz escrever ao Capitão-General. Ao se destruir, ela quer destruir Gaspar e se destruir. Depois de mim, o fim do mundo, a catástrofe. A carta de Malvina acusando Gaspar da morte do marido se inspira em Eurípides (não a carta, a denúncia). Ela quer morrer para que, através da sua morte, seja senhora do mundo. Viva, mesmo que ela acusasse Gaspar da morte do marido, teria de com ele se defrontar um dia, ocasião em que poderia se mostrar fraca. A impossibilidade do arrependimento, a morte. Suicidando-se, ela acusa Gaspar inapelavelmente, sua palavra é definitiva, não pode sofrer contestação — nem dela mesma. O suicídio é eminentemente agressivo; é ameaça, chantagem ou punição. Às vezes.

Terceira Jornada e Quarta Jornada: Gaspar-Hipólito

Gaspar: o amor em surdina.
A “pureza” revelada.

Para Gaspar, enquanto vivo o pai, ele deseja a sua madrasta Malvina mas não pode possuí-la. O pai e Jocasta. Por isso cala em si todo o desejo, quer dizer — não o demonstra. Com a morte do pai — de que se sente inconscientemente, absurdamente culpado — já não pode possuir Malvina, há o cadáver do pai entre eles (o simbolismo do caixão entre os dois no velório), o seu fantasma (Shakespeare faria o fantasma “real”, em cena,

não em sonho). Usar da maior ambigüidade possível, sobretudo no final dos blocos ou jornadas. Se possuísse Malvina, estaria cometendo o incesto de que sempre fugiu (a mãe, a irmã — todas puras). Como que a morte do pai, com que tinha sonhado, “seria” realizada por ele. Mais ambigüidade, sobretudo de imagens. Daí a sua frieza. Você não é homem, diz-lhe Malvina quando, beijando-o, apalpando-o, o sente frio. Ele passa então a buscar a “pureza” na figura da sua “noiva” branca (Marília mítica e poética, na verdade Ana): esta não exigirá nada dele (sua recusa em cultivar, Hipólito, Afrodite), também ela virgem: a noiva é uma coisinha perto de Malvina, com quem agora ele está sozinho, com quem se defronta. O sexo devorador, as voçorocas de ÓPERA DOS MORTOS (“é preciso enterrar os nossos mortos”). O sexo com Ana é “permitido”, é pacificado.

A paixão pela madrasta é em surdina, vai crescendo dia a dia, como ele acorda da letargia, vindo da caça, da fuga. O tempo, a sua matéria. “Roda do tempo”, peça de relógio — ver Moraes, Dicionário.⁶⁷ Como amou Malvina em segredo, ele acabaria por “amar” a noiva, o amor bendito pelo casamento. Estaria salvo.

A noiva, Ana. A Aricie criada por Racine (em Eurípedes e Sêneca não existe como *dramatis personae* para disfarçar a possível impressão de androgenia e homossexualismo do adolescente Hipólito, inadmissíveis na sua época mas trivial na Grécia. Devo usá-la noutra sentida: para efeito de paródia de situação e paralelismo, como espelho, a Marília de Dirceu, a “eterna, pura e mítica noiva” de Minas. Só ela salvaria Gaspar, e portanto o lúbrico Gonzaga (os “versinhos” do desembargador). Mas o personagem não é Gonzaga, Gonzaga e Cláudio são utilizados ironicamente, parodisticamente, produtos os mais altos do arcadismo das Minas (não entrar em detalhes de escola, tudo como um todo, sumo do século do Ouro).

B)

A menção a Tirésias, que não faz parte das *dramatis personae* de Hipólito ou Fedra e sim da trilogia de Sófocles (“O Rei Édipo”, “Édipo em Colona” e “Antígona”), com a sua voz soturna (paródias do coro grego — Eurípedes e Sêneca — há mesmo o canto de um coro inteiro na 3.ª Jornada) dá o fundo edípiano da tragédia. São variações em torno dos temas dos grandes trágicos. Malvina “mulher forte” se aproxima mais de Medéia⁶⁸ e de Antígona,⁶⁹ sabidamente “mulheres fortes”, a última forte e virtuosa,

⁶⁷ Roda do tempo “é uma roda que serve para adiantar ou atrasar o relógio (...)”. (*Dicionário Moraes*, p. 637, v. 2.)

⁶⁸ Feiticeira da mitologia grega. Abandonada pelo marido Jasão (apaixonado por Creúza), estrangulou os próprios filhos. Em seguida, presenteou a rival com um manto mágico que, ao ser vestido por ela, incendiou-se, matando-a.

⁶⁹ Personagem da mitologia grega, filha da união incestuosa entre Édipo e Jocasta. Com sua irmã Ismênia, acompanhou o pai cego no exílio e, de volta a Tebas, tentou reconciliar seus irmãos Etéocles e Polinice, em guerra. Mortos os dois, o rei Creonte, seu tio, sepultou Etéocles com todas as honras e, sob a alegação de traição à pátria, proibiu o sepultamento de Polinice. Antígona, levada pelo amor fraternal e achando injusta a proibição que feria as leis divinas e os costumes da cidade, enterrou Polinice em segredo. Ficou na lenda como símbolo da mulher forte.

do que da hierática rainha heróica de Racine. Não estou aqui preocupado com a beleza serena e clássica dos versos franceses (de que me utilizo às vezes...). A retórica de Sêneca e a mitologia de Ovídio (fortes influências no teatro elizabetano, portanto em W. Shakespeare — Lady Macbeth no caso — mais do que Eurípides), como fontes de paródia, servem mais ao meu propósito carnavalesco e brutal de farsa barroca, de livre aproveitamento acronológico de elementos históricos das Minas e do Brasil. Interessa-me mais o sentido da época, raiz do absolutismo português e brasileiro. Crítica a uma sociedade (uma das possíveis escritas, e portanto — leituras) que se quer requintada, em que um povo não consegue ser povo e ter voz, simples massa: as sonhadas riquezas impossíveis, o fastígio mais sonho do que realidade, o apogeu, a decadência e a agonia. Os sinos tocam por todos, pelas Minas que no sonho do velho pai de Ana “mudam de lugar”, quando o ouro seca. Dar a maior riqueza, o maior sumo, a maior ambigüidade simbólica aos sinos, aos dobres de toda qualidade, principalmente os da agonia. Tudo ao som dos sinos, do seu código de dobres e batidas (sinos mestres, meões, garridas), de versos, de uma arte maneirista. Mazombos europeizados, frutos da época, nostálgicos de uma cultura “universal”, “aérea” e “pura”, com raízes à flor da terra, nostálgicos de paisagens arcádicas, de ninfas e pastores, de liras e harpas eólias, incapazes de compreender a arte nacional, a novidade do “grosseiro” e “inacabado” Aleijadinho, de um Ataíde⁷⁰ (criticados pelos viajantes europeus às Minas e só redescobertos com o Modernismo). Para sonharem com o maneirismo adocicado, a “pureza”, a “doçura”, os meios tons, do país “ideal”. Os mazombos, os pretos, os índios e os mestiços. O cheiro forte das raças, longe ainda do “classicismo” francês, do “promissor” academicismo que se avizinha, com a lusitanização do Brasil durante o Império, não continuasse a mesma Casa de Bragança. Pelo menos quanto à língua, à História.

(Dos apontamentos que serviram ao autor para a elaboração do romance. Sofreram alterações no decorrer da escrita da narrativa.)

Datas e cronologia

Embora não tenha tido o propósito de fazer romance histórico e muito menos realista (pelo menos na acepção de Lukács — TEORIA DO ROMANCE e ROMANCE HISTÓRICO), de romance como epopéia burguesa (Hegel), e sim uma obra do meu tempo, moderna, para ambiência e sobretudo para o caráter de farsa e paródia carnavalesca, de visão poética da

⁷⁰ Manuel da Costa Ataíde (1762/1837), nascido e falecido em Mariana, Minas Gerais, é o mais importante pintor colonial brasileiro. Do ponto de vista da história da arte é também importante, porque foi um dos últimos artistas do rococó a atuarem no mundo ibérico. Sua obra-prima é o teto da Igreja de São Francisco, em Ouro Preto, Minas Gerais.

História — sem ter com ela nenhum compromisso — durante a sua composição teve sempre presente alguns acontecimentos e cronologias. Mas não há uma só data no romance: no máximo “era de 60, 30”, e assim mesmo muito pouco e vagamente, para efeito de ambigüidade e simbolismo. Como não há nomes de personagens históricos: menciona-se sempre El-Rei, Capitão-General, Ouvidor, figuras simbólicas e representativas do poder absoluto. Sendo a ambiência do livro o séc. XVIII e o seu provável período histórico o final do século, quando “o ouro secou e as grupiaras emudeceram”, como já disse em outro livro, se se quiser ver a obra como romance histórico (um absurdo), o anacronismo é evidente: não seria nunca El-Rei e sim a Rainha (a famigerada D. Maria I). Da mesma maneira como tudo é ambíguo e literariamente simbólico, metafórico, não se precisa nunca a idade dos personagens.

- 1691 — Primeiras notícias de ouro no Tripuí, Minas.
 1698 — Antônio Dias descobre o Itacolomi.
 1700 — Grande fome. Os bandeirantes abandonam as matas. Se esqueceram de plantar, como aconselhava Caminha.
 1708 — Guerra dos Emboabas.
 1720 — Filipe dos Santos e o potentado Pascoal da Silva Guimarães. Casas de fundição. Conde de Assumar. Morro da Queimada, destruição de parte da vila.
 1725 a 1750 — Máximo de abundância do ouro e do requinte mazombo. A fingida nobreza.
 1726 — Os serviços de calçamento de Vila Rica são atacados mais fortemente.
 1729 — Nascimento de CLÁUDIO MANUEL DA COSTA.
 1731 — Construção nova do Pilar.
 1733 — Triunfo Eucarístico, procissão. Trasladação do Santíssimo da Igreja do Rosário para o Pilar.
 1738 — Construção do Palácio Novo, na Praça da Câmara — 1753.
 1742 — Construção da Ponte dos Contos, antiga São José, importantíssima na sátira das CARTAS CHILENAS.
 1745 — A Vila do Carmo passa a se chamar Cidade Mariana. Mantém-se o nome antigo.
 1746 — Gomes Freire de Andrade resolve acabar com o Quilombo do Ambrósio, o mais famoso das Minas.
 1747 — Pelourinho da Praça da Casa da Câmara (2º de Vila Rica).
 1750 — Marquês de Pombal.
 1752 — Construção dos Quartéis dos Dragões.
 1755 — Atrito de Pombal com os jesuítas.
 1756 — A casa do Real Contrato passa a ser chamada de Casa dos Contos.
 1759 — Expulsão dos jesuítas.
 1760 — Primeiro relógio na Torre da Cadeia (a antiga, não a do Fanfarrão).
 1766/72 — Igreja do Carmo.
 1772/94 — Igreja de São Francisco de Assis — Apogeu do Aleijadinho.
 1782 — Gonzaga toma posse do lugar de Ouvidor da Comarca.
 1783 — Luís da Cunha Meneses, o Fanfarrão Minésio das CARTAS CHILENAS, inicia a construção da Cadeia, símbolo do gosto clássico, da opressão e do poder.

1787 — Conclusão da Casa dos Contos.

1787 — Começam a circular AS CARTAS CHILENAS e os pasquins subversivos.

1788 — Visconde de Barbacena.

1789 — INCONFIDÊNCIA MINEIRA.

(....)

Fontes Principais das Paródias de Estilo e de Situações Mineiras:

TRIUNFO EUCARÍSTICO, Simão Ferreira Machado e AUREO TRO-NO EPISCOPAL; AS CARTAS CHILENAS; Obras de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto e outros árcades; AUTOS DA DEVISSA da Inconfidência Mineira.

Os Sinos da Agonia

As três primeiras edições de *Os Sinos da Agonia* nos trazem uma nota dos editores. Nela, eles "definem e localizam" o romance, temendo, quem sabe, a atualidade do texto.

Os editores esclarecem: "São variações em torno de temas dos grandes trágicos do passado, disse-nos Autran Dourado ao entregar os originais de *Os Sinos da Agonia*. Utilização de mitos e arquétipos perenes e universais, sempre renovados".

l. acrescentam: "Com este livro Autran Dourado prossegue a sua saga de decadência de Minas Gerais (...)". Dessa vez, o autor aprofunda e vai mais longe do que em *Ópera dos Mortos* — volta às Minas Gerais do final do século XVIII, quando "o ouro secou e as grupiarias emudeceram", como ele próprio já escreveu.

Afirmam ainda: "Mas *Os Sinos da Agonia* não é um romance

histórico e muito menos realista (...)".

Não é um romance histórico, mas é um romance político, diz Autran Dourado, à margem de qualquer e toda nota.

A arquitetura de *Os Sinos da Agonia* funda-se na simetria: quatro epígrates; quatro jornadas (a última dividida em três partes e marcada pelas sete pancadas da agonia), quatro personagens fazendo a história: Januário, João Diogo, Malvina, Gaspar

O romance se arma em quatro blocos espelhados que, soltos e autônomos, aparentemente mantêm ligações interiores, completando-se e esclarecendo-se. O primeiro bloco (ou Primeira Jornada), "A Farsa", faz ainda um "duo" com o quarto e último, "A Roda do Tempo": morto em efígie, Januário volta para ser "relaxado em carne", cumprindo o "círculo mágico".

Primeira Jornada

A farsa

.....
Era uma grande força de brauna de quinze degraus, feita a propósito e segundo medida e risco do próprio Capitão-General, conforme se dizia. Nela se poderia perfeitamente executar qualquer criminoso, por mais forte e corpulento que fosse, e não um simples boneco de palha figurando o réu Januário Cardoso, fugido do braço da Justiça del-Rei.

Na praça, de costas para o patíbulo, a frente voltada para o palácio-fortim colorido de fâmulas e bandeiras com as armas do reino e as insígnias do Capitão-General, viera se formar em triângulo a tropa escolhida para a guarda da força. O vértice do triângulo apontava para o palácio, de onde assistiria à cerimônia e comandaria o enforcamento exemplar o próprio Capitão-General. Um renque de sentinelas, as armas escorvadas e embaladas, se estendia por toda a frontaria do palácio, de guarita a guarita.

Desde muito cedo, manhãzinha ainda, um mundéu de gente se deslocava

pelos caminhos, becos e vielas, para se apinhar na praça e disputar os melhores lugares. Gente vinda das duas bandas da cidade, de Antônio Dias e do arraial do Ouro Preto, gente de conhecida rivalidade se irmanava momentaneamente, esquecidas as velhas disputas, que retornariam no cair da tarde, quando o pau devia comer feio; do arraial do Padre Faria, dos Fundos e das Cabeças; de Cachoeira do Campo e da Passagem; mesmo da vila do Carmo, da banda do além, tinha vindo gente para assistir ao grande espetáculo guinhol, ao inusitado sacrifício em efígie, que o Capitão-General ia dar para edificação daqueles povos das Minas, turbulentos e motineiros, libertários. De noite haveria luminárias e fogos, quando os ânimos estariam escancaradamente exaltados e se praticaria toda sorte de pecados, na fervilhante agitação do sangue, do sexo, da bebida.

Discutia-se e se brigava pelos melhores lugares, tanto nos largos e ruas por onde ia passar o fúnebre cortejo, como na praça onde se realizaria a grande farsa pantomima. Todos queriam ver, ninguém podia perder o grande acontecimento que as Efemérides depois registrariam. Apesar da ordem para que as vendas se mantivessem fechadas, muita gente fizera de véspera a sua provisão de cachaça e patifaria, e cana corria alegre, bebida mesmo na boca da botija, no bafo e no arrote. E alguns mais altos, a pinga subida na cabeça, já riam e antegozavam, na névoa estúpida da bebida, o grã-guinhol, a fantástica ópera de títeres. Eram bêbados contumazes, opilados e hidrópicos com os seus inchaços e mijos, pretos forros e mulatos, crioulos, brancos pingantes e sujos, a fedorenta humanidade.

De vez em quando passavam em disparada soldados de espada desembainhada e os mais alegres se afastavam ruidosos, gritando vivas a el-Rei e ao Capitão-General, de puro medo das patas dos cavalos, dos ferros dos sabres e espadas. Trocavam-se gracejos e informações, diziam-se os mais cabeludos palavrões. Empalmava-se a bunda das mulatas trigueiras, os dentes de marfim todos à mostra no riso excitado, nos gritos histéricos, os peitos fartos e duros, de bicos do tamanho de uma azeitona, inteiramente de fora. Beliscava-se o braço roliço de pretas exuberantes e assanhadas, vestidas de panos e xales berrantes, cobertas de braceletes, trancelins, correntes e colares de ouro, a cabeça empoada, os argolões nas orelhas, os vidrilhos rebrihando ao sol da manhã. Era uma festa de moleques e mucamas em dias de folga, do femeaço e dos feitores, de pretos forros e brancos pobres, de mulatos e mamelucos, cafuzos, entrecruzas de caburés e curibocas, carijós. Aquele caldo de gente quente e espumante de onde nasceriam as flores gálicas e os esquentamentos. Um grande festim de raças e ofícios, selvagem, infernal, puro trópico.⁷¹

⁷¹ O filósofo francês Michel Foucault fala que, nas cerimônias de suplício, a personagem principal é o povo, cuja presença real e imediata é exigida para seu cumprimento. O exemplo é buscado não apenas para lembrar que a menor infração é punida, mas, principalmente, para provocar um efeito de terror, pelo poder atuando sobre o culpado. O povo é chamado como espectador: convocam-no para assistir às confissões, aos enforcamentos; os pelourinhos e os cadafalsos são construídos em praça pública ou à beira dos caminhos; os cadáveres dos supliciados ficam em evidência e durante muito tempo perto dos lugares de seus crimes. É preciso que as pessoas saibam e que também vejam com os próprios olhos. É preciso que tenham medo. O rei, chamando a multidão para a manifestação de seu poder, tolera o carnavalesco. Nada proíbe e nada condena. Durante algumas horas. (Ou quem sabe até durante três dias...)

Os moradores dos sobrados da rua Direita e da praça, gente de casta ou fumaça, trouxeram seus tamboretos para junto das janelas e sacadas enfeitadas, cobertas de brocados e damascos, de colchas de seda franjadas, e se divertiam vendo aquele povilêu de gente sem eira nem beira, e conversavam, animados e aflitos, com os seus convidados. Eram principalmente mulheres e crianças, que os homens bons e os fidalgos muito antigos nos livros del-Rei, como gostavam de se pavonear, mentirosamente ou não, eram mais receosos e só chegariam à frente quando o Capitão-General aparecesse na sacada principal do palácio ou descesse à praça, não se sabia, para que fossem vistos e nem de longe fosse posta em dúvida a sua lealdade à Sua Fidelíssima Majestade em Lisboa. Os homens nas suas melhores véstias, calções e casas-casas, as cabeleiras brancas. As mulheres nas suas altas trunfas, vestidos decotados, de veludo ou tafetá bordados a ouro, cobertas de aljôfares, pérolas, corais, lavrados, anéis faiscantes de pedrarias, gargantilhas, pingentes, rosáceas. Ruivas, rubras, alvaiadas, espaventosas.

De tempos em tempos uma esquadra de dragões tinha de afastar a espaldeiradas e patas de cavalo aquela arraia miúda sempre mais afoita e inquieta, para que as entradas e o meio da praça ficassem desimpedidos, eram as ordens. A impaciência agora era geral e o vozeio crescia, gritos explodiam toda vez que alguém anunciava ter visto a procissão apontar lá embaixo, no cotovelo da rua Direita.

Tudo impaciência, só às nove horas começou mesmo a se movimentar o cortejo, o passo tardo dos saimentos, ao compasso dos sinos de todas as igrejas dobrando fúnebres.

Uma esquadra de dez soldados nas vistosas casaquilhas, montados em cavalos com coloridos xairéis, guarnecidos de franja dourada, os arreios de sola bordada e latão polidos, os estribos e arreatas reluzentes, o mosquete a tiracolo, a espada na mão direita, a rédea firme e alta, abria o cortejo. Os animais impavam relinchantes e escoiceavam estranhando o vozeio e o ajuntamento, os foguetes que começaram a soltar do alto dos morros, a metralha dos rojões de repetição.

Depois dos soldados, bem na frente, vinha o cruciferário na sua batina de gala, a sobrepeliz rendilhada, erguendo bem alto a grande cruz de prata. Após ele, outro padre, jogando para o povo, benzendo-o, a fumaça cheirosa do incenso no turbíbulo. À passagem do cruciferário as pessoas abaixavam a cabeça, se descobriam e se benziavam e ajoelhavam na contrição do costume. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, alguns gritavam. Para sempre seja louvado, respondiam. Dos sobrados mais ricos chegavam a gritar vivas a el-Rei Nosso Senhor.⁷²

Seguiam-se as mesas e colegiadas das irmandades, nas suas opas roxas, brancas, encarnadas, azuis, castanhas e pretas. Na frente de cada uma o seu padre nos mais ricos paramentos, rezando alto, abençoando os fiéis nas janelas, amaldiçoando o infame réu. Anátema ao infiel inconfidente, falavam alto no exagero, a voz sonora, a empostação enfática. E passavam lentamente, arrastando os pés e sandálias e sapatos e botas, como nas procissões de enterro, as irmandades do Carmo, de São Francisco de Assis, das Mercês e Perdões, do Rosário, do Pilar e da Misericórdia. Iam silenciosos e medi-

⁷² Observe que poder religioso e poder real (político) caminham juntos nessa "procissão"

dos, o rosário na mão, de cabeça baixa, mudos e ungidos no medo e na devoção.

A longa procissão se arrastava soturna pelas ladeiras.

E vinha incorporado o Senado da Câmara com a sua bandeira, as armas da vila bordadas a ouro. Os camaristas de capa e volta como de estilo e pedia a cerimônia, ao contrário dos irmãos de opa, eram solenes e enfáticos, a cabeça erguida em vaidosos olhares. E continuava o aparatoso cortejo com o ouvidor, juizes e escrivães nas suas melhores capas com bandas de ruidosas sedas, as suas casacas de lemiste, os bordados de ouro na gola, os coletes de cetim lustroso, os seus chapéus de pluma debaixo do braço, a cabeça empoadada, a testa alta suando muito, as meias de seda muito esticadas e justas modelando as pernas, as ricas fivelas dos sapatos, as mãos enluvadas segurando hieráticas o punho dos espadins e bastões.

Eram todos ricos senhores que faziam calar à sua passagem a arraia miúda desrespeitosa e assanhada. Assim pedia a lei, assim queria el-Rei.

E finalmente o que todos mais esperavam: a carreta puxada por três juntas de escravos, pintada de escandaloso zarcão, feita especialmente para aquele dia. O Capitão-General tivera tempo e capricho para não descurar de nada. Como cuidou do próprio risco da força.⁷³ Em cima da carreta, numa cadeira-de-estado alta, para que melhor se equilibrasse amarrado e não caísse aos solavancos das rodas nas pedras do calçamento, um enorme boneco de capim, do tamanho mesmo de um homem, a que tiveram o macabro cuidado de vestir a alva dos penitentes. No pescoço do calunga, o barão, cuja ponta segurava o preto Mulungu, os calções de riscado de tecido da terra, o tronco pelado, negro e luminoso de suor, feito ele tivesse se lambudado de unto. O preto ia risonho e glorioso, famoso carrasco ele era, distribuindo olhares e risos. Nunca tinha sido tão importante assim na vida. Uma rótula se entreabriu, uma gaforinha mulata apareceu. Um assobio e o grito Mulungu dos infernos, que o exasperava. Mas o preto parecia a árvore mesma do seu nome, fingia não ouvir. Continuava a sorrir, a boca escancarada, os dentes cavallares branquinhos.

O preto era a única pessoa que conseguia rir. O divertimento que se esperava, a ruidosa festa, não acontecia. De cada lado da carreta vinham três padres, as mãos cruzadas sobre o peito, recitando salmos, dizendo orações, confortando o padecente. Tudo em fingido arremedo de um verdadeiro e exemplar sacrifício. Quando passava a carreta, todos recolhiam o riso, emudeciam. Mesmo interiormente reparando, ninguém tinha a coragem de falar que o Capitão-General levava longe demais a sua fantasia. Só mais tarde, em cartas rimadas e pasquins.

Após a carreta, mais homens armados, para evitar o descalabro dos rabos de procissão, onde o povinho fervilhava e engrossava.

⁷³ Em *Os Sinos da Agonia*, a palavra *traça* tece a narrativa de ponta a ponta. Segundo o dicionário, traça é risco, "planta, desenho, traçado". A arquitetura do romance funda-se assim na simetria: quatro epígrafes, quatro jornadas (a última dividida em três fragmentos e marcada pelas sete pancadas da agonia), quatro estações do ano, quatro personagens fazendo a história: Januário, João Diogo, Malvina e Gaspar. Traça quer dizer também "designio", "intento". Observe a ambigüidade: se, por um lado, o destino das personagens do romance é traçado pelos deuses, quem cuida do "próprio risco da força" é o Capitão-General.

Quando a carreta entrou na praça se ouviu o longo ó de espanto e desacorção. Embora todos esperassem mesmo um boneco de palha, parece que no fundo do coração desejavam que ali surgisse, em carne e pessoa, o próprio penitente. O ó foi diminuindo, diminuindo, até morrer no silêncio de lago que era agora a praça ensolarada.

O Capitão-General apareceu finalmente na sacada central do paço, e os olhos do povo e dos sobrados se voltaram para o palácio. O seu melhor uniforme, trespassado de bandas, coberto de dourados e veneras, reluzia. Aos olhos dos áulicos e na língua arrevesada dos panegiristas do áureo trono, era o próprio Sol Novo da América.⁷⁴ Assim pelo menos devia se sentir, tal a luminosidade da sua cara, dos seus olhos modestamente baixos, chamcantes; devia se sentir muito feliz na sua glória.

De dentro do maior silêncio surgiu um cavalo negro com os seus arreios aparelhados de prata, o xairel de veludo, a crina entrançada cheia de guizos e fitas de mil cores. Era o coronel dos dragões que ia comandar a solenidade. No seu porte mais marcial e estudado, sanhuda cara de oficial português, todo engalanado de ouro e medalhas, a espada para o ar, se dirigiu em trote cadenciado, o corpo subindo e descendo na sela, para a sacada do Capitão-General. Com a voz grossa, respeitosa, pediu permissão ao Exmo. Senhor Governador e Capitão-General da Capitania das Minas para dar início à solenidade. Voltou-se para junto da tropa que se postara em frente à força, e começou a dar ordens gritadas, que fazia seguir de largos gestos de espada no ar.

De cima do patamar da força, na sua plataforma, o preto Mulungu olhava soberano a praça cheia de gente e soldados na mais rigorosa formação militar, tão soberano e soberbo como o Capitão-General titereteiro da sua sacada enfeitada de brocado de ouro velho. Assim ao sol, imóvel e brilhoso de suor, sem o mais leve movimento ou tremor de músculos, o peito estofado, a cabeça erguida, as mãos segurando a ponta do baraço, Mulungu parecia uma colossal estátua untada de alcatrão. Tão hierático e solene (o retinir dos sabres e espadas, o faiscar dos cascos ferrados nas lajes, o brilho dos galões, bandeiras, insígnias e uniformes, a aparição aguardada e temida do Capitão-General na sacada, aumentavam ainda mais a gravidade do momento), surgido do negrume de uma estampa antiga, que ninguém, nenhum moleque mais atrevido ou bêbado teve a ousadia de assobiar e gritar Mulungu dos infernos. Aos olhos daquela gente a'errada ele era mesmo uma potência das trevas.

Um alferes subiu os degraus da força, parando demorado a cada passo, e veio dizer qualquer coisa a Mulungu. Tão no ouvido e baixinho, era como se tivesse medo de que, no cristal da campânula de silêncio que era aquele mar de cabeças, toda a praça pudesse ouvi-lo, mesmo o engalanado e ostentoso Capitão-General. O preto não entendeu, o alferes ao se afastar, vendo os olhos de espanto, teve de voltar e repetir no seu ouvido. Pelo riso, Mulungu parece que agora entendeu. Sem uma palavra, o alferes se voltou para o padre a seu lado, mudamente dizendo que era dele a vez e a fala. O alferes

⁷⁴ Comparação com Luís XIV, rei da França, de 1643 a 1715: a frase que lhe é atribuída — "O Estado sou eu" — exprime muito bem o princípio básico de sua política. Quando morreu, deixou a França arruinada. Luís XV, "Rei-Sol", aumentou os impostos e perdeu as guerras, mas protegeu as artes, as letras e as ciências.

desceu mais ligeiro os degraus. Só o padre e o carrasco ficaram lá no alto, o silêncio cresceu.

E o padre, a voz cavernosa das endoenças, feito celebrando o ofício de trevas, começou a recitar o credo. A fala em cantochão, a voz no mesmo ritmo, os mesmos crescendos e desmaios do fraseado, as mesmas paradas e silêncios a que estava tão acostumado. Era como se esperasse resposta do padecente.

Terminada a melopéia, a última nota ainda ecoou feito uma pedra na paradeza escura de um poço. O silêncio que se seguiu era entretecido do brilho faiscante de abelhas zunindo no ar.

A um golpe de espada para o alto, do coronel-comandante, de cima da estátua do seu cavalo, os dois renques de tambores refohados de fitas tremulantes e multicores, postados defronte do pelotão que cercava a forca, começaram a rufar poderosos, em frenéticas, rolantes, contínuas, ensurdecedoras, soturnas e infindáveis batidas...

Isidoro ia falando o que tinha visto. Com a ajuda da imaginação e da memória, Januário tentava recompor toda a cena que o preto, na sua simplicidade, mal podia descrever. Recompunha com tudo o que sabia e lhe contaram de sacrifícios e sortilégios, desde a fala cantada e manhosa de mãe Andresa, dos pretos na senzala do pai, das sabatinas recitadas com o professor-régio, mais tarde no Seminário da Boa Morte, na vila do Carmo, para onde foi mandado depois. Se lembrava de enforcamentos que tinha visto e lhe contaram. Dos sofrimentos e agonias. Dos galés agrilhoados pelos tornozelos a uma comprida corrente, no trabalho forçado de rua, o tilintar dolorido das cadeias. Os pretos açoitados entre lágrimas, uivos, sangue, mijo e suor, no pelourinho. Os juizes, camaristas e padres no compasso cadenciado das cerimônias. Os soldados e alferes e capitães e coronéis e capitães-generais nos seus vistosos uniformes, bandas e veneras, nos dias de continência e gala. Os padres, monsenhores, cônegos e bispos nas suas batinas pretas, roxas ou encarnadas, as sobrepelizes brancas, rendilhadas de bordados e bilros e franjas, nas missas cantadas cheirando a incenso, velas se derretendo na chama em pingos acumulados. Os crescendos e desmaios, as notas sonoras e plangentes do órgão de fôlego sem fim na nave das igrejas, o canto lastimoso.⁷⁵

Com toda essa matéria sonhada ou vivida, Januário rememorava o que os olhos não viram, o coração não sentiu. Tudo aquilo que o preto procurava, impotente e parco de palavras, lhe comunicar. Como se pintasse o painel da sua própria morte: e na verdade o era, sentia. Sentindo antecipadamente no pescoço o golpe, o peso do carrasco que lhe saltou nas costas. E de relance, num clarão viu:

Aquele mesmo Mulungu empurrou o condenado para fora do tablado. O corpo se esticando num baque, a corda presa na trave, balangou para um lado e para o outro, girando num movimento pendular, as pernas soltas e desamparadas. De um salto o carrasco foi se esganchar nas costas do enforcado, cavalgando-o, para a morte ser mais ligeira, ou de puro divertimento,

⁷⁵ Veja como Isidoro associa a "morte em efígie" de Januário à história de seu povo-escravo. Os torturadores são sempre os mesmos através dos tempos. E mesma, também, é a "arraia miúda": mestiços, pobres, doentes, inconfidentes, "fronteiriços" — traidores do Capitão-General.

nunca se sabe. Diziam que para abreviar o sacrifício, de pura pena e piedade. Como de pura pena e piedade, antes, na cadeia, com certeza pediu perdão ao condenado, era o costume, diziam. Como de pura pena e piedade certamente os juizes e ministros...

... quando súbito, a um novo golpe mais enérgico de espada, de cima do seu cavalo tão preto e brilhante como o preto Mulungu, do seu cavalo ajacizado de sola bordada e prata branca reluzente e guizos e fitas nas crinas entrançadas e no cabo feito os cabelos compridos e soltos das mulheres, o comandante ordenou que os tambores cessassem a sua marcação histórica, em funeral.

Ao contrário do que se esperava, o carrasco Mulungu não empurrou o corpo para fora do tablado, cavalgando-o; ao contrário: puxou com força a corda para trás, e o boneco de palha ficou suspenso lá no alto, junto de uma roldana.

E como se não bastasse esse final de ópera, da grande farsa caprichosamente montada pelo Capitão-General, veio a apoteose política, onde ele se assegurava, aos seus e ao rei a que servia, a continuidade dos crimes, dos roubos e trucidamentos; dos incêndios e devastações; do extermínio das raças que mesmo muitos padres, de cuja escravidão eram beneficiários indiretos, de seus púlpitos rendilhados de pedra-sabão, condenavam; da perpétua espoliação e miséria, da hipocrisia e fanfarronadas; da prepotência das armas a serviço de um Império, e de uma Fé, que se queria nos versos para sempre dilatados; de um poder colonial obscuro, temido, barroco, amado e absoluto, diante do qual todos eram sem nenhum valimento.

Indiferente ao silêncio daquelas cabeças e corpos sujos e suados, àquela mistura nauseante de cheiros e raças, sofrimentos e misérias, dirigindo-se tão-somente à tropa formada, veio de novo o mesmo alferes e principiou a ler a compendiosa e enérgica fala do Capitão-General aos seus comandados, aos potentados e povos das Minas.

O que dizia tal fala? No seu obscuro silêncio de agora, na noite de espera, na noite que o envolvia com a sua macieza, ruídos de grilos e sapos e latidos de cachorros e patas de cavalos que trotavam nas pedras lá embaixo, como as dobradas e macias ondas de um sino-mestre tocado por distantes hostes celestiais, entre carne e sono, vida e agonia, mergulhado na sua pesada paixão, não podia Januário recompor. Certamente o que sempre diziam essas falas, ia ele dizendo sem saber se apenas se lembrava ou se principiava a sonhar.

A pederneira armada, Januário no entressono. Isidoro se afastou um pouco, Nhonhó já ressonava. Se a gente pega um boneco, seja um calunguinha, e faz com ele toda sorte de maldade, pensando e dizendo que o calunguinha é a pessoa que a gente deseja tudo de ruim pra ela, se a gente espeta ou fura com faca ou punhal, mesmo a pessoa longe começa a espernear e a sofrer, a sangrar e a morrer, igual o calunguinha. Assim diziam na mandinga que ensinaram Isidoro a fazer. O boneco de Nhonhó dependurado lá no alto da forca, as caixas e tambores batendo surdo. Mesmo longe, Nhonhó devia de ter sentido o baque na goela, o estrebuchamento no corpo e nas pernas, quando o preto Mulungu puxou o grande calunga que o Capitão-General mandou enforçar. Nhonhó estava morto, era questão de mais dia menos dia. Era só entregar o corpo, a alma apunhalada. Nhonhó morto. Não, ele parecia mais que ressonava. Ou era só impressão, ele agoniado não

dormia? Desistia de entender aquele moço Nhonhô, a quem deram de pertença quando Nhonhô tinha pouco mais de quinze anos. Seja ladino mas de maneira direita, ia dizendo siô Tomás quando o tirou das lavras, dando ele de presente para o filho meio mameluco. Tinha graça Nhonhô agora querendo ser mameluco por inteiro. Aceito ser bugre, eu aceitaria mesmo ser preto, foi o que ele disse.

Preto era ele. Nhonhô não sabia nem de longe o que era ser preto. As gargalheiras, os troncos, os bacalhaus. As dores, o sofrimento sem fim. Levou instintivamente a mão na espádua, sem mesmo notar apalpava a cicatriz da letra. Seja ladino, preto. Não vá querer fugir, que eu te pego de qualquer jeito. Vou até no fim do mundo atrás de você, negro. Siô Tomás sabia ser duro, não sentiu uma vez no ombro aquela dureza? Seja ladino, sirva bem a Januário, que no fim ou eu ou ele te damos alforria. Engraçado siô Tomás, ele queria não só serviço mas bem-querença. No princípio refugou, não se esquecia de todo da idéia de fugir. A lembrança do último malsucedido e o medo faziam ele desistir. Servia mais por servir, obedecia. Não era próprio da sina da sua raça obedecer e servir? Depois foi se apegando àquele caboclo forte e espadaúdo, o cabelo liso, duro e grosso, preto, dos puris. Meio puri, o que ele era. A mãe é que era meio puri, filha de branco com peça da terra, neófito feito diziam. Gostavam de esclarecer. Pra ninguém confundir mameluco com preto ou mulato. Chegavam a batizar mameluco como cafuz ou mulato, só pra deitar por escrito a marca do cativo. Muito padre faz isso, diziam. Pior é ser preto, puri ainda passa. Não tinha muito paulista que fazia gosto de ter sangue bugre, de avós muito longe? Mas só diziam isso quando brancarões, quando não corriam o risco de serem confundidos com índio ou preto. Preto é pior. Eu aceitaria mesmo ser preto, foi o que ele disse. Não deixava de ter a sua razão. Olhando no tempo, via. Parece que naquele tempo todo, os dois juntos o tempo inteiro, um sombra do outro, um na pele do outro. Nhonhô tinha escurecido; às vezes parecia mesmo um puri, não um puri pela metade, o que na verdade ele era. Foi se apegando a Nhonhô. De tal maneira que não podia nunca saber quando foi mesmo que principiou a servir Nhonhô por bem-querença, não por simples medo e obrigação. Padrinho, disse uma vez Januário na presença dos outros, não prenda mais Isidoro de noite na senzala com os outros pretos, ele não carece disso, não vai fugir, eu garanto. O pai olhou-o demoradamente feito dissesse olha lá o que você está fazendo. Depois mirou Isidoro bem no fundo dos olhos. Isidoro escondeu o mais que pôde o pensamento, disfarçava. Sabedoria de raça, aprendida no relho. Pro velho Tomás não poder nunca saber o que ele estava pensando. Mostrar o que estava pensando era o mesmo que se dizer fraco, covarde, sem força. A sua força era o silêncio, aquele silêncio pesado e escuro na presença dos brancos. O velho nunca que podia saber. Tinha de confiar no seu filho bastardo, na sua certeza. Isidoro deixar o velho saber era o mesmo que aceitar de vez a sujeição. Ainda guardava escondida muita mágoa, muita dor. Podendo, ia começando a pensar. Desistiu, melhor cuidar de outra coisa. Não agora, antes é que pôs de banda. Agora estava livre, podia tomar o seu rumo. Pensava antes, agora. Riu baixinho quando pensou que era livre, agora. Nunca esteve tão preso, nunca foi tão cativo feito agora. É capaz de que mais preso, mais sujigado, mais escravo, do que quando com corrente nos pés, a gargalheira infernal esticando o pescoço, furava a carne. Porque antes ele ainda podia fugir, não

agora. Agora sozinho, sem Nhonhõ, nem mesmo no sertão do couro, pras bandas do São Chico, ele podia escapular. Tinha sempre um branco pra sujá-lo e botar de novo o argolão de ferro nos pés, o colar de ferro no pescoço. Ou prendiam, pra receber paga do velho senhor. Os capitães-do-mato, espingardeiros, cabras sanhudos. Não era só com Nhonhõ, qualquer um podia também matá-lo. Nenhum crime matar quem já estava morto, era o que diziam os bandos apregoados a toque de caixa nos largos e encruzilhadas. Se via estranhamente unido a Nhonhõ, unha encravada, mais do que nunca. De tal maneira, a própria morte do outro ele assumia. Como uma sina decretada. Se antes não era crime matar negro. Só no caso do dono reclamar a peça perdida. Quanto mais agora. Juntos pra sempre, ia pensando.

Só tinha uma maneira de ser forro, comprar a sua alforria, aquela. Não queria pensar, não podia. Não devia, era verdade. O pensamento mais forte do que ele, do que toda a sua bem-querença de negro escudeiro. Sem dar conta do que ia fazendo, as mãos começaram a pensar por ele, a agir por ele.

Quando viu, estava de carabina apontada para os peitos de Januário. Era um tiro só, assim à queima-roupa. Um certo medo de Januário, do pulo de gato que ele sabia dar. Não agora, agora ele não pode fazer nada, dormindo com certeza. Ele agora era mais ligeiro do que Nhonhõ. De repente estacou, balançou fortemente a cabeça, dizendo não e não, querendo negar, querendo se livrar daquele pensamento que as suas mãos voltavam a entretecer. Não, disse ele quase alto à voz conselheira ressoando dentro dele. Aquela voz desconhecida, vinda de funduras sem fim. As mãos trêmulas, não ia conseguir. Tão fácil, querendo, voltara a repetir a mesma voz antiga, raivosa, escura. Não, de jeito nenhum, ele esperneava. Tinha se ligado demais àquele menino. Meio puri, o que ele era. Nunca lhe bateu. Mesmo ralhado. Branco é bicho ruim de nascença. Bondade de branco é pura invenção, da boca pra fora. Feito religião de branco. Pra não carecerem de botar ferro e cadeia. Pra maior sujeição, ia repetindo a voz sinistra, e a mão voltava a se levantar na pontaria. Nhonhõ na mira, era fácil. Se te dão alforria, mesmo comprada, você tem de agradecer. Será que ele dormia? E se ele estava só no entressono, mesmo de longe os olhos vivos? Nhonhõ desconfiando, percebendo o que ele estava pensando, o que as mãos iam pensando e fazendo por ele, estava perdido. Não ele, Januário é que estava. Então teria de fazer, não tinha outro jeito. A carabina agora armada, fácil. Melhor falar de novo com Nhonhõ, ver se fazia ele mudar de idéia, ia ele dizendo, tentando abafar com as suas razões, com a sua traça longamente maquinada, a outra voz, a outra voz mais forte do que ele. A outra voz vinda da sua nação, das bandas do além, por cima do mar. Tão fácil, bastava um brincar de mão.

Nhonhõ, disse ele quase gritado, feito se tenta articular um grito no calabouço de um sonho angustiante, a fala estrangulada na goela. Para poder acordar daquele pesadelo mais forte do que a sua sujeição, a sua fidelidade.

Mergulhado num sono pesado, Januário grunhiu qualquer coisa. Feito um cachorro rosna e late no meio do sonho. Nhonhõ! tornou ele agora decidido, também ele carecia de acordar. Para que aquela outra voz, o outro eu noturno não o sujigasse, tomando conta das suas mãos, a arma já na mira. O quê? disse Januário, agora claro, voltando. Disse alguma coisa? Nada não, disse o preto. Só queria ajudar Nhonhõ a acordar do pesadelo. Vos-

mecê se remexia tanto, no agoneio do sonho. Eu sonhava? Disse alguma coisa dormindo, perguntou Januário. Não se lembrava sequer de ter adormecido, tão de mansinho passou do entressono para a silenciosa muralha do sono profundo. Um outro eu dentro dele continuava vigilante e insone. Um eu que não conseguia nunca dormir. Tão insone que um simples nome, dito pelo preto, o acordara. Você gritou, perguntou ele para saber até que ponto tinha dormido. Não, disse o preto mentindo, agora tranqüilo, o seu fantasma voltado para as bandas do além, de onde mesmo tinha vindo.

Quem sabe ele não estava mesmo sonhando? Não agora, naquela hora-nha mesmo, de que não se lembrava. Antes, quando se lembrava do que Isidoro uma vez lhe contou. A cena que ele teve de construir com toda a força da sua imaginação e vivência, as palavras do preto eram muito poucas, ele mal podia entender o sonho absurdo que o outro lhe contava. Aquela fusão melosa de sonho, lembranças e pesadelos. A cena na praça ainda agora lhe voltava aos olhos. A cena que ele tinha de reconstruir sempre metuculoso, com a minúcia fantástica de um velho onzenário pesando ouro. Aquela riqueza de coisa mesmo vista e acontecida e recuperada em repouso, quando os pontinhos mais insignificantes ganham relevo e brilho, dureza e agudez, e se recupera para sempre tudo aquilo que na hora não se cuidou ver, não se reparou. O olho miniaturista ia anotando no espírito o mundo, os seres, as coisas. Para depois. A cena toda que agora lhe voltava sempre em sonho e às vezes ele duvidava se tinha mesmo ouvido de Isidoro, se Isidoro alguma vez lhe contou alguma coisa. Como se ele próprio tivesse presenciado, na praça. Se tudo aquilo não tinha sido um sonho que se repetia, a mesma cadência de uma música decorada. O sonho em que ele agora estava metido, mesmo acordado. Uma sucessão infinita de caixas, umas dentro das outras. Como se ele próprio fosse o seu próprio sonho, o sonho de alguém que carecia urgentemente acordar. Como se de repente, com a ajuda de Deus, pudesse acordar, e se via de novo restituído a seu pai, à sua casa, e nada daquilo de João Diogo, de sangue e enforcamento, de Malvina mesmo, daquela vida inteira de pesadelo, espera e agonia, nada daquilo aconteceu, tudo não passava de uma fantasia macabra, um clarão no céu de repente quando primeiro viu Malvina.

Quando primeiro viu Malvina no seu cavalo, ao lado de Gaspar no seu ruão. Quem era aquela aparição, aquela mulher que ele nunca tinha visto antes, de que nunca tinha ouvido falar? Não, não era dali, não podia ser ninguém dali. Não havia na cidade ninguém feito ela, ninguém que se vestisse assim que nem ela. Os ares fidalgos e atrevidos, aquela ousadia de gestos, a maneira de montar e de olhar. Ele olhou-a, viu-a demoradamente, e os seus olhos não puderam mais se despregar daquela cabeça de fogo, daquele corpo ao embalo da andadura mansa do cavalo.

Acompanhava-a de uma certa distância, fingindo que por acaso iam para a mesma direção. Ele que se voltou bruscamente, tão logo a viu. Ela também o tinha visto, reparou nele. Os olhos se encontraram, ela chegou mesmo a parar o cavalo. O outro teve de se voltar para saber por que ela tinha parado. Gaspar olhou-o espantado, os olhos inquiridores, como perguntando que ousadia era aquela de demorar as vistas na sua companheira, de fazê-la mesmo parar. Januário acreditou que o outro podia vir lhe tomar satisfação. Não era homem de briga, pelo contrário. Mas, caçador, sempre sabia atirar. A mão acostumada a esse tipo de confronto, segurou firme o

cabo do chicote, apalpou com o cotovelo a pistola. Esperava que partisse do outro qualquer gesto.

Quem é, ouviu ela perguntando. Ninguém, um mameluco qualquer, disse Gaspar não conseguindo esconder a raiva. Ele que o conhecia, com quem chegou mesmo a trocar algumas palavras há mais tempo. Vamos, disse Gaspar chamando-a. Ela o seguiu.⁷⁶

Aquele Gaspar Parente Galvão, de maneiras tão delicadas, rico, cavaleiro e caçador, sempre nos matos com os seus pretos espingardeiros, e cuja virgindade era comentada entre risos naquela cidade de homens femeeiros e preadores, aqueles garanhões de semente.

Esquecidos da interrupção momentânea e incômoda de Januário, lá iam os dois agora, as rédeas bambas, apenas cuidando de não se afastarem do caminho. Gaspar parecia lhe dar muita atenção, apesar de de vez em quando abaixar a cabeça, feito fugindo de olhá-la mais demoradamente.

.....
Mesmo tendo a certeza de que o pai não acreditaria no que ele ia lhe dizer, precisava dizer. Pensou em lhe contar tudo o que tinha se passado entre ele e Malvina, até o fim, as coisas mais escondidas, os pensamentos mais secretos. Pai, foi ele dizendo sem muita ênfase, nenhuma certeza de que o velho pudesse acreditar no que ia dizer. Pai, nada disso é verdade, tudo isso é invenção, loucura do Capitão-General e dos seus homens. Eu não fiz nada disso. É caso de mulher, de Malvina. De dona Malvina, disse ele diante do espanto do pai. O quê? Que história é esta que você está inventando? Deu agora pra mentir? Está querendo dizer que desonrou casa dos outros só pra eu acreditar que não é culpado de crime contra el-Rei? Você está perdido, Januário. Mesmo eu acreditando no que você me diz, mesmo assim você estaria perdido. Filho meu carijó só tinha mesmo de me desonrar...

Inútil, inteiramente inútil tentar convencer o pai. Nem o pai, ninguém sabia nada do seu caso com Malvina. As suas idas à casa de João Diogo eram tarde da noite, escondidas e embuçadas, pelos portões dos fundos, na Rua das Flores. Se não podia convencer o pai, como é que ele ia se arranjar com os outros?

E o pai, parecendo que ouvira o que ele apenas tinha pensado, disse mesmo se você pudesse me convencer, se pudesse dizer a verdade, quem é que ia agora convencer o Capitão-General, os juizes, a cidade inteira? Me diga, Januário. Essas coisas, quando começam, ninguém pode mais parar. É feito carro em ribanceira. Ninguém pode. Nem o Capitão-General, ninguém. Você está perdido, meu filho. Só não voltando. Não volte nunca mais.

Januário não disse nada, era muito pequeno para o que estava lhe acontecendo. Se nem o Capitão-General, dizia o pai. Ele tinha razão, o pai conhecia as Minas, a lei e o braço del-Rei. Os homens do Capitão-General fariam ele confessar o que bem entendessem. O próprio Capitão-General, o próprio Vice-Rei, cada um queria ser mais zeloso nos negócios del-Rei. Eles estavam loucos por um bode expiatório, para exemplar. Careciam de uma

⁷⁶ Observe como as "vozes" das personagens se misturam no tempo e no espaço, ressoando pelos caminhos labirínticos das livres "ladeiras" de sonho, das "matas" e "brezinas" da fuga, das teias e traições, das "lajes" das prisões da Vila Rica (Ouro Preto, Ouro Branco...) do Capitão-General.

vítima, para melhor poderem fazer a cobrança dos quintos. Quando chegasse a derrama, viria. Era o que falava o pai, e tudo tinha encadeamento e sentido. Muito mais veraz do que a sua própria verdade, reconhecia ele impotente; o pai tinha inteira razão.

Isidoro deu-lhe outra vez a garrafa. A pinga desceu áspera arranhando a goela, foi queimar o estômago vazio. Como se tivesse uma ferida na boca do estômago. Se retorceu de dor, no vazio. Quer uma broa? disse o preto. É de ontem, Nhonhô, daqueles tropeiros. Mesmo sendo de ontem, é bom forrar a barriga com alguma coisa, não é bom ficar bebendo de barriga vazia. E passou-lhe a broa. Januário mordeu um pedaço, começou a mastigar. Dura e seca, um gosto de farinha velha e mofada entalando a garganta, dava gastura no nariz. Mastigava a massa dura e seca, não conseguia engolir, cuspiu.

O efeito da bebida, a bruma nos olhos. Uma bruma que vinha de dentro, a cidade agora toda mergulhada em névoa. Mesmo as agulhas das torres da Igreja do Carmo tinham desaparecido, cobertas pelo lençol de bruma. Ele próprio envolto em nuvem esbranquiçada. O frio que a bebida afastava com o seu quentume bom. Quando se mexeu, a cabeça rodava. Uma sensação de tontura, ele e o mundo giravam. A máquina do mundo girando, ninguém podia mais parar. Você está perdido, na ribanceira. Ninguém, medido num inferno, entre polias e rodas dentadas. A grande boca que o devoraria. Morto, é capaz de que eu esteja morto, dizia. Quem sabe se viver não é morrer, a gente é que não sabe, pensa que está sonhando. E que só depois, na morte, ele encontraria a sua vida. O pensamento não era assim ordenado, mais a sensação difusa de que tinha morrido, estava há muito tempo no inferno. O inferno em que vivia faz um ano, com os seus demônios e pesadelos. Malvina, João Diogo e o pai eram sombras vindas da escuridão infernal. Vinham das brumas, das bandas, do além, só para atormentá-lo. O próprio Isidoro, cujo branco acastanhado dos olhos podia adivinhar, ali a seu lado, lhe dava a impressão de que não existia: uma sombra na memória, uma figura vinda das brumas de um sonho. Morto, no inferno. A mesma impressão difusa de que estivera sonhando, entranhado no imo pesado e negro de um grande sonho. Aqueles sonhos atropelados, uns saindo de dentro dos outros como muitas caixas vazias. Ele sonhando, o pensamento absurdo de que alguém o sonhava. Carecia de voltar. Mas não estou dormindo, estou morto, voltava a dizer. Morto, no inferno. O sofrimento é que lhe dava a impressão de que vivia, estava apenas sonhando. E no inferno ou no sonho ele se movia com aquela ilusão de velocidade que aumentava progressivamente, assustadoramente, até se tornar insuportável, feito ecos se repetindo na grande campânula de um sonho, nos desfiladeiros infinitos, cuidava enlouquecer.

Mas sabia não estar dormindo. Quando dormia era diferente, conhecia bem os seus sonos e insônias. Aquela sensação cataléptica, o formigamento nos membros, de que dormia, quando na verdade estava acordado. Assim há vários dias, não conseguia ser derrubado pelo sono pesado e total, pelo total aniquilamento, pela morte provisória. Ansiava por essa morte que o reunificaria, mas contraditoriamente não desejava dormir. A fantasia de que, dormindo, estava entre a todos os perigos. A fantasia mágica de que, acordado, podia dominar o mundo, os seres e as coisas: nada aconteceria sem ele querer.

Sonolência do cansaço, não era bem sono o que sentia. Não estava dormindo, tudo era confuso e estranho. Insone era como se estivesse dormindo: as coisas perdiam a dureza de suas arestas, se esbatiam esfumadas, viviam num estado espectral de sonho. Dormindo era como se vivesse na sua maior lucidez e claridade, diurno. Tudo era límpido e puro, as coisas retomavam as suas quinas e durezas. Era capaz de ver o mundo na sua mais perfeita integridade, os mínimos detalhes, nada lhe escapava. Nenhuma sombra, nenhum gesto. Era quando sabia que estava dormindo. Porque quando na maior claridade, banhado por uma luz forte e branca, crua, que podia cegar, era um baque no peito, um estremecimento e repelão nos membros — ficava sabendo que estava dormindo, tinha acabado de sonhar.

Nesse estado confuso e cataléptico, lúcido e lunar, branco e prateado, os seres e os acontecimentos perdiam a sua temporalidade e seqüência, as coisas que tinham mesmo acontecido se misturavam às ainda por acontecer, iam e voltavam, naquela fatalidade monótona e inquietante dos sonhos de repetição. Aquela mistura pastosa de sonho e realidade, em que passado, presente e futuro eram da mesma cor, da mesma intensidade.

De tal maneira pensara e sonhara a sua volta à cidade (o encontro com Malvina, as primeiras palavras, os primeiros silêncios prenhes; depois, ele enfrentando os soldados na praça, a sua própria morte), que esses sonhos ganhavam a intensidade e lucidez fria das coisas acontecidas.⁷⁷ No futuro, quando tivessem mesmo de acontecer (ele na praça, os soldados municidados com as balas do preceito, o tinir das varetas nos canos dos mosquetes, a ordem de apontar; fogo, gritou o comandante, e ele caiu sob o clarão da pólvora incendiada, o corpo varado de balas: mesmo morto podia ouvir os comentários dos soldados), se não acontecessem como ele tinha mil vezes pensado, era capaz de pensar que não aconteciam, ele apenas sonhava. To-

⁷⁷ Observe que o romance de amor e a trama política entrelaçam-se no texto: tece-se o "bordado" da inconfidência amorosa — sedução e traição nas mãos de Malvina, rendição e morte no destino de Januário; arma-se a "teia" da "cobrança dos quintos" — sedução e ameaça nas palavras da lei de el-rei, derrama e miséria na história do povo das Minas Gerais.

Se você quiser enriquecer ainda mais sua leitura, releia o *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles. No "Romance LIV ou do Enxoval Interrompido", por exemplo, Tomás Antônio Gonzaga borda o vestido da noiva Marília, enquanto tece os fios da Inconfidência Mineira. O discurso político casa-se com o amoroso na "traça" da traição, rendição e morte:

()

"já vistes e ouvistes
desventura igual?
A agulha partiu-se
Quebrou-se o dedal
Romperam-se as flores
— a que vendaval?

'Procurai os rastros
do infame chacal?
Sumiram-se em baixo
do trono real!'"

da essa mistura brumosa de passado e futuro, e mesmo a sensação de presente (o formigamento, a dor nos membros e no peito cansado), o deixava tonto: a cabeça girando, cuidava que ia desmaiar.

Assim a primeira vez, faz pouco, Malvina no seu cavalo mouro, ao lado do enteado. O ciúme que lhe dava agora, como se acabasse de acontecer ou ainda viesse. A cena tão nítida, feito ele tivesse sonhado ou pensado, não tinha acontecido, ainda podia acontecer.

E assim foi que viu, via ou ainda veria Malvina na sua rica cadeirinha de arruar, os dois pretos de libré, a caminho da Igreja do Pilar, para a posse do governador.

A mão de Malvina descerrou a cortina de damasco, os dedos longos e macios na carícia antessentida, e ela, abrindo a mantilha, se deixou ver inteiramente: o esplendor dos seus peitos nevosos e duros, aveludados, brilhantes à distância.

E sorriu, sorria para ele, tinha a certeza de que sorria ainda uma vez, meu Deus. E ele viu os peitos cheirosos que depois iria apalpar e beijar e mordiscar. Via a boca pequena e carnuda, os lábios umedecidos naquele adorável e amoroso sestro de passar a pontinha da língua por entre os dentes. Veria os olhos rasgados e redondos, luminosos, azuis, deitando chispas, sorrindo para ele. E viu os cabelos suspensos na trunfa emperolada, os fios brilhantes. E via os ombros redondos, toda ela uma só harmonia arredondada de miriades de brilhos e cheiros — mesmo de longe ele podia sentir, e até a pequena pinta junto da covinha no rosto. Toda ela uma promessa de felicidade e gozo para sempre, de um prazer tão tenso e intenso como ele nunca tinha experimentado ou experimentaria. Quando se prolongava demais e se esticava na sua maior tensão de corda musical, ele cuidava que o peito e a alma iam súbito romper na maior agonia, como se fosse possível estender até à morte a dor do gozo.

Cego de paixão ele se perdia, acompanhava-a ousado, não se importando se reparavam no seu atrevimento de seguir dona casada na rua. Agora sabia que ela era mulher de João Diogo Galvão, vinda de São Paulo (da nobreza vicentina, se dizia na admiração paulista), da nobreza esbranquiçada à força feito manga amadurecida, embrulhada em papel ou guardada em fundo de gaveta, de São Vicente, óu melhor — de Taubaté, de onde mesmo foi que ele a buscou (as riquezas acrescentadas, mais as prometidas) para acabar com a sua viuvez. João Diogo com mais do dobro de idade do que ela. Ele feio, enrugado e velho; ela jovem e bela, desmesurada e desusadamente bela e jovem.

Januário se perdia e era capaz dos maiores desatinos só para vê-la, para sentir e aspirar a aragem de sua presença, para ficar perto dela. Por ela tudo tinha feito ou faria.

Na cadeirinha de cortinas agora escancaradas, Malvina chegava mesmo a botar a cabeça e o busto de fora para ele vê-la inteira e poderosa, e com os olhos a possuísse. Via-se no fogo brilhoso dos olhos: ela queria ser possuída e derrubada, destruída. Se mostrava sem nenhum recato, só para ele.

E como a cadeirinha se movia agora mais depressa, ela chegou mesmo a se virar, os olhos acompanhando-o enquanto se distanciava levada pelo passo apressado dos pretos no embalo da rua inclinada. Ele sorriu para ela e ela sorria demorado para ele (com os olhos, com a boca, mesmo com o brilho subterrâneo da pele) e de tal maneira ele estava possuído e a possuía, que

perdeu o último pudor e receio de ser visto, se inclinou na reverência, tirou o chapéu para ela.

Quando de novo se ergueu, viu que ela prosseguia no sorriso que continuaria a vibrar trêmulo no ar que nem as macias ondas de um sino; mesmo ela longe, afastada dolorosamente dele. Malvina respondeu ao seu gesto com outro galanteio. Como se estivessem num salão todo iluminado de mil bugias, sem cuidar de que podiam estar sendo vistos. Ninguém viu, tinha absoluta certeza de que não sabiam de nada, por isso a surpresa nos olhos do pai, a impossibilidade de provar a sua inocência. E ela fez assim com o leque, abrindo-o num amplo meio círculo, feito ela fosse não a recatada esposa de um homem velho, zeloso e ciumento, mas uma cortesã, bailarina ou artista de comédia.

E ficou então sabendo que ela estava pronta para ele. Agora era questão de mais dia menos dia, de mil e uma astúcias para poderem se encontrar, se falarem. Sabia como essas coisas eram difíceis, senão impossíveis aos seus olhos de mestiço, mas que aconteceriam.

Ela na janela do sobrado, os cabelos agora soltos, no à vontade da tarde modorrenta. Se tinha perdido o brilho e o luxo dos vestidos domingueiros, que a transportavam para a janela enlustrada de alta torre senhorial, ganhara aquele morno calor de intimidade — o quentume bom, cheiroso e demorado, de mil promessas.

De novo se olharam, ela tornou a sorrir, agora mais demoradamente, tão demoradamente e aflita que ele teve de abaixar os olhos. Quase de pé no cavalo, jogou a flor para ela. Sem nem mesmo cuidar que pudesse ter gente espiando, ela se levantou, gata arisca e astuta, apanhando a flor no ar, guardava no seio. Não viram, nunca chegaram a ver, se tivessem visto seria fácil provar. Porque depois os dois se cuidavam, a comunicação passou a ser feita não pela linguagem simbólica das flores, mas através de Isidoro e Inácia, mucama de Malvina, que levavam e traziam os bilhetes e cartas. Até que os bilhetes e cartas se tornaram insuficientes, e os dois passaram a se encontrar à noite, ele entrando sorrateiro e embuçado pelo portão da Rua das Flores, em hora aprazada, no costume.

Malvina saltando de dentro das sedas e tafetás, das cássias e melcochados, das cambraias e holandas, nua e desprotegida de suas pétalas, como uma rosa à noite se abre, mesmo assim mais pequena e formosa, soltando inteiramente os cabelos — de perto eram mais brilhantes e cheirosos, estalavam.

Nua na cama, se entregando loucamente. Sem nenhum receio de que o marido, no outro quarto, o do casal, pudesse acordar e dar pela sua falta e sair à sua procura munido de punhal e pistola, pronto para matá-la; ele teria de defendê-la. Assim a sua fantasia. Ela parece que querendo ser surpreendida: os gritos, o amor tão violento, demorado, de gata saltando sobre telhado. O fogo não sossegando nunca, ela querendo sempre mais, provocava-o trejeitosa, gata e rainha.

Aquela mulher selvagem na cama. Os cabelos ruivos, uma mulher de fogo. Aquela ruiva de fogo que ele não merecia quando comparava a sua pele escura de mestiço puxado a puri, à sua bastardia, com a brancura e a nobreza, de geração limpa, feito diziam de Malvina.(...)

“História, essa espécie de sonho infalível e fatal”*

A crise econômica de 1929, iniciada nos Estados Unidos, chegou ao Brasil, atingindo o café, principal produto de exportação. Com isso, acelerou-se a crise da República Velha (“café com leite”), sustentada pela oligarquia rural.

Prestes ganha, mas não governa

A indicação da candidatura Júlio Prestes, às eleições de 1930, para suceder Washington Luís (presidente desde 1926), teve o apoio de dezesseite Estados. Rio Grande do Sul, Paraíba e Minas Gerais, que discordavam da escolha de Prestes, uniram-se na Aliança Liberal, escolhendo João Pessoa e Getúlio Vargas como seus candidatos.

Prestes ganhou a eleição, mas não chegou a governar, João Pessoa foi assassinado em julho de 1930. Em outubro, subiu do Rio Grande do Sul e de Minas, até o Nordeste, a Revolução de 30.

Autran Dourado tinha quatro anos de idade quando seu pai, Telêmaco

Autran Dourado, juiz de Direito, autoridade máxima de Monte Santo, em Minas Gerais, foi preso pela Revolução de 30.

Getúlio chefia o governo provisório

No dia 3 de novembro de 1930, Getúlio Vargas tomou posse da chefia do governo provisório, exercendo também as funções e atribuições do Poder Executivo e do Poder Legislativo, com a prerrogativa de elaborar as leis.

Terminada a Revolução de 30, começou um novo período para o Brasil — a Segunda República, com quinze anos de duração.

O país enfrentou a crise do café e o desemprego. Foram impostas novas leis de trabalho, tais como: regulamentação de horários das jornadas de empregados e de operários, de mulheres e de menores de idade; instituição de férias anuais, de assistência médica e hospitalar; instauração de institutos de aposentadoria e de auxílio financeiro para a

* Autran Dourado, em *Novelário de Donga Novais*.

casa própria. Em 1940 — já no período do Estado Novo — instituiu-se o salário mínimo.

O Estado Novo (de 1937 a 1945) foi um período de completa centralização do poder político e administrativo, nas mãos de Vargas.

O Estado Novo entra em crise

Nessa época, terminou no sertão do Nordeste o cangaço. Debaixo do sol e da seca, da fome e do desemprego, os cangaceiros atacavam para conseguir comida para suas famílias. Perseguidos pelos soldados durante vinte anos, foram vencidos em 1940.

Os soldados brasileiros que tinham lutado na Segunda Guerra Mundial, contra a Alemanha nazista, a Itália fascista, em defesa da democracia, voltaram ao Brasil e reencontraram a ditadura — a volta dos heróis colocou Vargas numa situação política extremamente delicada.

Em janeiro de 1945, outra manifestação contribuiu para o aprofundamento da crise do regime. O I Congresso Brasileiro de Escritores, com a participação de Sérgio Milliet, Jorge Amado, Paulo Emilio Salles Gomes, Anibal Machado, Murilo Rubião e diversos outros, exige "a liberdade de culto, de segurança contra o temor da violência e o direito a uma existência digna", bem como eleições realizadas pelo "sufrágio universal, direto e secreto".

As Forças Armadas depõem o presidente

Finalizando o manifesto, os escritores brasileiros insistem na "necessidade de ajustar-se à organização política do Brasil, aos princípios aqui enunciados, que são aqueles pelos quais se batem as Forças Armadas do Brasil e das Nações Unidas".

Discutido, pressionado, Vargas é forçado a marcar eleições. Mas as Forças Armadas, temendo alguma artimanha, outro golpe, depõem o presidente em 29 de outubro de 1945.

Os anos 30 são também o tempo de *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, *Poesia Liberdade*, de Murilo Mendes, *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos.

Gaspar Dutra é eleito e, depois, Getúlio

Eurico Gaspar Dutra é eleito em 1946. A década de 50 vê a televisão. O cinema vai à tela com a ajuda da Companhia Cinematográfica Vera Cruz. E o teatro entra em cena, com o Teatro Brasileiro de Comédia.

Terminado o mandato de Dutra, Vargas é eleito presidente em 1950. E dizia então a marchinha, incentivando o povo a colocar novamente a fotografia de Getúlio na parede das casas:

"Tira o retrato do velho,
Bota no mesmo lugar,
O sorriso do velhinho
Faz a gente trabalhar".

Governa até 1954. Cansado, envelhecido, não tem forças para enfrentar as acusações de corrupção de seus auxiliares, publicadas pela imprensa. O jornalista Carlos Lacerda é o adversário de voz mais ferina e pena mais sonora. Em 5 de agosto, Lacerda sofre um atentado na rua Toneleros, no Rio, mas é atingido o major-aviador Rubem Vaz, que está em sua companhia e vem a falecer.

Getúlio busca o fim e deixa carta-testamento

No dia 22 de agosto de 1954, oficiais da Aeronáutica lançam manifesto pedindo a renúncia de Vargas; dia 23, os generais do Exército unem-

se aos seus colegas de farda, através de outro manifesto.

Dia 24, Getúlio suicida-se com um tiro no coração. "Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história", escreve Vargas, no final da sua carta-testamento.

De 1944 a 1960, a literatura entrou para a história com *Perto do Coração Selvagem* (Clarice Lispector, 1944), *Sagarana* (João Guimarães Rosa, 1946), *O Ex-Mágico* (Murilo Rubião, 1947), *Teia* (Autran Dourado, 1947), *Novelas Nada Exemplares* (Dalton Trevisan, 1959).

O Brasil cresce com JK, mas tem problemas

Juscelino Kubitschek, eleito em 1957, constrói a Brasília dos ministros e dos candangos. O Brasil cresce pelo complexo industrial e no amplexo das favelas (o outro gume, afiado, do desenvolvimento urbano).

Em 1959, com dificuldades financeiras, o governo JK vê-se diante de um dilema: necessita de um empréstimo de 300 milhões de dólares do governo dos Estados Unidos, esperando desde 1958. Os americanos condicionam o empréstimo à adoção clara e severa de uma política de estabilização monetária nos moldes impostos pelo Fundo Monetário Internacional. O ministro da Fazenda defende a "estabilização", enquanto João Goulart, Jango, vice-presidente, denuncia a intromissão do FMI em nossos negócios internos. Juscelino rompe com o FMI, em junho de 1959.

Jânio renuncia e o governo passa a Goulart

Jânio Quadros, eleito em 1960, com 6 milhões de votos, renuncia se-

te meses depois. João Goulart, vice-presidente, sucede Jânio num período de três difíceis anos. Sua posse como presidente é condicionada a um regime parlamentar votado pelo Congresso, que dá os maiores poderes a um primeiro-ministro (Tancredo Neves).

Goulart reinstaura o presidencialismo em 1963, através de um plebiscito, governando sob pressão de grupos econômicos e militares. Corta-lhe as asas no voto da nacionalização da economia, distribuição igualitária de renda, reforma agrária.

O golpe de 1964, que derruba Goulart, anuncia-se saneador da subversão no Brasil e salvador da pátria "à beira do abismo".

Movimentos políticos marcam os anos 60

Os anos 60 são marcados pela atuação de diversas organizações políticas, pela literatura, música e teatro populistas, pelas passeatas e manifestos. O CPC (Centro Popular de Cultura) da UNE (União Nacional dos Estudantes) percorre o país, com seus espetáculos sobre miséria, analfabetismo, reformas de base... Os estudantes sobem os morros e falam nesse novo espaço que a favela — palco-não-iluminado — lhes oferece.

Em 1967/1968, entre passeatas, prisões e seqüestros, ouve-se a voz do tropicalismo. O país tropical deixa-se deglutir, oswaldianamente, por dois novos baianos — Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Em 1969, o AI-5 caça e cassa políticos, estudantes, professores, militares... "O sonho acabou/E foi pesado para quem não sonhou", diz Gilberto Gil.

A partir de 1978, assistimos ao ressurgimento, no cenário político nacional, de diferentes setores da sociedade civil.

CRONOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

1926	Governo Washington Luís.
1929	Quebra da Bolsa em Nova York. Deposição de Washington Luís.
1930	Revolução de 1930. Primeiro governo de Getúlio Vargas (1930/1940).
1932	Revolução Constitucionalista, em São Paulo.
1937	Golpe de Estado de Getúlio Vargas. Criação do Estado Novo.
1939	Início da Segunda Guerra Mundial. Implantação do DIP (órgão encarregado da censura no Estado Novo).
1944	Clarice Lispector publica <i>Perto do Coração Selvagem</i> .
1945	Fim da Segunda Guerra Mundial. I Congresso Brasileiro de Escritores, em São Paulo (de 22 a 27 de janeiro). Deposição de Getúlio Vargas. Fim do Estado Novo.
1946	João Guimarães Rosa publica <i>Sagarana</i> .
1947	Austran Dourado publica <i>Teia</i> . Murilo Rubião publica <i>O Ex-Mágico</i> .
1950	Getúlio Vargas assume novamente a presidência. Austran Dourado publica <i>Sombra e Exílio</i> (Prêmio Mário Sette, do <i>Jornal de Letras</i>).
1952	Austran Dourado publica <i>Tempo de Amar</i> (Prêmio Cidade de Belo Horizonte).
1954	Suicida-se Getúlio Vargas.
1955	Juscelino Kubitschek é eleito presidente. Austran Dourado publica <i>Três Histórias na Praia</i> .
1957	Austran Dourado publica <i>Nove Histórias em Grupo de Três</i> (Prêmio Artur Azevedo, do Instituto Nacional do Livro).
1959	Dalton Trevisan publica <i>Novelas Nada Exemplares</i> .
1960	Fundação de Brasília. Eleição de Jânio Quadros.
1961	Renúncia de Jânio Quadros. Instituição do parlamentarismo no Brasil. Posse de João Goulart. Austran Dourado publica <i>A Barca dos Homens</i> (Prêmio Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores).
1963	Plebiscito: revogação do parlamentarismo.
1964	Comício das Reformas de Base diante da Central do Brasil, no Rio. Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Jango fala aos sargentos no Automóvel Clube do Rio. Golpe militar. O marechal Castelo Branco assume a presidência. Austran Dourado publica <i>Uma Vida em Segredo</i> .

1966	Extinção dos partidos políticos pelo Ato Institucional nº 2. Criação da Arena e do MDB.
1967	Costa e Silva assume o poder. Autran Dourado publica <i>Ópera dos Mortos</i> .
1968	Ato Institucional nº 5. Movimentação estudantil nas capitais do país. Recesso do Congresso Nacional.
1970	Autran Dourado publica <i>O Risco do Bordado</i> (Prêmio Pen-Club do Brasil). Endurecimento da censura.
1972	Autran Dourado publica <i>Solidão Solitude</i> .
1973	Autran Dourado publica <i>Uma Poética de Romance</i> .
1974	Autran Dourado publica <i>Os Sinos da Agonia</i> (Prêmio Paula Brito, do Conselho de Cultura do Rio de Janeiro). Início da chamada distensão do governo Geisel.
1975	<i>Argumento</i> (revista de cultura) encerra suas atividades devido à censura prévia.
1976	Acordo nuclear assinado entre Brasil e República Federal da Alemanha. Autran Dourado publica <i>Poética de Romance: Matéria de Carpintaria e Novelário de Donga Novais</i> .
1978	Início do governo do general João Baptista Figueiredo. Assinatura da anistia. Autran Dourado publica <i>Armas & Corações</i> .
1981	Autran Dourado publica <i>As Imaginações Pecaminosas</i> (Prêmio Goethe de Literatura 1982, conferido pelo Instituto Goethe do Brasil).
1982	Primeira eleição para governador de Estado, desde 1964. Aprofundamento da crise interna e internacional.

CARACTERÍSTICAS DO AUTOR

"Estou querendo fazer um livro só"

Em *Teia*, primeiro livro de Autran Dourado, publicado em 1947, lemos a história de um rapaz órfão e pobre, "preso" numa pensão, e três mulheres solitárias — a velha que o controla, a moça que o ama, a menina que lhe dá pena.

Esse romance, publicado quando o autor tinha dezessete anos e financiado por sua mãe, anuncia, de uma certa maneira, a temática de sua obra futura.

A *Teia* prende as personagens no seu labirinto interior de solidão, isolamento, incapacidade de comunicação, e o primeiro "monstro" a ser enfrentado é o Minotauro, ser disforme, anormal, ambíguo, que cada um constrói dentro de si mesmo, nas idas e voltas pelas ladeiras e veredas de uma vida quase nunca "pródiga".

Personagens duplas e interligadas

Para Autran, suas personagens, embora solitárias, não existem sozinhas, ligam-se umas às outras, sem perceberem, subterraneamente. E, mesmo sem se falarem, sem se verem, sem mesmo se conhecerem, intercomunicam-se — são "duplas" na dor e na alegria pouca.

Januário, por exemplo, cujo nome vem de Jano, o deus bifronte, é o "duplo" de Gaspar na alegria/agonia da "paixão desesperada" de Malvina. Seu punhal, matando João Diogo, é o gume para Gaspar que, em sonho, vê-se assassinando o pai, e o braço que ergue a arma é negro — é o braço de Januário.

Januário e Gaspar, "gêmeos": Januário, "morto em efígie" na Primeira Jornada, é, no final da história, assassinado a tiros, "relaxado em carne"; Gaspar, um "morto em vida", sem forças, sem ânimo, é condenado a ser a única testemunha dessa história de amor, traças, tramas e inconfidências.

Duplos são também João Diogo e Gaspar, verso e reverso da mesma moeda para Malvina, mulher-madrasta-apaixonada, que faz amor com João Dio-

go porque percebe, nos olhos do pai, o mesmo brilho dos olhos do filho.

E, ainda, Amadeu e Zózimo. O primeiro, pródigo em recordações dos amigos que partilham de Monte Santo ou daqueles que foram para o Rio — pai perdido perambulando inquietações noturnas pelas ladeiras da Serra, enquanto os filhos dormem e a mulher espera. O segundo, também "pródigo" nas "revira-voltas" que o mundo labirintico faz — filho diferente, estranho ou alegre, no vaivém da loucura, enquanto a família espreita o "sinal", a volta definitiva para casa.

Preferência pelas personagens femininas

Autran afirma sempre que prefere as personagens femininas, que o seduzem pelo seu mistério, fascinando-o pelo seu lado "fronteiriço" — o meio social e histórico em que a mulher foi criada no Brasil, a repressão que ela sempre sofreu, o isolamento, a loucura...

Biela envolve pelo seu doloroso dolorido silêncio, pela sua inútil tentativa para se adaptar a um mundo que não é seu, que apaga os sonhos, silencia as cantigas da mãe morta, seca o riacho, distancia cada vez mais o Fundão.

Malvina: Mal vinda. Má sina. Malina. Além de carregar os atributos de várias personagens femininas da mitologia, como, por exemplo, Afrodite, a deusa do amor, Diana, a caçadora, Malvina traz também dentro de si as Particulas. Segundo a lenda, essas três deusas tinham o controle do fio da vida. Assim, Malvina é Cloto, "paciente tecedeira", que transforma João Diogo num "outro homem" fazendo-o renascer; que escolhe Januário como "homem capaz de matar e morrer"; que define Gaspar como "homem de bons modos". É Láquesis, "bordadeira" dos dias e dos acontecimentos, da vida de cada um: o casamento com João Diogo, o envolvimento com Januário e Gaspar, o assassinato de João Diogo, o "castigo", a culpa de Gaspar. E é também Átropos, "cerzindo" o fio da vida de João Diogo e de Januário, "volteando" o destino de Gaspar, "arrematando" a sua própria vida.

Rosalina é "flor de seda" que caminha com o "sobrado" para a feia decadência: casa em ruínas, mato invadindo tudo. Solteirona, faz flores artificiais — às vezes, de laranjeira. Apaixonada pelo forasteiro que aparece na cidade e vem trabalhar para ela, engravida do homem sem nome, aborta o anônimo filho. E canta — cantiga que acompanha o gemido de Biela, as ondas do mar de dor de Luzia, os toques dos sinos da agonia de Malvina.

Seres marcados com palavras

As personagens de Autran, esses seres fronteiriços "aleijados" socialmente, são ainda marcados com palavras que avivam a "ferida". E o escritor escolhe, a dedo, o qualificativo — o laque que fecha a cerca, o muro, as trilhas traças do labirinto, os caminhos dos "monstros". Em *Os Sinos da Agonia*, por exemplo, "insano", "puta!", "bugre", "mulato", "escravo", "negro", "bodum", "roubo", "assassino" são palavras que apartam da cena social algumas das personagens.

E há ainda a paisagem barroca, as meia-voltas das inquietações, o claro-escuro das meditações, o contínuo contorno das idéias de *Solidão Solitude*, o

labirinto — bruma das cidades coloniais de Minas, com seus morros e serras, movimento que, segundo o historiador Affonso Ávila, se perderia em vertigem, não fosse seu ritmo convido pelos rios que levam ao mar ainda que remoto.

Narrativa construída em labirinto

O labirinto é um entrecruzamento de caminhos, alguns sem saída, através dos quais é preciso descobrir a trilha que conduz ao centro dessa estranha teia de aranha. Chega-se ao centro através de uma viagem iniciadora, proibida aos "não-qualificados". Símbolo de um sistema de defesa, o labirinto anuncia a presença do precioso, do sagrado: só os iniciados têm acesso a esse centro escondido.

O labirinto cristão primitivo, prefigurado nas cruzes, nas rodas célticas, nos emblemas escandinavos, nos vitrais e nos livros de orações, nas miniaturas e nas iluminuras, tem uma finalidade saudável: perverte o caminho, mas garante a salvação, o acesso ao mistério.

Mais tarde, o labirinto que escondia um signo maior — Deus, a Salvação, o Templo — transforma-se em símbolo do Ocultamento do Secreto. Os detalhes ornamentais — tapetes, tranças, enlaçados e mosaicos — parecem feitos expressamente para despistar o profano, o "não-iniciado".

A narrativa autraniana constrói-se em labirinto: as personagens se completam, fundem-se num tempo, e num espaço que se repetem simetricamente, como reflexos especulares — matas, brenhas, rios e ruas das Minas Gerais, morros e ladeiras de Vila Rica; Serra antiga de Belo Horizonte... Os caminhos desse labirinto traçam-se quase sempre no jogo, na festa, no ornamento, na pompa — ouro nos nomes, jóias nos adjetivos. Essa festa verbal, barroca, vela/desvela a pobreza e a decadência das Minas, a miséria social e moral, o despojamento dos "fronteiriços".

Reescritura de textos escolhidos

Entrar no labirinto é entrar na obra. Percorrer as galerias, os corredores entrecruzados, é escrever "o risco do bordado". E a textualidade autraniana nos reenvia sempre a outros textos, outros livros, outras teorias, outros mitos e outras histórias, produzindo uma verdadeira emboscada à leitura. É nesse sentido que se pode dizer que Autran Dourado elabora uma reescritura dos textos que seleciona, escrevendo sempre o mesmo texto: "Na verdade, eu estou querendo fazer um livro só. Se você verificar, vai notar que meus livros são mais ou menos os mesmos. Por coincidência, meu primeiro livro se chama *Teia*, e o penúltimo, *O Risco do Bordado* — tudo um problema de tecidos de intricado tecido", disse ele em entrevista ao professor Flávio Moreira da Costa.

Entrar no labirinto é entrar na obra. E revisar as salas hexagonais, os patamares, as ruas que sobem e descem, as **imaginações pecaminosas**, é recriar a história. Chegar ao centro — às "Minas", mineradas para agarrar e prender quem as escava — é decifrar o enigma, descobrir o segredo. É chegar ao fim dessa viagem feliz/infeliz que é a aventura da narrativa.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. "Biela" significa uma peça, que, numa máquina a vapor, serve para transmitir e transformar o movimento. Que relação você estabelece entre este significado da palavra e a personagem Biela de *Uma Vida em Segredo* de Autran Dourado?

2. Segundo os dicionários, "fundão" é "lugar afastado, distante, ermo". E "segredo" é definido como aquilo que não pode ser revelado, "sigilo"; "confidência, confissão"; "lugar oculto, esconderijo, recesso"; "coisa misteriosa, impenetrável".

Relacione, nos textos escolhidos, os elementos — personagens, fatos etc. — que fundem **Segredo** e **Fundão** na vida de Biela, na roça e na cidade. Como, por exemplo, a lembrança da cantiga da mãe associada ao som do piano de Mazília. Procure outros.

3. Em *Uma Vida em Segredo*, o nome civil completo de Biela — Gabriela da Conceição Fernandes — só é revelado na sua agonia, diante do tabelião que cuidará do testamento, do destino dos seus bens. Na sua opinião, se Biela viveu sempre chamada pelo apelido, pelo diminutivo, por que só encontrou seu nome por inteiro na morte e diante da lei?

4. Observe os tempos dos verbos nos trechos de *Ópera dos Mortos*. Nos textos escolhidos, no livro todo, não há um só verbo no futuro. Para Rosalina, é sempre "vou fazer", nunca "farei". Por quê?

5. "O tiro explodiu no ouvido do menino...". Autran escreve, em *Matéria de Carpintaria* (p. 72), que "as imagens e metáforas com as quais se construiu todo o texto e todo o bloco 'As Voltas do Filho Pródigo' se relacionam à acústica, ouvido e som. Assim, o uso de nomes de partes do aparelho auditivo, de verbos ligados a sonoridades (...), mesmo de aparelhos musicais (...)".

Retome o texto e faça o inventário das imagens e metáforas, dos nomes ligados a orelha, ouvido e som. Fique de "ouvido em pé": desde o início da narrativa, há pequenos detalhes "no ar".

6. A parábola bíblica do filho pródigo conta a história do rapaz que, depois de pedir ao pai a parte que lhe toca na fazenda, sai pelo mundo e vive "dissolutamente". Gasta tudo. Guardador de porcos, come com eles. Arrependido, volta, definitivamente, à casa do pai que o recebe com um banquete — "Porque este meu filho era morto, e reviveu, tinha-se perdido e achou-se", dizem os Evangelhos.

Releia o texto de Autran, comparando Zózimo ao filho pródigo bíblico.

7. Escrevendo sobre o modo de ver barroco, Affonso Ávila afirma:

“Ao penetrar no território das Minas nos albores do século XVIII, o português e mesmo o colono já aclimatado no Brasil trariam certamente consigo, como elemento integrado à sua psicologia, uma bem-definida sensibilidade ótica, esta condicionada, sem dúvida, pelo peculiar modo de ver barroco (...). Com efeito, é o comprazimento dos olhos que se busca sempre, seja no aproveitamento das singularidades topográficas, no risco ousado da arquitetura, na elegância das fachadas, na decoração interior das igrejas, seja no colorido do ritual religioso, na pompa dionisiaca das festividades, na versatilidade cromática da indumentária (...).” (*O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco*, p. 199-204.)

Releia o trecho extraído de “A farsa” e selecione todos os elementos relacionados com a citação acima. Aproveite e visite novamente “O sobrado”: uma aula completa sobre a arquitetura barroca.

8. A palavra *farsa* tem diferentes significados no dicionário:

- a) Peça teatral em que em geral entram poucos atores, muitas vezes simples diálogo, de ação trivial, senão burlesca, em que se empregam gracejos, situações cômicas, ridículas etc
- b) O cômico baixo, próprio das farsas.
- c) Ação ou narração engraçada, ridícula, burlesca ou risível.
- d) Ilusão, mentira.

A partir dessas definições, faça um levantamento dos momentos de *farsa* no texto de Autran. Exemplifique e explicita.

Observe que existe também uma inversão dos significados da palavra *farsa* nos fragmentos que você leu. Exemplifique.

ATIVIDADES DE CRIAÇÃO

1. A partir da última frase que você leu no capítulo 2 de *Uma Vida em Segredo* — Biela “penetrava num mundo que não tinha sido feito para ela” — tente continuar a história à sua maneira. E depois, leia o livro. Você vai descobrir que não se trata de uma história antiga ou de uma história de roça. E verá, com certeza, que, ao seu lado, vive alguma das “Bielas” do nosso mundo.

2. A canastra de Biela, chegada do Fundão, com seus **trens**, só traz coisas fora da moda segundo Constança. “Você não pode continuar usando essas roupas”, diz-lhe Constança, no capítulo 2 da novela.

Autran Dourado, na sua entrevista, refere-se ao seu “baú de emoções” a esse passado que traz sempre consigo, preso às suas costas.

O que você pensa do passado? Você o compararia a uma roupa fora de moda que se substitui, joga-se fora? Você acha que podemos jogar fora nosso passado individual? E o social, histórico?

3. Leia os ditados populares abaixo relacionados e que foram retirados de *Uma Vida em Segredo*.

- Cada um tem seu jeito de apeiar do cavalo.
- Cada um escolhe o mundo em que quer viver.
- Cada um apeia do cavalo como quer ou como pode.
- Pau que nasce torto, só machado endireita.
- Quanta vela de libra queimada com mau defunto.
- Tem passarinho que vai direito no pio da cobra.

Que relação estes ditados têm com a narrativa? Que outro ditado você conhece e que pode ser relacionado a essa narrativa e também aos outros textos de Autran Dourado que você leu? Explícite seus exemplos.

4. Leia algumas das manchetes e manchetinhas da *Folha de S. Paulo*, de 28 de agosto de 1982:

- “Assis prevê problemas no projeto para ‘bóias frias’”.
- “Antecipação do despejo preocupa os favelados”.
- “Negros encerram encontro”.
- “Caminhão tomba e multidão saqueia a carga de maçãs”.
- “Matador da ex-mulher vai a juiz”.
- “Operário morre por falta de segurança em obra de colégio”.
- “Auditoria faz julgamento de pastor no RS”.

Estão relacionadas aqui, em apenas um dia de leitura de poucas páginas de um jornal, **peças** (e não personagens) e **situações** (reais e não ficcionais) "fronteiriças". Escolha um título e faça seu poema, sua história ou notícia.

5. Sugestões:

a) Leia o *Guia de Ouro Preto* escrito por Manuel Bandeira. Você fará a travessia poética de *Os Sinos da Agonia* e, também, penetrará no universo arquitetônico do barroco.

b) Veja, quando tiver oportunidade, o filme *Os Inconfidentes*, de Joaquim Pedro de Andrade, onde ele mescla a realidade histórica do passado e do presente. Assim, você enriquecerá ainda mais a sua leitura de *Os Sinos da Agonia*.

— BIBLIOGRAFIA CONSULTADA —

- AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Delta, 1958.
- ÁVILA, Affonso. *O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto*. Rio de Janeiro, Ed. de Ouro. s/d.
- BÍBLIA. N. T. Português. Figueiredo. Rio de Janeiro, Guarabu, 1961.
- COSTA, Flávio Moreira da. "Autran Dourado: Questões de Vida e Morte". In: *Opinião*. São Paulo, 1/11/1974.
- FOUCAULT, Michel. *Surveiller et Punir: Naissance de la Prison*. Paris, Gallimard, 1973. (Existe tradução em português.)
- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*. São Paulo, Ave Maria, 1973.
- SENRA, Angela. *Paixão e Fé: Os Sinos da Agonia de Autran Dourado* (dissertação de mestrado). Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1981.
- SILVA, Antônio de Moraes. *Diccionario da Língua Portuguesa, Recopilado dos Vocabularios Impressos até Agora, Novamente Emendado e Muito Acrescentado*. Lisboa, Tipografia Lacerdina, 1813.
- SOUZA, Eneida Maria de. *A Barca dos Homens: a Viagem e o Rito* (dissertação de mestrado). Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 1975.

Índice

Sumário	2
Depoimento biográfico: Proseando com Autran Dourado	3
Cronologia biográfica	14
Obras do autor	16
Textos selecionados	17
<i>A Barca dos Homens</i>	17
I/O Ancoradouro -- 1. O Cemitério da Praia	18
<i>Uma Vida em Segredo</i>	29
Capítulo 1	29
Capítulo 2	32
<i>Ópera dos Mortos</i>	37
Capítulo 1 -- O sobrado	37
Capítulo 3 -- Flor de seda	41
<i>O Risco do Bordado</i>	50
Capítulo IV -- As voltas do filho pródigo	50
<i>Solidão Solitude</i>	64
Tempo de Mário e Outros Tempos	64
<i>Poética de Romance: Matéria de Carpintaria</i>	72
9. Os Sinos da Agonia	72
<i>Os Sinos da Agonia</i>	84
Primeira Jornada -- A farsa	84
Panorama da época: "História, essa espécie de sonho infalível e fatal"	99
Cronologia histórico-cultural	102
Características do autor: "Estou querendo fazer um livro só"	104
Exercícios de fixação	107
Atividades de criação	109
Bibliografia consultada	111

DOAÇÃO DE
DESCONHECIDO
Data: 10/02/98 Preço: R\$ 23,00

NÚMEROS ATRASADOS

Complete sua coleção: Exemplares atrasados, até seis meses após o encerramento da coleção, poderão ser comprados, a preços atualizados, da seguinte forma:

1. **Pessoalmente:** Por meio de seu jornalista ou dirigindo-se ao Distribuidor Abril local, cujo endereço poderá ser facilmente conseguido junto a qualquer jornalista de sua cidade. Em São Paulo, os endereços são: Av. Industrial, 117 (Santo André), Rua Oiapoque, 91/99 (Brás), Rua Clodomiro Amazonas, 889 (Itaim Bibi), Rua João Pereira, 197 (Lapa), Rua Antônio de Barros, 841 (Penha), Rua Domingos de Morais, 1851 (Vila Mariana), Rua Brigadeiro Tobias, 773 (Centro). No Rio de Janeiro, os endereços são: Rua Sacadura Cabral, 141 (Centro), Rua da Passagem, 93 (Botafogo), Rua Dr. Borman, 31 (Niterói).

2. **Por carta:** Poderão ser solicitados exemplares atrasados também por carta, que deve ser enviada para: Abril S.A. Cultural e Industrial, Números Atrasados - Distribuidora, Caixa Postal 60171, São Paulo, SP. Não envie pagamento antecipado. O atendimento será feito pelo reembolso postal e o pagamento, incluindo as despesas postais, deverá ser efetuado ao se retirar a encomenda na agência do correio. Após seis meses do encerramento da coleção, os pedidos serão atendidos somente por carta dirigida a Números Atrasados - Distribuidora, dependendo da disponibilidade do estoque. Obs.: Quando pedir livros, mencione sempre o título e/ou autor da obra, além do número da edição.

Volumes publicados na série 1980-1981:

Machado de Assis
Vinícius de Moraes
Chico Buarque de Holanda
José de Alencar
Lygia Fagundes Telles
Carlos Drummond de Andrade
Mílter Fernandes
Luís Vaz de Camões
Aluísio Azevedo
Castro Alves
Camilo Castelo Branco
Otavo Biçac
Eça de Queirós

Volumes publicados na série 1981-1982:

Jorge Amado
Manuel Bandeira
Graciliano Ramos
Caetano Veloso
Raul Pompéia
Monteiro Lobato
Clarice Lispector
Joaquim Manuel de Macedo
Nelson Rodrigues
Dias Gomes

LITERATURA COMENTADA

1982-1983

Volumes publicados:

Gilberto Gil
Álvaro de Azevedo
Cecília Meireles
Guimarães Rosa
João Cabral de Melo Neto
Ziraldo
Augusto dos Anjos
Márcio Souza
Noel Rosa
José Lins do Rego
José Louzeiro
Cruz e Sousa
Mário de Andrade
Casimiro de Abreu
Cronistas e Viajantes
Mário Quintana
Poesia Jovem - Anos 70
Alexandre Herculano
Martins Pena
Ana Maria Machado
Bernardo Élis
José Cândido de Carvalho
Herberto Sales

Próximos lançamentos:

Aníbal Machado
Pedro Nava

Lima Barreto
Oswald de Andrade
Rubem Braga
Autores do Cordel
Tomás Antônio Gonzaga
Bocage
Gianfrancesco Guarnieri
João Antônio
Dalton Trevisan
Gregório de Matos
Fernando Sabino
Ferreira Gullar

Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta)
Murilo Rubião
Antônio Callado
Guilherme de Almeida
Gil Vicente
Gonçalves Dias
Eucídes da Cunha
Poesia Concreta
Cesário Verde
José J. Veiga

AUTRAN DOURADO

"Dividia a sua vida em tempos. Como se fosse um velho, não era um velho. Vida noturna de jornal, a disponibilidade inata para a vagabundagem. Andar pelas ruas de noite como nos tempos de São Mateus. Sempre gostou de andar à toa pelas ruas, nas noites vazias e fundas, sem fim."

("Tempo de Mário e Outros Tempos",
Autran Dourado)

Solitários personagens, como o Amadeu que caminha sem destino, são freqüentes em Autran Dourado. Refletem, no seu comportamento, a solidão que é tom marcante na obra do escritor. Um clima interior, em que cada um se aflige com seus temores, nos caminhos de suas vidas sem grandes perspectivas.

As narrativas de Autran Dourado, mais que simples histórias, são plenas de significado. Tudo tem sua razão de ser, desde o nome dos personagens até objetos e ambientes, enigmas que o leitor deve decifrar, à medida que vai penetrando no texto. Não se pense, com isso, que Autran é um escritor de leitura difícil. Ao contrário, sua linguagem escorre com fluidez, fundindo discurso e diálogos, como se ele próprio nos estivesse falando.

Há um pouco de todos nós nos personagens de Autran, com seus anseios e fraquezas, vivendo num mundo que é o nosso, de paixões, tristezas, alegrias. E Autran incentiva-nos a tentar entender o nosso mundo, como ele próprio, mineiro, busca entender o seu: "O dia que eu entender Minas acho que paro de escrever".

Neste volume de *Literatura Comentada*, temos uma preciosa avaliação de Autran Dourado, realizada por Angela Maria de Freitas Senra, professora de Teoria Literária na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e mestre em Literatura Brasileira pela Faculdade de Letras da UFMG.

LITERATURA COMENTADA